



9. POLÍTICA

O meteoro chamado Albert Dickson

De discreto a estiloso; de católico a protestante; de anônimo a líder, as várias faces do presidente da Câmara Municipal de Natal.

14. CIDADES

Um bluesman que o rádio calou

Como a paixão pelo futebol e os acordes práticos do ser transformaram a vida de Ricardo Silva, um ícone do radiojornalismo.



17. CULTURA

FÁBIO CORTEZ / NJ



CASTELO, O ILUMINADOR, UM ILUMINADO

15. ESPORTES

COM AMÉRICA E ABC EM CAMPO, ESTADUAL AGORA É PRA VALER

4. RODA VIVA

PETROBRAS QUER VENDER PARQUES EÓLICOS QUE MANTÉM NO RN

EXEMPLAR DE ASSINANTE

www.novojournal.jor.br

R\$ 1,50

NOVO JORNAL

Ano 4 # 1024 Natal-RN Domingo 3 / Março / 2013

3. PRINCIPAL

NO CIRCUITO CHIC, LUXO DE VERDADE É TER SEGURANÇA

/ PETRÓPOLIS E TIROL / A VIOLÊNCIA TRANSTORNA A ROTINA DO COMÉRCIO, QUE APELA CADA VEZ MAIS À GUARDA PRIVADA. ONTEM, UMA LOTÉRICA SOFREU 3º ASSALTO EM APENAS UM MÊS

12. CIDADES



ERA UMA VEZ... JENIPABU

NEY DOUGLAS / NJ

2. ÚLTIMAS

CLÁUDIA REGINA RECORRE SEM DEIXAR A PREFEITURA

Prefeita de Mossoró vai tentar suspender a sentença de cassação e, em outro recurso, anular o processo. Ela e o vice só devem ser notificados das punições nesta segunda-feira.

WWW.IVANCABRAL.COM

"PIBINHO"



SANTA FE MOTOR 3.5 V6 TAXA 0%



Faça revisões em seu veículo regularmente

VEJA NA PÁGINA 7



BATALHA NA JUSTIÇA

/ MOSSORÓ / ADVOGADOS IRÃO APRESENTAR RECURSOS AMANHÃ PARA MANTER A PREFEITA CLÁUDIA REGINA NO CARGO

A DEFESA DA prefeita de Mossoró, Cláudia Regina, entra amanhã com dois recursos para mantê-la no cargo. O advogado Humberto Fernandes vai ajuizar um recurso eleitoral pedindo que o juiz conceda um efeito suspensivo da decisão e, paralelamente, entrará com uma ação cautelar no Tribunal Regional Eleitoral solicitando a suspensão da decisão. O que for decidido primeiro anula o outro pedido. Segundo o advogado, há jurisprudências em relação ao efeito suspensivo. "Temos várias experiências de magistrados que assim o fazem. Quando a prefeita Fafá foi cassada em 2008 um juiz deu o efeito suspensivo. E é mais prudente que um tribunal com mais maturidade faça essa discussão de forma mais ampla", afirmou.

A decisão da cassação de Cláudia Regina ainda será publicada amanhã. Caso a justiça não acate os pedidos da defesa, a prefeita terá que deixar o cargo a partir da 0h de terça-feira, quando começa a valer os efeitos da sentença. "Essa decisão ainda não existe formalmente. Só foi divulgada porque um funcionário da zona eleitoral, estranhamente, colocou no twitter dele e divulgou no site do tribunal", disse.



► Izabel Fernandes, Humberto Tavares e Emanuel Alves: advogados da prefeita Cláudia Regina

Sobre o conteúdo da sentença, Humberto Fernandes comentou que causou impacto. Ele lembrou que o próprio juiz, na decisão, diz que tanto a prefeita Cláudia Regina como o vice Wellington Júnior, não tiveram participação em nenhum ato, já que a denúncia envolve a presença e ações da governadora Rosalba Ciarlini em Mossoró durante o período eleitoral. "Ele coloca na decisão que a governadora subiu no palanque e que Cláudia Regina era confiável e única candidata que pudesse conduzir Mossoró.

Fala também de uma caminhada que Rosalba, mas não há ilícitos nesses fatos. Não existe argumento nem prova de compra de voto ou de uso de patrimônio público", afirmou.

Humberto Fernandes também reclama que a própria candidata derrotada Larissa Rosado usou personalidades durante a campanha eleitoral e nem por isso a Justiça a condenou. "Dilma gravou depoimento para Larissa, o deputado Romário foi a Mossoró, a mãe de Larissa e deputada Sandra Rosado também foi lá. O comitê de campanha era na casa

de Sandra, mas nós achamos que também são todos atos lícitos", afirmou.

CONDENAÇÃO

Cláudia Regina e Wellington Júnior foram condenados sexta-feira passada em primeira instância como beneficiária do abuso de poder, perdendo o cargo de prefeita e vice-prefeito ficando inelegível por oito anos. De acordo com a decisão do juiz da 33ª Zona Eleitoral, José Herval Sampaio Júnior, uma nova eleição deve ser realizada nos próximos dias.



Editor
Moura Neto

E-mail
mouraneto@novojornal.jor.br

Fones
84 3342.0358 / 3342.0350



► Maria Andre da Silva, a tia de Alexandre Silva de Lima: afeto ao gato preto

/ SÃO GONÇALO /

CASA DO CATIVEIRO FICOU TOMADA DE LIXO

BENEDITO ESTÁ BEM. Sem ferimentos e aparentemente sem seqüelas do trauma também. Benedito, na verdade, nem parecia sentir, na manhã de ontem, os efeitos das 24 horas mais longas das sete vidas dele. No colo da mãe, o máximo que o felino fazia era demonstrar preguiça. No entanto, foi o motivo maior de preocupação de Maria Andre da Silva. A tia de Alexandre Silva de Lima, o desempregado que manteve a jovem Jorcinará Cibelly da Silva em cárcere privado por um dia inteiro em São Gonçalo do Amarante, vive em conflito com o sobrinho, transferido para a penitenciária de Nova Cruz. O motivo é o consumo de crack. Os dois são viciados, mas ela reclama que Alexandre não tem limites. "Eu compro a pedra, mas a pedra não me compra não", diz.

Ontem pela manhã, em contraste com a rua tranqüila que viveu um dia inteiro de terror, a casa de Maria Andre estava completamente revirada. Móveis jogados no chão, objetos, cápsulas de bala e lixo por todo o lado. Ainda assim, Maria Andre esboçava um

sorriso para Benedito, o gato preto que achou na rua e desde o ano passado virou o único companheiro de vida. "Meu Nêgo é tudo para mim. Benedito é tudo o que eu tenho. Do lado de fora eu só pensava nele", contou.

Maria Andre não se dá com a família. Ela é irmã da mãe de Alexandre. O garoto aparece de vez em quando. "Nunca vem, e quando aparece é para curtir as paradas dele aí", contou. A tia lembra que deu de cara com o sobrinho quinta-feira dentro da própria casa. O mandou embora, mas foi ignorada. Ele estava consumindo crack com a namorada Jorcinará Cibelly da Silva, que conheceu em Natal.

Segundo Maria Andre, aparentemente, a intenção do sobrinho não era trancar e ameaçar a garota em casa. Mas como a droga estava acabando e a polícia chegou, a situação o teria levado a manter a companheira em cárcere privado durante o tempo em que durou as negociações. "Acho que ele só queria curtir", comentou a tia, que fez a denúncia com medo de ser presa junto com o sobrinho.

MAIS UMA VITÓRIA DA AGRICULTURA IRRIGADA DO RIO GRANDE DO NORTE

"Lutar pelo desenvolvimento da nossa agricultura, do emprego e da renda é obrigação do Parlamentar" declarou o deputado Betinho Rosado.

Na quarta-feira, 27 o Senado Federal aprovou em definitivo a Medida Provisória 582/2012, que amplia a desoneração da folha de pagamento para diversos setores da economia. Esses setores serão beneficiados pela tributação da receita bruta em substituição às contribuições sociais para a previdência. A MP 582 acrescenta no seu anexo II o código 0807.1 na Lei 12.546 de dezembro de 2011, incluindo o melão e a melancia. Trabalho parlamentar do Deputado Betinho Rosado. Com a nova Lei as empresas produtoras de melão e melancia terão uma redução de sessenta por cento sobre a contribuição previdenciária. A contribuição que é de 2,5 por cento sobre

o faturamento passará para 1 por cento. O transporte também será desonerado, passando a contribuir também com 1 por cento sobre o faturamento. Os demais impostos, PIS/COFINS e IPI presentes no arranjo produtivo do melão e da melancia também terão suas alíquotas reduzidas, em alguns casos, a zero, beneficiando dessa forma toda a cadeia de produção.

"O sentimento do dever cumprido a cada vitória que a economia potiguar tem expressa na Lei Federal, anima o mandato e é motivo, sempre de grande alegria" deputado Betinho Rosado.

O relator da MP 582 Deputado Marcelo Castro (PMDB-PI) disse - Acompanho de perto o trabalho de Betinho Rosado na Câmara Federal, atendi sua solicitação com certeza de que se trata de desenvolvimento, distribuição de riqueza e progresso do nosso Nordeste.



CAMPEONATO ESTADUAL 2013

AMÉRICA X CORINTIANS

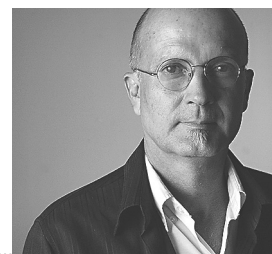
Domingo - 03/03 - 17h
Nazarenão (Goianinha)

- Narração de Glauber Nascimento
- Comentários de Mário França
- Reportagem de Mályk Nagib e Iuri Souza



Patrocínio

Principal



Editor

Moura Neto

E-mail

mouraneto@novojournal.jor.br

Fones

84 3342.0358 / 3342.0350

/ VIGILÂNCIA /
CRESCIMENTO DO ÍNDICE DE VIOLÊNCIA EM ÁREAS COMERCIAIS COMO O PLANO PALUMBO GERA MAIS DEMANDA ÀS EMPRESAS DE SEGURANÇA, QUE CRESCEM EM MÉDIA 12% AO ANO



► Fachadas de lojas na avenida Afonso Pena, em Petrópolis: precaução máxima



FOTOS: EDUARDO MAIA / NJ

SEGURANÇA? SÓ SE FOR PRIVADA

MARCO CARVALHO
DO NOVO JORNAL

É CADA VEZ maior a procura por serviços de segurança privada entre empresários de Natal. O crescimento no registro de furtos e roubos tem forçado investimentos em diversos equipamentos que possam garantir a tranquilidade no comércio. De acordo com estimativas do Sindicato de Empresas de Segurança Privada, a demanda por esses materiais e serviços particulares tem apresentado uma taxa de crescimento de 12% ao ano.

"A procura aumenta de forma proporcional ao crescimento da criminalidade", afirma o presidente do Sindicato, José Rossini Araújo Braulino. Ele não detalha em números absolutos o aumento na procura, mas garante que, dada a elevada quantidade de crimes registrados, a procura nas empresas de segurança privada é cada vez maior.

Lojistas dos principais centros de compra da capital potiguar tem procurado reforçar a segurança dos estabelecimentos, principalmente os que são localizados em Petrópolis, Tirol (no chamado Plano Palumbo), Alecrim e Cidade Alta.

Na manhã da quinta-feira passada, a loja Lacoste do CCAB, na avenida Afonso Pena, foi invadida por uma quadrilha de assaltantes que realizou um

arrastão no local. O prejuízo estimado pela proprietária foi de R\$100 mil. Os casos recorrentes geraram uma sensação de insegurança que já perdura há algum tempo. É para tentar evitar ou inibir ataques como esse que é cada vez mais comum a presença de seguranças particulares, câmeras e alarmes.

Quem passa pela região conhecida como Plano Palumbo não deixa de notar o reforço na segurança com iniciativa própria dos empresários. Algumas lojas chegam a contratar vigilantes e seguranças para ficarem na porta de entrada com o objetivo de afastar qualquer possibilidade de assalto.

Esse é o caso da padaria Pão Petrópolis. O estabelecimento passou por um assalto com grandes repercussões há pouco mais de um ano e tentou adotar medidas para evitar que aquilo se repetisse. Na oportunidade, três pessoas foram atingidas por disparos de arma de fogo durante um assalto. Uma das vítimas ficou paraplégica após ser atingida nas costas. Hoje, um vigilante fica na porta do local no período da tarde. No entanto, não tem autorização para portar arma.

As medidas de segurança privada esbarram na autorização para porte de arma em via pública, restrito às forças policiais. O problema reside no fato de a polícia ser, na maioria dos casos, ausente no patrulhamento aos comércios, como destaca empresários e

funcionários das lojas. "Isso aqui não mudou nada um ano depois. Quando tem um assalto, o carro da PM fica aí em frente, como você está vendo, mas pouco tempo depois some", relatou Jurema Alves, funcionária da padaria.

Ontem, uma viatura da PM estava postada em frente à loja da Lacoste, que também fica próximo à padaria. As medidas de segurança privada, no entanto, trazem um custo representativo aos empresários. No caso da Lacoste, por exemplo, a proprietária Carla Araújo alegou que as câmeras não funcionavam no dia do crime devido ao custo.

"Realizamos uma reforma e gastamos muito. Até começamos a mudar o sistema de monitoramento, de analógico para digital, mas deixamos para depois para concluir a alteração", disse em entrevista no dia do assalto, quinta-feira passada.

De acordo com estimativas do Sindicato de Empresas de Segurança Privada, a média de investimento para instalação de um circuito de câmeras com gravação e um alarme é de no mínimo R\$ 5 mil. O preço varia de acordo com as marcas disponíveis e a complexidade do monitoramento, podendo alcançar valores superiores.

COTIDIANO

O presidente do sindicato, José Rossini, traça uma perspectiva de uma maior insegurança nos próximos anos. "Estamos em um patamar que daqui a poucos anos a segurança privada fará parte do cotidiano do cidadão. Será como pagar contas de luz, água e telefone", diz.

Rossini chama atenção para um problema que pode surgir em virtude da maior procura por segurança privada. Para ele, a segurança clandestina, que atua sem regulamentação junto ao Ministério da Justiça, faz um papel inverso. "A segurança clandestina representa um elo com a criminalidade. São eles quem muitas vezes passam informações para assaltos. É algo complicado e perigoso e que não aconselhamos a contratação".



ARGEMIRO LIMA / NJ

► Carla Araújo, proprietária da Lacoste: assaltada na última quinta-feira



ARGEMIRO LIMA / NJ

CDL REIVINDICA REFORÇO POLICIAL NO PLANO PALUMBO

A Câmara de Dirigente Lojistas de Natal (CDL) se posicionou ontem, a pedido do NOVO JORNAL, sobre a situação de insegurança que gera medo a comerciantes e clientes do Plano Palumbo e de outras regiões comerciais da cidade. O superintendente do órgão, Adelmo Freire, afirmou que a situação de insegurança se tornou comum e que é necessário reforço policial na área.

"É uma reclamação antiga sobre uma situação de insegurança que já perdura há algum tempo. O CDL realizou reuniões sobre o assunto e tentamos de várias formas solucionar o problema, mas sempre recebemos as mesmas respostas", afirmou Adelmo Freire.

Segundo o superintendente, o próprio lojista está receoso em dimensionar o problema da falta de segurança sob o argumento de que isso afastaria o cliente.

Para o representante dos lojistas, a insegurança mina a estratégia de oferecer um tratamento diferenciado aos clientes, como é o caso do CCAB, na avenida Afonso Pena. "Ali é um centro comercial aberto e tem que conviver com o problema da insegurança. É diferente de um espaço como um shopping. Nos centros de rua, busca-se um tratamento diferenciado para o cliente", disse.

Freire confirma que a procura por segurança privada é cada vez maior, tanto para combater assaltos como furtos, geralmente registrados no período da noite. Para



NEY DOUGLAS / NJ

► Adelmo Freire, superintendente Câmara de Dirigente Lojistas de Natal: "É uma reclamação antiga"

o superintendente, o aumento da criminalidade também está ligado ao crescimento da cidade. "Natal não é a mesma de 20 anos atrás. Estamos enfrentando os problemas de uma cidade que está próximo de atingir a marca de um milhão de habitantes. Então, com o crescimento vem a consequência dos grandes centros", ressaltou o superintendente da CDL.

Adelmo pontua ainda que o crescimento da criminalidade não inibe o aumento na quantidade de negócios em abertura pela cidade. "Cabe que seja destinado um maior reforço policial para dar tranquilidade ao lojista, que não tem se intimidado e continua expandindo os negócios. Isso tem gerado uma visibilidade maior e atraído o marginal".

PATRULHAMENTO CONSTANTE?

A Polícia Militar já se posicionou sobre a questão da segurança na região do Plano Palumbo. Para a corporação, não há problemas críticos na região apesar do registro recorrente de casos. A PM tratou o assalto na Lacoste como "caso isolado" e informou que efetivo do 1º Batalhão e da Rocam realizam patrulhamentos constantes na área. Ainda não há informações sobre a identificação e localização dos responsáveis pelo assalto na CCAB. Em razão da dimensão do prejuízo, o caso deverá ser investigado pela Delegacia Especializada de Furtos e Roubos (Defur).

À NOITE TODOS SÃO SUSPEITOS

O NOVO JORNAL foi à Av. Afonso Pena na noite do assalto. Às 19h no bairro de Petrópolis é como se a noite já fosse avançada. O estudante Rafael Almeida é um dos poucos moradores a manter o costume da caminhada noturna. "Não dá pra ficar preso em casa, enquanto os bandidos estão soltos. A gente fica resguardado, mas arrisca assim mesmo. Eu não venho com acessórios que chamem a atenção. Nem celular trago", explica. Os assaltantes ainda não despertaram para os tês vistosos de quem caminha nas largas avenidas do Plano Palumbo.

Nos canteiros centrais as árvores criam pontos cegos para olhos que buscam identificar suspeitos entre os poucos transeuntes. Márcio Pinto, que trabalha para uma empresa de segurança, contratada por um dos empresários do bairro, diz que as rondas são frequentes, mas os bandidos já aprenderam a driblar os policiais. "Eles sabem quando a polícia sai. Só atacam nessa hora. Eu, por exemplo, sou vigilante, mas me sinto vigiado pelos vagabundos. Dá a impressão que eles sabem cada passo que eu dou", confessa.

Na padaria Pão Petrópolis, onde há pouco mais de um ano um assaltante deixou uma cliente tetraplégica, o movimento é de uma normalidade apenas aparente. Desde o ocorrido a loja tem segurança 24 horas, mesmo assim a gerente Andrezza Souza não esconde o temor da repetição de fatos semelhantes. Diante do que considera uma escalada na violência, só resta torcer por mais policiamento. "Falase em instalar aqui perto um posto policial, mas por enquanto contamos com a nossa segurança contratada", relata, consciente que assaltos como o da Lacoste, por sua repercussão negativa, ajudam a aumentar a sensação de insegurança e podem afetar os negócios em todo o bairro.

CONTINUA
NA PÁGINA 5 ►



EDUARDO MAIA / NJ

► Lojas contratam segurança privada para se protegerem dos assaltos

Opinião

► rodaviva@novojornal.jor.br

RODA VIVA

CASSIANO ARRUDA CÂMARA

Interino: Carlos Magno Araújo com Redação

CRISE NO VENTO

A se confirmar a informação da revista Exame é uma bomba e uma perda para a economia do Rio Grande de Norte se, de fato, a Petrobras, por causa da crise, botar a venda sua participação nas quatro usinas de Mangue Seco, em Guararé. Segundo a revista, com o desafio de arrecadar US\$ 14 bilhões com a venda de ativos no Brasil e no exterior, a Petrobras decidiu se desfazer de parte de seus negócios na área da energia renovável. Sua unidade de energia eólica seria a primeira da lista.

CRISE NO VENTO 2

Segundo a revista, a estatal contratou o banco Santander para achar compradores para suas participações nas quatro usinas do Parque Eólico de Mangue Seco – Potiguar, Cabugi, Juriti e Mangue Seco. Os 52 geradores que entraram em operação comercial no fim de 2011 custaram R\$ 424 milhões de reais e formam a maior capacidade instalada do segmento no país.

CRISE NO VENTO 3

Também serão vendidas as participações de 14% em duas pequenas centrais elétricas de Tocantins e de 49% na Brasil PCH, dona de outras treze geradoras.

OURO

Embora os investimentos ainda não possam ser classificados como gigantesco no RN, muito embora as cifras nesta área sejam sempre altas, o Rio Grande volta a aparecer no mapa da exploração de ouro no país, principalmente por causa de investimentos feitos por empresas canadenses, que estão apostando milhões em pesquisas e tecnologia de exploração.



OURO 2

Em Serra Pelada, no Pará, por exemplo, quase 30 anos depois, a produção de ouro está sendo retomada depois que mineradora canadense Colossus investiu cerca de R\$ 560 milhões, com muita tecnologia e maquinário pesado: pelo menos 50 toneladas de ouro, platina e paládio devem ser extraídos de Serra Pelada nos próximos dez anos. Cerca de 65 toneladas de ouro foram produzidos em 2011 no Brasil, o maior volume desde 1994. A previsão do Ministério das Minas e Energia é que até 2017 a produção chegue a 130 toneladas por ano.

SAÍDAS DA SAÚDE

Se não descobriu a pólvora, a Prefeitura de Natal pode ter encontrado uma maneira interessante de fazer a saúde funcionar sem amarras impostas até então pela exclusividade do acordo com a Cooperativa dos Médicos.

Nada contra, evidente, o direito de os médicos promoverem convênio com o município, a fim de, oferecendo serviços de que a prefeitura não dispõe, atender a clientela, que é grande.

E nada contra o fato de a prefeitura recorrer às cooperativas, exclusivamente, a fim de tentar reparar os buracos que não são poucos no preenchimento das vagas dos médicos e na oferta de atendimento.

Nada contra, mas evidente que quando surgem outras alternativas – e estas parecem, ao menos no primeiro momento, mais vantajosas, é preciso registrar, ainda que pese sobre a gestão que está chegando a impressão do desapareço que nutre pela chamada terceirização dos serviços – hoje uma saída enfrentada por outras capitais para manter o atendimento de saúde pública em nível aceitável.

Alguns gestores no RN precisam deixar de associar, sempre, a imagem da terceirização com a da irregularidade. Por mais que tenha havido casos suspeitos de irregularidades, é necessário ficar claro que o modelo, que se difunde como eficiente noutras regiões, não pressupõe fraudes, vícios ou burla. Os filtros assegurados por uma fiscalização eficiente e pelas vias legais existem para evitar as tentativas de desvirtuamento.

A prefeitura empossou 55 jovens formandos de medicina para trabalharem no programa saúde da família – por 40 horas semanais, receberão R\$ 8 mil, o que parece um bom salário para quem inicia uma carreira.

Ao ressaltar a economia, uma vez que os valores serão pagos pelo Ministério da Saúde por meio de um programa federal, o secretário de Saúde Cipriano Maia disse que em muitos locais os novos contratados irão substituir profissionais da Cooperativa dos Médicos, o que, mais adiante, levará o município a poupar ainda mais. O contrato atual com a cooperativa representa R\$ 3 milhões todo mês.

Buscar economia sem que isso se reflita em perda de qualidade parece ideal para uma gestão pública, mas nem sempre o que resolve num determinado segmento é solução para outro.

Os ambulatórios médicos são bom exemplo disso. Eram, na administração passada, uma ilha de bons serviços em uma gestão eivada de problemas. Foi cortada em razão de processo apontado como irregular. Era um serviço que funcionava e, por ser eficiente, merece voltar.



NOMEADO

A nomeação, de fato, de José Dionísio Gomes da Silva para secretário municipal de Administração saiu ontem no Diário Oficial do Município.

SOLTA O SOM

Em outra portaria, a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos não somente regula o horário de realização de eventos no Mercado Público de Petrópolis, como estabelece o estilo musical. É uma exceção à proibição de eventos festivos nas áreas dos mercados municipais. Aliás, a realização de festas nestas áreas foi suspensa mais 45 dias, contados a partir de ontem.

SOLTA O SOM 2

No Mercado de Petrópolis, porém, dada à tradição, estão permitidos forró, às sextas, das 18h às 22h, e pagode aos sábados, das 15h às 20h. Pelo jeito, quem arriscam uma MPB, dança.

PIBINHO

O “pibinho” de 2012 reforça a tese de que o caminho percorrido pelo governo federal está equivocado e necessita ser alterado, disse o líder da oposição, senador José Agripino, para quem o governo continua longe de formular políticas de longo alcance para elevar a competitividade nacional.

NEGOCIAÇÃO

Por dever de justiça, é preciso reconhecer a eficiência da polícia ao negociar o fim do sequestro de uma jovem, pelo namorado, em São Gonçalo do Amarante, que durou mais de 24 horas da quinta para sexta passada. Apesar do clima tenso, não houve vítimas.

SEM COLA

Alguma razão deve haver para a UFRN decidir criar uma comissão com a finalidade de elaborar proposta de resolução acerca do plágio científico. O grupo terá cinco integrantes que vão trabalhar para criar medidas que regulamentem os trabalhos acadêmicos

TRABALHO

Estudo divulgado pelo Sebrae aponta que as microempresas são as que mais geraram empregos no RN. São aquelas que possuem até dezenove funcionários. Segundo a Análise da Evolução do Mercado de Trabalho Formal, a indústria têxtil foi a que mais demitiu. No geral, o RN acumulou saldo positivo na geração de postos de trabalho com carteira assinada na última década.



Editor

Carlos Magno Araújo

E-mail

carlosmagno@novojornal.jor.br

Fones

84 3342.0358 / 3342.0350

Editorial

Vento que vai...

A informação que circula nesta semana na revista Exame, dando conta das iniciativas da Petrobras para se desfazer de sua participação nos parques eólicos do Rio Grande do Norte a fim de tentar debelar a crise em que está envolta merece atenção não somente da classe empresarial, mas das autoridades políticas.

É necessário mobilização para que sejam esclarecidos todos os detalhes da transação - ou da tentativa de negociação. É para evitar, entre outros problemas, o risco, de, sendo o último a saber, o estado ficar com o pepino - e com o prejuízo - na mão.

A princípio, a ideia de que a estatal contratou uma instituição privada, o Banco Santander, para achar compradores para seu projeto no RN não pode ser classificada como ruim, tendo em vista que, em crise, a Petrobras repassará sua participação para um interessado com suporte financeiro capaz de tocar, melhor do que ela, os parques eólicos. Teoricamente, a leitura é essa.

É necessário, no entanto, apesar de atenção, pressa. As autoridades locais precisam demonstrar interesse em conhecer o que se pretende no negócio, muito embora a Petrobras tenha autonomia para desenvolver seus projetos.

Não parece correto, no entanto, que pouco depois de inaugurar o Parque Eólico de Mangue Seco - há pouco mais de um ano, em novembro de 2011 - a empresa tenha decidido sair do negócio, o que sugere que não deve ser bom, ou não a ponto de compensar a participação e o investimento.

O Parque Mangue Seco fica em Guararé, nas proximidades da refinaria Clara Camarão, e reúne as usinas Potiguar, Cabugi, Juriti e Mangue Seco, que dá nome ao complexo. Foram investidos R\$ 424 milhões e incluem 52 aerogeradores de 2 megawatts cada. Possui, assim, a maior capacidade instalada do país com esse tipo de aerogeradores, suficientes para suprir energia elétrica a uma população de 350 mil habitantes.

Não faz muito tempo o Rio Grande do Norte perdeu o direito de ter uma refinaria de petróleo. Para isso, a estatal escolheu Pernambuco. Como consolo, a Petrobras batizou uma minirefinaria que já havia em Guararé como Refinaria Clara Camarão - chamada por alguns empresários e por quem milita na área do petróleo como “refinaria me engana que eu gosto”.

Até para dissolver qualquer suspeita que possa haver no fato de a Petrobras desistir agora dos seus parques eólicos no RN, é fundamental que as forças econômicas e políticas se mobilizem.

Artigo

CARLOS MAGNO ARAÚJO

Diretor de Redação ► carlosmagno@novojornal.jor.br



Zico

Não somente o torcedor do Flamengo, mas todo aquele que gosta de futebol deveria ter no quarto ou na sala um pôster de Zico - ou num porta-retrato na mesa de trabalho, junto da imagem da mulher e da filha, a foto do cara festejando um gol ou saudando, humilde, os torcedores, os seus súditos, para resumir a relação e a reverência em questão.

Se o torcedor for corajoso, não fará feio se junto da foto do Galinho botar outra de Moraes Moreira, autor da canção-hino que melhor descreve a paixão por um craque e a falta que faz um talento da bola numa tarde de domingo. É a melhor música sobre futebol já composta no Brasil, não por acaso por um amante do jogo de bola.

A homenagem - de letra emocionante e cunho poético - não ficaria feia, antes pelo contrário, se fosse regrava da por um Caetano Veloso ou mesmo por um João Gilberto, com ou sem esquisitices, o que não seria má ideia diante da efemeridade.

Festejados não somente pelos rubro-negros, os 60 anos do craque são uma festa para o esporte, principalmente para aqueles que não o dissociam da vida fora dos estádios e das arenas.

Foi de Armando Nogueira a comparação, segundo a qual o futebol é um microcosmo da vida, por ensinar companheirismo, amizade, solidariedade e a importância do trabalho em equipe como formas de encurtar o caminho até o sucesso.

O futebol une e socializa, ainda que nele se escorem marginais capazes de matar um adversário pelo simples motivo de não torcerem pelo seu time.

Zico, recolhido em seu silêncio e em suas andanças pelo mundo depois que se desiludiu com cartolas e gestores do esporte no Brasil, dá lições, ainda que calado. Cabe nele melhor do que em Pelé a expressão do rei em ironia fina por Romário para desmoralizar o Rei: Zico, sim, calado é um poeta.

Junto com alguns outros, como Roberto Dinamite, Júnior, Sócrates, Leandro, Falcão, moldou o caráter de uma geração inteira, tanto quanto desfilarão talento de sobra em campo. Ainda que não tenham sido campeões do mundo, ao contrário de pernas de pau que brilharam mais por causa do aparelho nos dentes e do corte dos cabelos, estão para sempre guardados no baú inesquecível da memória de quem os viu jogar.

Zico está completando 60 anos e o futebol está em festa - pelo simples fato de ele ter colorido, inúmeras vezes, as tardes de domingo, subjugando pelo talento seus adversários. Hoje, genuflexos, agradecemos.

ZUM ZUM ZUM

► O vereador Ary Gomes promete muita festa neste domingo para marcar seus 41 anos de moradia em Nova Descoberta - missa, bolo, suco e depois um mutirão de limpeza.

► A partir de amanhã e até dia 6, quarta, tem a 40 Graus - Feira de Calçados e Acessórios, no Centro de Convenções.

► A UFRN lançou concurso para contratar dois médicos veterinários, um auxiliar de veterinária e um de zootécnica. As inscrições serão abertas dia 18 e vão até 8 de abril.

► A OAB-RN está convocando todos os advogados a participarem amanhã da reunião que irá discutir e apresentar sugestões para melhorar o setor de

precatórios do Tribunal de Justiça. Às 16h no auditório da seccional potiguar.

► Com ABC e América, finalmente começa o campeonato estadual de futebol.

► Segundo a Secretaria de Educação, os professores e especialistas da rede estadual receberam os salários do mês de fevereiro com o reajuste de 7,97%,

em cumprimento à lei do piso nacional e com o retroativo ao mês de janeiro; e as promoções verticais com processos abertos entre 2006 e 2009.

► Disponível desde sexta, no Portal da Transparência do Ministério Público Federal, o Diário do MPF Eletrônico, o instrumento oficial de divulgação e publicação dos atos da instituição.

Invista seu dinheiro onde ele pode render mais do que na poupança, com a mesma segurança. Faça uma LCI da CHB.

rende até **50% a mais** do que a nova poupança*

mesma segurança da poupança sem taxas, sem tarifas

isenção de imposto de renda**

possibilidade de resgate mensal ou ao final do prazo

LCI **CHB**
Letra de Crédito Imobiliário

4009.4800
www.chbcredito.com.br

CHB

COMPANHIA HIPOTECÁRIA BRASILEIRA

* dependendo do valor e do prazo ** para pessoa física

Painel

VERA MAGALHÃES Da Folha de São Paulo ▶ painel@uol.com.br

Dudu & Duda

Avançaram as conversas de Eduardo Campos (PSB) com a dupla Duda Mendonça e Antonio Lavareda, sócios na empresa de publicidade e planejamento estratégico DM/Blackninja. Se o acordo vingar, Duda dará o tom do programa de TV do partido, em abril, sem aparecer. Lavareda já está em campo com pesquisas sobre a viabilidade da postulação presidencial do governador. A parceria é piloto para 2014, mas Campos hesita em fechar com o marqueteiro, absolvido no mensalão.

GURU

Eduardo Campos não tomará nenhuma decisão sobre o marketing do PSB e de sua eventual campanha que contrarie o argentino Diego Brandy, responsável pela estratégia política do governador desde 2005.

CÍRCULO

Brandy trabalhou na Argentina com João Santana, marqueteiro de Dilma - que, por sua vez, já foi sócio de Duda Mendonça.

ENSAIO

O briefing discutido em reunião da cúpula do PSB na semana passada, no Recife, é que o programa de TV do partido seja centrado na economia, para lapidar o discurso com que Campos pretende se lançar - apontando falhas do governo, mas sem soar como opositorista.

TERMÔMETRO

Diante da estratégia de Campos de ter o Nordeste como base de lançamento de sua eventual campanha, a equipe de João Santana comanda uma pesquisa eleitoral específica na região, com foco sobre as mulheres.

AFAGO

Em seminário amanhã em Goiânia (GO), Aécio Neves (PSDB) vai listar todos os programas sociais federais que tiveram início no governo de Fernando Henrique Cardoso. Fará uma homenagem a José Serra, opositor de sua candidatura à Presidência.

GAROA

Será no dia 25 o evento de Aécio em São Paulo, etapa considerada crucial para o mineiro se consolidar como candidato. FHC e Geraldo Alckmin confirmaram presença; Serra, ainda não.

VALE A PENA...

Advogados do mensalão acusam Joaquim Barbosa de ignorar a hipótese de novos pedi-

TIROTEIO

“Ao tentar se comparar a Abraham Lincoln, Lula vira sério candidato a ganhar o Oscar. Pena que não existe a categoria baboseira.”

DO LÍDER DO PPS NA CÂMARA, RUBENS BUENO (PR), ao comentar declaração do ex-presidente sobre o americano, retratado em filme que levou duas estatuetas.

CONTRAPONTO

MEU GAROTO

Em reunião da Comissão de Infraestrutura do Senado, Flexa Ribeiro (PSDB-PA) criticava a demora do governo em encaminhar o Código de Mineração ao Congresso. O tucano disse que o atraso é responsabilidade do ministro Edison Lobão (Minas e Energia). Integrante da comissão, o senador Lobão Filho (PMDB-MA) correu para defender o pai-ministro. — Eu quero dizer que o ministro Edison Lobão, que eu conheço de vista, já encaminhou o Código de Mineração há muito tempo para a Casa Civil --, respondeu o peemedebista, arrancando gargalhadas dos colegas...

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3



Lotérica "Fama", na esquina da Rua Potengi com a Avenida Afonso Pena

LOTÉRICA É ASSALTADA TRÊS VEZES EM MENOS DE UM MÊS: A ÚLTIMA FOI ONTEM

Apesar de a polícia ter garantido reforçar o policiamento na área comercial do Plano Palumbo, depois do assalto à loja Lacoste, a bandidagem não se intimidou e não deu trégua aos comerciantes da região. Na manhã de ontem, por volta das 9 h, outro exemplo de ousadia dos criminosos que agem à luz do dia: funcionários e clientes da lotérica "Fama", localizada na esquina da Rua Potengi com a Avenida Afonso Pena, foram surpreendidos por um homem armado, que abordou os dois caixas da agência, um de cada vez, e fugiu levando cerca de R\$ 3 mil. Segundo testemunhas, ele foi violento na sua ação.

Uma funcionária que estava no momento do assalto, e que preferiu não se identificar, relatou ao NOVO JORNAL que o bandido chegou ao local sem levantar suspeitas, bem vestido, trajando calça jeans, tênis branco e camisa listrada nas cores azul e branco e usando boné.

"A funcionária que estava no segundo caixa ainda não conseguiu voltar ao trabalho porque está muito abalada emocionalmente", comentou a colega, pou-

co mais de uma hora depois da ocorrência, enquanto a fila começava a avançar pela calçada, já que apenas um caixa operava por volta das 10h15.

Ainda segundo a funcionária, este foi o terceiro assalto que a lotérica sofreu em menos de um mês. "No mês passado fomos assaltados também a mão armada, pelas mesmas pessoas, com um intervalo de oito dias. O prejuízo foi de R\$ 10 mil e agora veio mais esse (assalto)", conta, confessando ainda que o clima pela área é de tensão. "A gente já vem trabalhar com medo", garante.

A Polícia Militar já estava no local quando a reportagem esteve na lotérica. De acordo com o PM Nascimento, que permanecia no carro enquanto outros dois policiais se reuniam com funcionários da agência, eles vão analisar as imagens registradas pela câmera de segurança. "O CIOSP recebeu a ligação da própria lotérica às 9h02, fomos atrás do meliante pela área, mas não conseguimos localizá-lo. Agora vamos avaliar este registro em vídeo para reconhecer o elemento", garantiu o PM.

/ SEMSUR /

FEIRAS IRÃO FUNCIONAR COM HORÁRIO FIXO

DECRETO PUBLICADO ONTEM no Diário Oficial do Município estabelece que as feiras livres de Natal, a partir de agora, irão funcionar com horário fixo. A decisão foi tomada pela Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Semsur), a partir de reuniões com feirantes e consumidores. O titular da pasta, Raniere Barbosa, justificou a medida como uma necessidade diante dos diversos contratos existentes com empresas responsáveis pela montagem e desmontagem das barracas.

"Esses horários, na verdade, já existiam, mas o que estamos fazendo é organizá-los de acordo com os contratos que temos com as empresas responsáveis por montar e desmontar cada feira", explicou. A lavagem dos locais onde funcionam as feiras também foi outro ponto levado em consideração para a elaboração dos horários. "Boa parte delas deve encerrar às 14h, porque às 16h outras empresas são responsáveis pela lavagem dos locais", argumenta o secretário.

Ainda de acordo com Barbosa, em sua maioria, as 21 feiras começam suas atividades às 05h e encerram entre 12h e 14h, com exceção de 3 - Rocas, Carrasco e Planalto - que só desmontam as barracas a partir das 17h.

Além de um horário fixo para as feiras, a Semsur decidiu ainda que todos os eventos que estejam ocorrendo em mercados públicos fora do horário comercial estão suspensos até que a secretaria tenha conhecimento de todo o quadro. A exceção vai para o mercado de Petrópolis, que está liberado a continuar com o forró à sexta-feira, das 18h às 22h, e o pagode aos sábados, das 15h às 20h.

Caern ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
Secretaria de Estado de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos - SEMARH
Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte - CAERN

CONCURSO PÚBLICO PARA PROVIMENTO DE CARGOS COMISSÃO ESPECIAL DE CONCURSO PÚBLICO

EDITAL Nº 01/2013 - CAERN/CEC

A COMPANHIA DE ÁGUA E ESGOTOS DO RIO GRANDE DO NORTE - CAERN, torna pública que estarão abertas, no período de **25 de março a 12 de abril de 2013**, as inscrições para o Concurso Público de Provas para provimento nas FUNÇÕES de nível fundamental (Auxiliar de Enfermagem do Trabalho, Operador de Sistema de Água Esgoto, Operador de Sistema de Água e Esgoto e Veículo Médio, Operador de Sistema de Água e Esgoto e Veículo Pesado, Mecânico de Manutenção, Eletromecânico, Mecânico Geral e Sondador), de nível médio (Técnico em Contabilidade, Técnico em Controle Ambiental, Técnico em Edificações, Técnico em Eletrotécnica, Técnico em Mecânica, Técnico em Geologia, Técnico em Manutenção de Computadores e Técnico em Segurança do Trabalho) e superior (Advogado, Analista Ambiental, Analista de Sistemas, Analista de Suporte, Arquiteto, Biólogo, Contador, Engenheiro Civil, Engenheiro Eletricista e Engenheiro Mecânico), para o preenchimento de vagas existentes no seu quadro permanente. Serão oferecidas 128 vagas, distribuídas de acordo com o Edital. O Edital, os programas e as inscrições estarão disponíveis, na íntegra, no sítio <http://www.funcern.br> a partir do dia 04 de março de 2013, e estarão afixados na sede da CAERN, situada na Av. Senador Salgado Filho, 1555, Tirol, Natal/RN.

FUNÇÕES DE NÍVEL FUNDAMENTAL: Remuneração: a partir de R\$ 774,97 até R\$ 1.395,67. Taxa de inscrição: R\$ 60,00. **FUNÇÕES DE NÍVEL MÉDIO:** Remuneração: R\$ 2.073,88. Taxa de inscrição: R\$ 80,00. **FUNÇÕES DE NÍVEL SUPERIOR:** Remuneração: R\$ 4.320,58. Taxa de inscrição: R\$ 100,00.

Natal/RN, 01 de Março de 2013
Vicente de Paula Dantas Gomes
Presidente da Comissão Especial do Concurso

ACÇÃO ORDINÁRIA (PROCEDIMENTO COMUM ORDINÁRIO)
PODER JUDICIÁRIO JUSTIÇA FEDERAL DE PRIMEIRA INSTÂNCIA
SEÇÃO JUDICIÁRIA DO RIO GRANDE DO NORTE
RUA LAURO PINTO, Nº 245, L. NOVA - NATAL/RN Fax 0xx(84) 235.7558
EMAIL: sec1vara@jfrn.gov.br
PRIMEIRA VARA EDITAL DE CITAÇÃO (PRAZO DE 30 DIAS - ACÇÃO MONITÓRIA)
EDL.0001.000007-2/2013

O Juiz Federal da 1ª Vara da Seção Judiciária MAGNUS AUGUSTOCOSTA DELGADO, do Rio Grande do Norte, no uso de suas atribuições legais, etc. Faz saber, a quantos o presente Edital virem ou dele conhecimento tiverem, que ficam CITADOS, com prazo de 30 (trinta) dias, os réus abaixo mencionados, que se encontram em lugar incerto e não sabido, uma vez que não foram encontrados nos endereços indicados nas iniciais, para no prazo de 15(quinze) dias, após o prazo de escoamento do presente edital, pagarem os débitos, (art. 1.102b do CPC), acrescidos das cominações legais, ou apresentar embargos nos termos do art. 1.102c e seguintes do CPC, em face do inadimplemento de contrato de Crédito e Empréstimo, firmado entre Caixa Econômica Federal e os réus abaixo relacionados: PROC. Nº 0008246-09/2012.4.05.8400 AUTORA: CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - CEF RÉU (É) : Célia Ferreira de Miranda - inscrita no CPF/MF sob o nº138.899.664-20. Origem do débito: Construcard sob contrato nº 0759.160.0001983-98, firmado pela parte executada com a exequente, em 26/08/2009. Valor da dívida: R\$ 40.652,92 (quarenta e mil, seiscentos e cinquenta e dois reais e noventa e dois centavos), atualizado em 16/10/2012. DADO E PASSADO nesta cidade do Natal, Capital do Rio Grande do Norte, aos 14 de fevereiro de 2013. Eu, Sebastião Vasconcelos dos Santos Neto (_____), Diretor da Secretaria da 1ª Vara, subscrevo-o.

MAGNUS AUGUSTO COSTA DELGADO
Juiz Federal

Unimed Natal

UNIMED NATAL SOCIEDADE COOPERATIVA DE TRABALHO MÉDICO
CNPJ/MF nº 08.380.701/0001-05 - NIRE nº 24400000016

EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA (1ª, 2ª e 3ª Convocações)

O Presidente da UNIMED NATAL - SOCIEDADE COOPERATIVA DE TRABALHO MÉDICO, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca os senhores cooperados, atualmente em número de 1.425 (mil quatrocentos e vinte e cinco), a se fazerem presentes à **ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA** que será realizada, excepcionalmente, na sede do América Futebol Clube, situado na Avenida Rodrigues Alves, 950, bairro de Tirol, nesta capital, por falta de espaço físico para acolher confortavelmente todos os cooperados na sede da cooperativa, no dia **12 (doze) de março de 2013**, às **06h30min**, em primeira convocação, com a presença de dois terços (2/3) dos cooperados, às **07h30min**, em segunda convocação, com a presença de metade mais um dos cooperados e às **08h30min**, em terceira e última convocação, com a presença de, no mínimo, dez (10) cooperados, em condições de votar, onde será apreciada a seguinte **ORDEM DO DIA**:

- a) Eleição para a Diretoria Executiva e para preenchimento dos cargos de conselheiros vogais do Conselho de Administração e conselheiros fiscais, cuja votação ocorrerá no período das 9h (nove horas) às 19h (dezenove horas) conforme previsto no artigo 132 do Regimento Interno da cooperativa, estando aptos a votar 1.089 (mil e oitenta e nove) cooperados;
- Após o encerramento da votação:
- b) Ratificação da decisão do Conselho de Administração pela adoção dos critérios contábeis estabelecidos pela Instrução Normativa DIOPE nº 20, da Agência Nacional de Saúde Suplementar - ANS, de 20 de outubro de 2008, bem como sobre os efeitos decorrentes da adoção do referido normativo.
- c) Prestação de contas do exercício encerrado em 31/12/2012, compreendendo o relatório da gestão, o balanço, a demonstração das contas de sobras ou perdas, o parecer do Conselho Fiscal e o parecer da Auditoria Independente.
- d) Destinação das Sobras ou rateio das perdas do Exercício findo;
- e) Plano de Trabalho e Orçamento para o ano de 2013 e o parecer do Conselho Fiscal sobre o Orçamento;
- f) Fixação do pró-labore dos membros titulares da Diretoria Executiva e cédula de comparecimento para os integrantes dos demais órgãos colegiados;
- g) Discussão sobre a obrigação contida no artigo 2º, item 5, inciso VII, alínea "c" da Resolução Normativa nº 71/2004 da Agência Nacional de Saúde Suplementar.
- h) Apuração da eleição e divulgação do resultado.

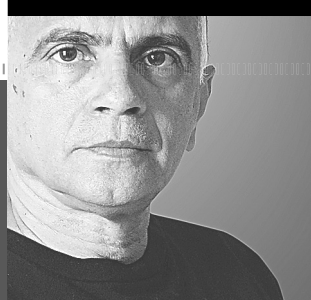
Natal (RN), 02 de março de 2013.

Antonio Francisco de Araújo
Dr. Antonio Francisco de Araújo
Presidente.

Novo Jornal no iPad. Sua dose diária de opinião, na ponta dos dedos.

ACESSO: APP STORE, GOOGLE PLAY, BASTA CLICAR

NOVO jornal no seu aparelho (05) 3342.0369 novojournal.jor.br novojournal.com.br



A alma de Virgínia Woolf

Em ensaio crítico-biográfico sobre Virginia Woolf, Nadia Fusini – sua mais original e eminente exegeta – pondera que o escritor não tem outra vida senão a obra; a obra que justifica a existência, e a única forma possível de imortalidade, segundo a lição prodigada por Marcel Proust.

“Sou Dona de minha Alma” faz a psicanálise dos escritos e da vida da autora de Mrs. Dalloway. É um estudo que surpreende e enreda o leitor da primeira à última página numa sucessão de descobertas, revelações, fatos e lembranças que dão vida e fluidez ao fluxo da consciência, uma das artes de Virgínia. Mergulha Nadia Fusini, sem temor, no mar profundo que constitui a natureza íntima dessa escritora inglesa que amava as mulheres e que, quando menina, foi abusada por um meio-irmão.

Ao compor este ensaio, Nadia Fusini, palmilha e esquadrinha o que escreveu Virgínia em diversos gêneros literários. Romance, crônica

– uma tradição inglesa a que presta homenagem fazendo-se cronista de Londres, uma original cronista que lança os seus olhares sobre o excêntrico da alma londrina -, diários, cartas, fragmentos de memória, Bloomsbury, tudo enfim que escreveu...Enfim, o segredo de Virgínia Woolf decifrado e interpretado por Nadia Fusini, anglicista de renome cuja obra resgata a confiança do leitor numa crítica orgânica, antidogmática, inovadora; crítica que é uma contribuição literária em si e a um tempo uma profunda reflexão sobre o ato da escrita, vivenciada em todas as suas possibilidades e prejuízos que acarreta para o artista. Virgínia, que ouvia pássaros cantando em grego e vozes se digladiando em sua mente, é submetida a rigoroso escrutínio nas páginas desse ensaio de alta literatura.

Revela-nos Nadia Fusini que a flor de Virgínia era a Passiflora, a flor do maracujá e da Paixão; e o seu éden, a casa de praia de St. Ives, na Cornualha, onde sentiu



a qualidade do ar de seus dias de juventude, do ar de Talland House, cortante, fustigante, quando cai do alto. Era um ar que tirava do som aquilo que os sons têm de áspero, como o ar que circunda o Farol.

A autora de “Orlando” acredita que apenas a

autobiografia é literatura. Por isso, afirma: Os romances são a casca, e, ao final, chega-se ao caroço. Ou eu, ou você. Assim escrevia em seu diário. Ora – pergunta-nos Nadia Fusini. – É possível conhecer-se contando as coisas simplesmente como aconteceram? E assim,

dialeticamente, introduz o leitor no conhecimento ativo da alma dessa complexa Virgínia Woolf, por entender que a forma deverá ser extraída da liberdade, e não sofrida pelas circunstâncias.

Fragmento de “O Escrivão de Chatham”, vol. 2-2 [inédito].

CULTURA EM GOIANINHA

A Prefeitura de Goianinha é, do município do Rio Grande do Norte, um exemplo a ser seguido em matéria de ação cultural. Depois de Disson, e agora com Junior Rocha, o município passou a fazer parte do mapa cultural do Estado, após gerações de anonimato, apesar de ser a terra natal de um dos maiores poetas da língua portuguesa em todos os tempos, João Lins Caldas, que se tornou assuense.

O Assu, que tem fama de ter bons petas, não aparece, não dá espaço para o talento, o que representa um grande prejuízo para o povo do Assu, que vive de lembranças enquanto o povo de Goianinha está atento com a cultura, especialmente com a cultura musical, representada pelo Corangels, a Orquestra de Violinos e a Orquestra Sinfônica de Jovens. Os dois primeiros conjuntos se apresentarão no próximo 14 de março, Dia da Poesia, em evento comemorativo na Pinacoteca do Estado. Duas audições que certamente surpreenderão a todos, pela qualidade do trabalho realizado sob a batuta da secretária municipal de Cultura, Ana Maria Barbalho, a alma e a vida desse movimento que nos serve de exemplo e encorajamento diante do desmantelamento geral da “cultura oficial” no RN. Um trabalho, como deve ser, realizado com continuidade e seriedade. Sou fã dos que, em Goianinha, trabalham por uma cultura de qualidade.



ESTRUTURAL
estruturalbrasil.com.br

UNIÃO: QUATRO ANOS DE MUITO SUCESSO, CONSTRUÍDOS AO LADO DE CLIENTES, COLABORADORES E PARCEIROS.

Plural

FRANÇOIS SILVESTRE

Escritor ▶ fs.alencar@uol.com.br



François Silvestre escreve
nesta coluna aos domingos

Conecte-se

O leitor pode fazer a sua denúncia neste espaço enviando fotografias

▶ cartas@novojornal.jor.br



twitter.com/NovoJornalRN



facebook.com/novojornalrn

novojornal.jor.br



Quase poema

Tudo ao redor pode ser poema,/ mesmo sem ser poesia. Disse aquele de pedra:/ “não é preciso poetizar o poema”.

Subi a serra de Petrópolis,/ que Mário de Andrade disse: “Martins faz lembrar aquela serra”./ E Cascudo discordou: “Não; Petrópolis é que lembra Martins”. Andrade gentil,/ Cascudo bairrista./

Mas Pedro não subiu ou fundou Martins,/ nem destronado,/ e sim um capitão transtornado/ procurando os restos da mulher perdida,/ que foi achada nas bordas da lagoa,/ onde hoje se acha, do rosário,/ uma pequena ermida.

Subir Petrópolis é colecionar inveja:/ de tanto verde,/ de todas as plantas descendentes/ das árvores ancestrais,/ que sombreiam seus filhotes de caules finos/ com a proteção dos caules seculares.

Em Martins,/quase nada é secular./ Só a estupidez,/ mais velha do que a Imperatriz que já lhe emprestou o nome./ Depois lhe cassaram o patronato/ para reverenciar o aloprado capitão.

Subi a serra de Petrópolis/ e fui visitar a solidão dos destronados,/ ante o sombrio dos jacarandás,/ em penumbra alumiados. Lustres que não foram usados./ Pantufas para proteger o piso,/ onde o Imperador se guardava da bajulação e dos conchavos./

Ao cair, ferido pelo primeiro golpe,/ mandou ao ex-amigo um recado-poema que era poesia:/ “Não maldigo o rigor da iniqua sorte/ por mais atroz que seja e sem piedade,/ arracando-me o trono e a majestade,/ quando a dois

passos só estou da morte/... Mas a dor que crucia e que maltrata,/ que fere o coração e pronto o mata,/ é ver na mão cuspir à extrema hora,/ a mesma boca adúladora e ingrata/ que tantos beijos nela pôs outrora”./

Não entendo a ausência desses versos/ entre os textos ocios,/ que se espalham inúteis,/ pelos cômodos do Palácio Imperial./ Nem a falação de guias robóticos/ a recitar mentiras repetidas da historiografia oficial./

Subimos Petrópolis; Raoni, Aurélia, Felipe e eu./ Fui conferindo a comparação das serras,/ que fizera o poeta paulistano./ E descobrindo semelhanças,/ certamente maiores nos anos Vinte,/ sem asfalto, com mata virgem/ nas grotas de Martins./ Mata preservada nas grotas de Petrópolis./

Semelhanças são metáforas da natureza/ longe da crítica das artes,/ perto da arte dos olhos./

Vi a pena de ouro/ que pensou abolir a escravidão./ Só aboliu os escravos./ Os berços dos meninos solitários do Império./ As faces tristes das princesas pouco amadas./

O trono ali posto que não era dali./ Retirado de outro Palácio/ após o Império deposto./

Subimos a serra ao sol/ e sob chuva descemos./ Vi mais de perto como são semelhantes/ as varandas dos Rios,/ um de Janeiro,/ outro do Norte./

Santuários de orar ao azul,/ e o azul é mais distância do que cor./ Oferece à estupidez humana/ uma chance de refletir;/ de ver-se, no espelho das grotas,/ seu real tamanho do nada./ Té mais.

Violência

Quem passa pelas lojas da Avenida Afonso Pena tem noção do medo dos comerciantes. Todas elas fechadas a chave e com seguranças nas portas. Ninguém se arrisca, nem à luz do dia. Quem pode imaginar que uma loja num centro comercial como o CCAB Norte pode ser assaltada às 10 horas da manhã? Quem fez isso sabe que não tem polícia e que os vigilantes não são suficientes para evitar os roubos. Falta ali é polícia.

Edson Rodrigues

Por e-mail

Violência 2

Sobre a reportagem “Plano Palumbo: 100 mil razões para ter medo”: “Alguém vai fazer algo para podermos ter um pouco de segurança em nossa cidade, ou vamos ter que ficar presos em nossas casas sem ao menos podermos sair para trabalhar?”

Michelle Sinedino

Pelo Facebook

Futebol

Esse vai e vem do América em

resolver onde vai jogar parece mesmo coisa de time pequeno, não do time grande que quer ser.

Márcio Ribeiro

Por e-mail

Futebol 2

Tomara que o ABC não tenha feito papel de besta de novo. Se instalar sistema de energia solar, o clube não somente será pioneiro como economizará. Espero que seja tudo verdade e não somente cenário para políticos, empresários e dirigentes fazerem pose.

Claudio César Almeida

Por e-mail

Fuga

Li no jornal que um dos presos

recapturados pela polícia numa das fugas recentes se chama Michael Jackson. Polícia danada essa do Rio Grande do Norte. Tá prendendo até os mortos. Valeu.

Guilherme Teixeira

Por e-mail

RN Vida

Depois de ler a reportagem sobre a reunião que a equipe do RN Vida teve com o procurador Manoel Onofre fiquei curiosa. Parece que quem governa é o Ministério Público e não o governo. Não seria melhor a equipe do RN Vida procurar a Secretaria de Saúde ou qualquer outra do governo para saber se poderia internar ou não os dependentes de drogas? Para saber se o estado tinha ou não condições

de atender as necessidades do RN Vida? Se o estado não tem condições, que se prepare para ter, não ter que negociar com os promotores. Ficou parecendo que quem governa são eles.

Maria Helena Soares

Por e-mail

Desembargador

Tem coisa que só acontece nesse Rio Grande do Norte. Até a escolha de um desembargador, que parece simples, dá problema. Ninguém entende mais tanta confusão. Só mesmo muito interesse para tentar entender tudo isso. Deus salve o nosso estado.

Everaldo Pereira

Por e-mail

Assine
3342.0350

Em até 12 x nos cartões



NOVO
JORNAL

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS
www.anj.org.br

IVZ
INSTITUTO VIGILANTE DE LEGISLAÇÃO

Diretor Cassiano Arruda Câmara
Diretor Administrativo Lauro Jucá
Diretor Comercial Leandro Mendes
Diretor de Redação Carlos Magno Araújo

Telefones
(84) 3342-0369 / 3342-0358 / 3342-0380
E-mails
redacao@novojornal.jor.br / pauta@novojornal.jor.br / comercial@novojornal.jor.br / assinatura@novojornal.jor.br
Para assinar (84) 3342-0374

Endereço
Rua Frei Miguelinho, 33, Ribeira
CEP 59012-180, Natal-RN
Representante comercial
Engenho de Mídia - (81) 3466.1308



POTIGAS
COMPANHIA POTIGUAR DE GÁS

Seja o
nosso
próximo
cliente.

www.potigas.com.br

Uma super oportunidade.

SANTA FE TAXA 0%



MOTOR **3.5 V6**

LICENCIAMENTO TOTAL GRÁTIS

TAXA ZERO. 50% DE ENTRADA E SALDO EM 24X SEM JUROS.

SANTA FE A SOFISTICAÇÃO, O LUXO E A TECNOLOGIA DE UM DOS CARROS MAIS AVANÇADOS DO MERCADO MUNDIAL.



CONSULTE CONDIÇÕES NO SITE

ESTAMOS DE PORTAS ABERTAS
OS CARROS MAIS PREMIADOS DO MUNDO AGUARDAM A SUA VISITA

NATAL - LAGOA NOVA - AV. PRUDENTE DE MORAIS, 4011-A

(84) 2010.1111



**CONSÓRCIO
HYUNDAI**

O PARCEIRO IDEAL PARA O SEU PROJETO DE VIDA.



FINANCIAMENTO NA MODALIDADE DE CDC PARA SANTA FE 11/12 3.5 (V109) 0KM, SENDO VALOR DE NF R\$ 109.900,00 COM R\$ 54.950,00 DE ENTRADA, FEITO SOMENTE COM O BANCO ALFA S/A, NO PRAZO DE 24 PARCELAS DE R\$ 2.446,81 (COM SPF), VALOR TOTAL DA ENTRADA MAIS FINANCIAMENTO R\$ 113.673,44. TARIFA DE R\$ 780,00 (MAIS REGISTRO DE CONTRATO CONFORME A REGIÃO) COBRADA PELO BANCO ALFA S/A, PARA REGISTRO DE CONTRATO, CONFECÇÃO DE CADASTRO ETC. TAXA DE 0% A.M. (COEFICIENTE 0,04167), TAXA DE 0% A.A., MAIS IOF OBRIGATÓRIO DO GOVERNO, FORMANDO O COEFICIENTE APLICADO COM IOF DE 0,04233. CET MAIS IOF DE 0,13% A.M. E 1,53% A.A. JUROS SUBSIDIADOS PAGOS PELO DISTRIBUIDOR. CADASTRO SUJEITO A APROVAÇÃO. CASO O CADASTRO NÃO SEJA ACEITO PELO BANCO ALFA, DEVERÁ SER ENCAMINHADO PARA OUTRAS FINANÇEIRAS QUE PRATICAM MAIORES TAXAS. FINANCIAMENTO PRATICADO PELAS LOJAS HYUNDAI CAOA. *SEGURO PROTEÇÃO FINANCEIRA (OPCIONAL) OFERTAS VÁLIDAS ATÉ 04/03/2013 OU ATÉ ENQUANTO DURAR O ESTOQUE. ALGUNS EQUIPAMENTOS DESCRITOS NAS FOTOS E NOS TEXTOS SÃO OPCIONAIS E PODEM OU NÃO ESTAR DISPONÍVEIS NA VERSÃO APRESENTADA NESTE ANÚNCIO. CONSULTE O DISTRIBUIDOR. FRETE E PINTURA NÃO INCLUSOS. CONDIÇÕES SEM USADO COMO ENTRADA. FOTOS MERAMENTE ILUSTRATIVAS. NOS RESERVAMOS O DIREITO DE CORRIGIR QUALQUER FALHA GRÁFICA OU ERRO DE DIGITAÇÃO.



FIFA WORLD CUP
PATROCINADORA OFICIAL



84 2010.8000

Respeite a sinalização de trânsito

Gabardo Transportadora exclusiva até 31/8/2029
(21) 4343-3000 - (51) 3373-3000

AV. AMÍNTAS BARROS, 1880
LAGOA NOVA

Economia

UNICRED
NATAL/RN
UM TIME VENCEDOR
Fale com a gente - 4009.3535



INDICADORES

	DÓLAR	EURO	IBOVESPA	TAXA SELIC	IPCA (IBGE)
COMERCIAL	1,982		-0,94%		
TURISMO	2,120	2,5771	56.883	7,25%	0,86%



Editor
Everton Dantas (Adriano de Sousa - Interino)

E-mail
sousaad@uol.com.br

Fones
84 3342.0358 / 3342.0350

/ PIB DO CAMPO / A FALTA DE CHUVAS REDUZIU À METADE O PRODUTO INTERNO BRUTO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA, QUE CAIU PARA R\$ 2,95 BILHÕES, LEVANDO JUNTO O EMPREGO

SECO, POBRE, MAGRO

SÍLVIO ANDRADE
DO NOVO JORNAL

A SECA SEVERA de 2012, além dos problemas sociais causados pela falta de água, provocou queda de 50% no PIB agropecuário potiguar. O resultado disso é que o Produto Interno Bruto da pecuária no ano passado foi de R\$ 1,2 bilhão e da agricultura R\$ 1,75 bilhão.

Contabilizado o prejuízo econômico para o Estado, o secretário interino da Agricultura, da Pecuária e da Pesca (Sape), José Simplício de Holanda, disse que agora, o Governo vai trabalhar na recuperação das perdas. E conta com os prognósticos dos institutos de meteorologia que apontam inverno moderado para 2013. Mesmo com as previsões de chuvas irregulares, o importante é que a chuva venha, avalia o secretário.

O PIB pecuário é de R\$ 2,4 bilhões e a queda de 50% em 2012, em razão da estiagem, atingiu a cifra de R\$ 1,2 bilhão causada não somente pela redução do rebanho bovino de 950 mil cabeças estimado em 30%. A perda geral relativa ao rebanho contabiliza variantes como redução do peso do gado, a morte animal e o leite. Considerando apenas o rebanho, a redução foi de R\$ 1,07 bilhão. Um quarto disso, R\$ 267,5 milhões, foi com a venda e morte dos animais. Somente o leite teve queda de produção entre 30% e 35% no ano passado.

Na agricultura, em anos de boas chuvas, a produção de grãos de milho e feijão, além da castanha, contribui com R\$ 3,5 bilhões no PIB que chega à margem de queda de 50%. Por produtos, as somas das perdas são mais estonteadoras. A produção de milho baixou 92%, do feijão 90%, mandioca 50% e da castanha 75%. Até a cana-de-açúcar, no litoral, sofreu os revezes da estiagem com queda de 30%, explica o secretário. Ele cita o caso de uma grande usina que produzia 1,8 milhão de toneladas/ano e que em 2012 reduziu em 30% a safra que foi para 1,2 milhão de toneladas com antecipeação da colheita este ano para janeiro.

Otimista, José Simplício de Holanda aposta em boas chuvas baseado nos prognósticos meteorológicos que apontam precipitação pluviométricas moderadas de até 600 mm. Em ano de bom inverno, como são consideradas as quadras chuvosas no RN por regiões, as precipitações médias chegam a 800 mm anuais. As chuvas, em meados de fevereiro e no litoral, em maio.



► A falta de alimentação já provocou a morte de quase um terço do rebanho, gerando uma cadeia de consequências negativas que encolheram o setor agropecuário à metade

QUEBRA NA SAFRA DE CAJU E DE CASTANHA CHEGA A 75%

Uma das primeiras plantações a sofrer os efeitos da seca no Rio Grande do Norte foi a do caju, afetando também a criação de abelhas, que é feita de forma consorciada. Em 2012, em números estimados, a queda geral na produção de castanha e caju deve ficar entre 70% e 75%.

Sem água, o cajueiro não floresce e sem flor, as abelhas debandam das áreas de plantio. As duas situações causam prejuízos na produção de castanha, caju e mel de abelha. Na seca severa de 1993, a produção caiu 80% por isso, o secretário de Agricultura do RN, José Simplício de Holanda, espera os mesmos índices para 2013 como reflexo da falta de chuvas em 2012. "O sensor do caju é a água na folha", frisou o secretário. Ele acredita que a queda seja maior do que apontam as estimativas.

O Rio Grande do Norte, com 120 mil hectares, é o terceiro no Brasil em cajueiral, área plantada com produção de caju e castanha. Fica atrás do Ceará (400 mil hectares) e do Piauí (180 mil hectares). É uma atividade que depende essencialmente do regime de chuvas, explicou o secretário. Em 2009, o bom inverno com chuvas médias de 800 mm anuais, produziu a boa safra de 50 mil toneladas da castanha, em 2010 não foi boa e chegou perto de 30 mil em 2011. O Estado, é o segundo produtor nacional de castanha. De acordo com o secretário, em 2012, auge da atual estiagem, a safra de castanha não ultrapassou as 15 mil toneladas.

A produção de pedúnculo, o fruto, é sempre 9 vezes a da castanha. Ou seja, não deve chegar às 135 mil toneladas de



► Raimundo Torres da Silva: produção zero no apiário em Apodi

caju. Muito diferente de épocas com boas chuvas que chega a 450 mil toneladas/ano. Um problema grave é que mais de 75% da fruta é desperdiçada por causa da alta perecibilidade. Em 24 horas, o caju que cai do pé se não for colhido e utilizado é considerado perdido. Há 30 anos a situação era mais crítica. Se perdia 94% da produção do caju.

Em 1994 os produtores reagiram ao desperdício com a introdução de novas tecnologias e o grau de utilização aumentou desde então, 1% ao ano. José Simplício de Holanda, que também é plantador de caju, disse que o setor trabalha para que o desperdício chegue a 50%. A indústria aproveita

somente 6% da produção do pedúnculo para sucos. Por ano, a indústria no Nordeste processa 120 mil toneladas de caju para suco in natura. No RN, a concentração dessa produção se concentra principalmente nos municípios de Portalegre, Apodi, Itaú, Serra de Santana, Lagoa Nova, Jacanã.

O caju de mesa, como é chamada a venda para consumo doméstico, chega a apenas 2%. Para esse setor são destinadas as frutas maiores e mais bonitas e entre 15% e 17% da produção vai para ração animal. "O filão está aí", comentou o secretário. De acordo com ele, o aproveitamento do bagaço pode servir de complemento na alimentação do gado. Por

experiência própria, ele disse que desde 1995 utiliza o caju como ração animal e, mesmo com a seca do ano passado, ainda tem 100 toneladas de caju para ração de seu rebanho.

A estiagem de 2012 fez aflorar um problema grave do cajueiral no Rio Grande do Norte: a idade das plantações, que chegam a ter 40 a 45 anos em média. Em Serra do Mel, no Oeste, onde há pés com mais de 70 anos, a área plantada de caju é de 30 mil hectares, um quarto de todo o RN. Essa é a média de idade das plantas que sofrem os efeitos da estiagem com maior rapidez e o cajueiro velho é o que mais morre em época de seca severa. Um dos projetos do Governo, anunciou o secretário, é a renovação da área plantada de cajueiro.

MEL

De fácil cultura e alta resposta na produção, o mel de abelha italiana, a mais comum no RN, está em baixa por causa da seca. Em 2009, a produção chegou a 1.950 toneladas e 2012 caiu para entre 100 e 150 toneladas.

"O enxame (as abelhas) terminou indo embora", constatou José Simplício de Holanda. Sem flor e sem água não tem abelha e, consequentemente, mel some. Por isso, explica, são necessárias cada vez mais medidas de convivência porque a estiagem é um fenômeno cíclico.

Pelos dados meteorológicos, em 8% dos anos há seca e em 10%, a quantidade de chuvas é excessiva. Se não houver um preparo para as duas situações sempre haverá um descompasso entre o fenômeno naturais e a produção no campo, situa o secretário.



► Francisco Sobrinho de Souza perdeu 6 mil pés de caju

SEM CAJUEIROS, APICULTORES NÃO PODEM PRODUIR

No Sítio Largo II, a 6 km da área urbana de Apodi, no Alto Oeste, o produtor Francisco Sobrinho de Souza, 57, conta prejuízos. Perdeu 20% do rebanho bovino e o verde da plantação de caju virou cinza apagando a produção de mel e castanha.

Francisco Sobrinho de Souza tem 6 mil pés de caju em 40 hectares. Perdeu 40% por causa da seca, mas disse que o restante vai dar para recuperar se começar a chover agora em março. Sua produção anual de castanha era de 300 sacas de 60kg cada. Este ano, só conseguiu tirar dois sacos.

Por causa da falta de chuvas o apicultor no ano passado, em maio e junho, viu as abelhas sumirem de suas colmeias. Produzia 10 mil quilos de mel por ano que vendia a R\$ 2,50 o quilo. Em 2012 foram 400 quilos e este ano, não tirou nada de suas colmeias.

Perto dali, no Sítio Largo, o apicultor Raimundo Torres da Silva, 48, também lamenta sua sorte. O tempo seco e sem água desde 2011 espantou as abelhas de seu apiário. Naquele ano, sua produção foi de 3 mil quilos de mel, em 2012 de 1.027 quilos e este ano, zero. "A abelha italiana vai embora porque não tem floração (no cajueiro)", disse o apicultor que mostrou suas 46 colmeias.

FOTOS: NEY DOUGLAS / JORNAL

**Editor**

Viktor Vidal

E-mail

viktorvidal@novojornal.jor.br

Fones

84 3342.0358 / 3342.0350

SOB / PRESIDENTE / DOIS MANDATOS BASTARAM PARA ALBERT DICKSON SAIR DOS BASTIDORES AO FRONT. DISCRETO, O MÉDICO QUE TEM FORÇA ELEITORAL ENTRE EVANGÉLICOS E PACIENTES DE SUA CLÍNICA OFTALMOLÓGICA AGORA É QUEM DÁ AS ORDENS NA CÂMARA

RAFAEL DUARTE
DO NOVO JORNAL

O ESTILO DISCRETO que marcou a trajetória profissional do oftalmologista Albert Dickson de Lima durou até a posse como presidente da Câmara Municipal. Diante das lentes, logo após a cerimônia, o vereador que passou os últimos quatro anos atuando nos bastidores da Casa saiu da trincheira para o front. Trocou o paletó usual por outro onde todos os olhos miravam a inscrição 'Honras a Deus' e fez referências diretas no discurso a trechos da bíblia numa clara intenção de reforçar a chegada dos evangélicos ao poder da Casa.

Cansado das repetitivas orações da igreja católica, Albert Dickson se converteu há 25 anos ao protestantismo. Apesar de ter optado por um ministério da Assembleia de Deus, tem trânsito livre em todos os demais segmentos. A opção religiosa do chefe do legislativo municipal não seria tão relevante se o próprio não fizesse questão de reafirmar que vai dirigir a Casa guiado por Deus. O fato de o Brasil ser um país laico, segundo a própria Constituição Federal, é um mero detalhe para o homem que condena o aborto

ARGEMIRO LIMA / NJ



e o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

"Parece que o Estado só é laico para os evangélicos. Em qualquer município que você vai, a primeira coisa que fazem quando inauguram uma praça é construir uma igreja matriz. Mas para a igreja católica o Brasil não é laico, né?", questiona o vereador que faz questão de dizer que, apesar da opção evangélica, a religião não vai interferir na política. "Não haverá interferência. Os pastores não vão ficar por aqui reivindicando nada. Política e religião são diferentes", diz.

O episódio da mensagem anual lida pelo prefeito Carlos Eduardo Alves na Câmara Municipal, quando um padre e um pastor abençoaram o início do ano legislativo, também foi encarado de forma natural pelo vereador. "O prefeito e a vice-prefeita ficaram maravilhados. Um desembargador veio me dizer que também achou muito positiva a idéia. Pensei que viessem mais críticas negativas", comenta.

Não é exagero dizer que Albert Dickson teve uma carreira meteórica na política. No segundo mandato de vereador já chegou à presidência da Câmara Municipal depois de uma

ARGEMIRO LIMA / NJ



disputa nos bastidores que envolviam cargos e poder. O estilo discreto foi fundamental. Dickson foi um dos únicos vereadores da Casa aliados da ex-prefeita Micarla de Sousa a renovar o mandato. "O prefeito me perguntou: qual foi o erro de Micarla?" Eu disse que foi ter dividido o poder com várias pessoas". Albert e Micarla, aliás, são amigos. Foi ele quem orientou a ex-prefeita quando Micarla decidiu trocar de religião. Os dois se converteram no mesmo templo da Assembleia de Deus Bom Retiro. Na mesma época, o então vereador foi decisivo para convencer a ex-prefeita e a governadora a bancar a gravação do DVD do grupo Diante do Trono na praia do Meio. O projeto, segundo ele, custava R\$ 700 mil e foi viabilizado através de uma emenda parlamentar no valor de R\$ 200 mil incluída no orçamento por ele. "Valeu a pena pelas 120 mil pessoas que foram ver e o turismo cristão que foi movimentado", conta o vereador que, no mesmo ano, concedeu o título de cidadão natalense ao polêmico bispo Silas Malafaia. "Ele tem um belo trabalho numa igreja aqui em Natal, onde comprou até o prédio", opina.

Tudo, para Albert Dickson, tem a mão de Deus no comando. Vereador evangélico mais votado na legislatura atual, à frente do bispo Francisco de Assis e de Jacó Jácóme, ele também credita aos pacientes da clínica que mantém em Lagoa Nova o sucesso nas duas eleições. No dia 1º de cada mês, 400 consultas são marcadas. Mas nega que obrigue alguém a votar nele nas eleições. Esse trabalho assistencialista ele chama de social. "95% dos pacientes são meus eleitores", afirmou.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



▶ Na primeira eucaristia



▶ Especialização em oftalmologia

ESTUDIOSO E RELIGIOSO

Albert Dickson de Lima é natalense criado no bairro das Quintas. Caçula de uma família de 18 irmãos, tem 40 anos de idade. O pai era comerciante no município de Lagoa Salgada e casou duas vezes. A primeira mulher morreu no parto do mono filho. Os pais de Dickson se conheceram em Nova Cruz. Juntos, tiveram 11 rebentos. Albert Dickson sempre estudou em escola pública e foi o único filho a entrar na política. Além do ensino normal, cursou a escola técnica de comércio e a escola técnica federal (atual UFRN), onde optou por geologia embora o sonho mesmo fosse a arqueologia. Antes de fazer medicina, Dickson cursou Engenharia Química na UFRN,

mas desistiu por não gostar do ambiente. "Naquele curso as pessoas iam para a aula depois saíam para beber e eu não gostava daquilo", conta.

Uma visita às dependências do Centro de Biociências da universidade durante o curso o fez mudar de curso. Também passou no primeiro vestibular para Medicina, onde mais tarde se especializaria em oftalmologia. No mesmo ano, também teve sucesso no concurso para auditor fiscal do Estado. Dos oito níveis salariais do emprego, está no quinto. Passou ainda num concurso para o Banco do Brasil, mas nunca foi atrás.

O presidente da Câmara Municipal sempre gostou

de estudar. Foi destaque em todas as turmas. Parte do sucesso ele deve a uma técnica que aprendeu no livro 'Como aprender mais', edições Ediouro. "Para estudar bem, tem que estar sempre no mesmo local, na mesma cadeira e no mesmo horário. Minha mãe até hoje mantém a cadeira e a mesa no mesmo lugar. Não é mania, é uma técnica que aprendi num livro. Eu não passo o dia todo estudando. Quando precisava, eu estudava

e conseguia meus objetivos", conta.

Albert Dickson é casado Hilkea Carla Lima, formada em odontologia e atualmente residente em oftalmologia, e pai de David Lima e Albert Dickson Filho. Evangélico há 25 anos, canta no coral da Assembleia de Deus às quintas-feiras e frequenta os cultos do templo todos os domingos. Ele não sabe onde quer chegar, mas acredita que Deus tem alguma coisa guardada para ele.



▶ Albert Dickson: evangélico,

CLÍNICA INVESTIGADA

Mesmo cercado de todos os cuidados e distante dos holofotes, o primeiro mandato do atual presidente da Câmara Municipal foi envolvido em algumas polêmicas. A de maior repercussão negativa foi, sem dúvida, ligada aos convênios com o município firmados pela clínica Oftalmodont Center Ltda, de propriedade dele até 30 de dezembro de 2008. A clínica mantinha contratos com a prefeitura desde 2004.

Porém, veio à tona depois que Albert assumiu a relatoria da Comissão Especial de Inquérito (CEI) que investigava o escândalo dos medicamentos da gestão de Carlos Eduardo. O valor dos contratos também foi reajustado em relação aos números cobrados pela gestão anterior e o Ministério Público Estadual instaurou inquérito para apurar as denúncias de favorecimento. O processo aguarda parte da documentação e está sob responsabilidade do promotor do Patrimônio Público, Rinaldo Reis, que está de férias. Dickson justifica dizendo que não poderia parar de atender pacientes do SUS só porque assumiu o mandato de vereador. E lembra que deixou a sociedade assim que



▶ Com Micarla: amizade e parceria política

tomou posse na Câmara Municipal. No lugar dele assumiu a enfermeira da própria clínica, Katia Cilene de Medeiros Brito Cunha, esposa do sócio de Dickson, o médico oftalmologista, Isaac Mário de Araújo Cunha.

Durante a entrevista, apesar de ter deixado a sociedade, o presidente da Câmara Municipal se referiu à empresa várias vezes como 'nossa clínica'. Questionado sobre isso, afirmou que se deve ao fato do prédio pertencer a ele ainda. "O prédio é meu, é por isso. O Ministério Público ainda não terminou o inquérito. Mas eu não poderia deixar de atender pacientes do SUS só porque virei vereador. O dinheiro não é da prefeitura, vem do Ministério da Saúde", disse.

CONTINUA
NA PÁGINA 10 ▶

CONTINUAÇÃO
DA PÁGINA 9 ▶

NOMEAÇÕES CASEIRAS E DIRETOR INDEFINIDO

A chegada de Albert Dickson na Câmara Municipal representou mudanças na estrutura de pessoal da Casa. Nada mais natural numa instituição onde os cargos pertencem aos 'donos' dos gabinetes. Dickson explica que para as nomeações existem critérios técnicos e políticos. Os Assessores Parlamentares (APMs) são escolhidos de acordo com a livre consciência dos vereadores. Já os técnicos administrativos deveriam obedecer a critérios técnicos. Nesse item entraria, por exemplo, a Escola Legislativa. Mas a escolhida foi Liane Moreno, noiva de um dos assessores parlamentares e amigo de infância do presidente da Câmara Municipal. "Paulinho é meu assessor parlamentar, meu amigo de infância. E Liane não é esposa dele, mas namorada. Ela também é pedagoga, assistente social e foi diretora de cursos da Cruz Vermelha e do Senac. Por isso está com a gente", rebateu.

No almoxarifado, outro cargo técnico, o pastor Marcelo venceu a concorrência. Novos técnicos também foram contemplados na informática (ex-assessor do gabinete de Albert Dickson e membro da igreja do vereador). No setor de limpeza, terceirizado, 14 funcionários foram substituídos. A maioria que entrou tem assento nos bancos da Assembleia de Deus.

Apesar das mudanças, o cargo administrativo mais importante da Casa ainda não tem dono. A direção geral da Câmara Municipal, que na gestão de Edivan Martins foi ocupada por Pedro Jorge Costa Fer-



▶ Albert Dickson nomeou cargos de confiança na Câmara

reira, segue vaga. No início do ano, especulou-se o nome do próprio Edivan Martins para o posto, o que foi prontamente negado por Dickson. Uma fonte da Casa disse que o presidente chegou a pensar em nomear alguém indicado pelo Ministério Público, mas voltou atrás. "Numa reunião com funcionários ele chegou a dizer 'quem sabe não serei eu mesmo?'. O presidente falou que poderia passar um bom tempo sem diretor geral", contou.

Ao NOVO JORNAL, Albert Dickson comentou que poderia, sim, abrir mão do cargo cujo salário é de R\$ 9 mil. Ele contou que gosta da função administrativa e poderia acumular. "Todo presidente faz o trabalho político e deixa a parte técnica para o diretor geral. Eu talvez nem vá nomear. Eu gosto da parte administrativa e ainda economizaria R\$ 9 mil. E ainda preciso dar vazão à questão do Portal da Transparência", disse.

“**TUDO PRESIDENTE FAZ O TRABALHO POLÍTICO E DEIXA A PARTE TÉCNICA PARA O DIRETOR GERAL. EU TALVEZ NEM VÁ NOMEAR. EU GOSTO DA PARTE ADMINISTRATIVA E AINDA ECONOMIZARIA R\$ 9 MIL. E AINDA PRECISO DAR VAZÃO À QUESTÃO DO PORTAL DA TRANSPARÊNCIA**”

Albert Dickson
Presidente da Câmara Municipal

Informativo Semanal do Sindicato dos Médicos

sin med
RN
em ação

O GOVERNO QUE FOI SEM TER SIDO

Em alguns momentos surgem oportunidades históricas que podem mudar perspectivas, abrir horizontes, promoverem mudanças, desencadear avanços há muito esperados. As vezes tudo isso pode redundar em notável fracasso, antes destruindo esperanças e levando a frustrações. Nas eleições de Natal, quando Micarla de Sousa chegou à prefeitura, ou nas eleições estaduais que levaram Rosalba Ciarlini ao governo, o tema saúde alimentou e azeitou a corrida política, sendo exaustivamente utilizado pelas candidatas eleitas como fracasso das gestões que elas pleiteavam suceder. Os Médicos sempre atentos à conjuntura e ansiosos por melhorias na saúde participaram ativamente, votando e emprestando apoio às teses de mudança na condução da saúde. A administração Micarla é uma página virada. Embora na saúde tenhamos tido o plano de cargos dos médicos com melhoria salarial, construção de Upas e Ames, as terceirizações foram a nota dissonante que jogou a administração no imbróglio de desvios e corrupção que minou e destruiu a gestão da Prefeita. Rejeitada por mais de 90% da população o governo naufragou e sequer condições de ser candidata a Prefeita teve. Mas isso correu ao longo de quatro anos. No governo estadual os sinais de impaciência com a incompetência administrativa apareceram cedo, menos de um ano e meio e Natal já rejeitava a Governadora Rosalba em cerca de 70%, com pouco mais de dois anos atingiu-se em Natal a rejeição de 86% e no Rio Grande do Norte de mais ou menos 70%. O governo despreparado, provinciano, arrogante, prepotente, parou de avançar - se administrativamente e limita-se a politicagem mais rasteira procurando subsistir ante o abandono da população que o elegeu. Nesse contexto os Médicos chegam a 10 meses de greve, clamando socorro para os pacientes, melhoria na infraestrutura das unidades, abastecimento, carreira médica, concurso público, piso Fenam. Denunciamos o governo na mídia, nas delegacias de polícia, nos conselhos, na justiça e até em cortes internacionais como violador dos direitos humanos, pela degradação da assistência aos que procuram a saúde pública. Por outro lado na terceirização do Hospital da mulher em Mossoró as denúncias de gastos indevidos superam os oito milhões de reais, em auditoria da própria Sesap. O Governo tem praticado o esporte de perseguir médicos e funcionários, se julga acima de críticas, nega-se à negociação e naufraga vergonhosamente na área que prometia priorizar. Alçado ao descrédito, arrojado como ineficiente, o governo chega ao terceiro ano arquejando, incapaz de políticas públicas o governo mantém a empáfia de hostilizar os trabalhadores e procurar nos políticos sustentação para chegar ao seu término. Abandonado por quem o elegeu o governo termina antes do fim, já se fala claramente em inviabilidade do projeto de reeleição. Sem conseguir cumprir suas promessas de campanha o governo vai se esgotando, deixando a sensação do Governo que foi, sem na verdade ter sido.

Dr. Geraldo Ferreira
Pres. Sinmed

MAIS LUTA PELA FRENTE

Reunião do governo realizada em Brasília discutiu a importação de 6 mil médicos para ocupar postos de trabalho no Brasil. A tentativa do governo é de facilitação do Revalida. As entidades médicas são contrárias.

FENAM MANTÉM POSIÇÃO

Apesar da inscrição de mais de 4 mil médicos no PROVAB, a Federação Nacional dos Médicos mantém sua posição crítica ao programa, tendo em vista que ele não favorece a fixação do profissional e é um obstáculo a carreira médica e ao piso Fenam. etendo concurso.

1º DE MAIO

CNTU confirma presença em Natal. Para as comemorações pelo primeiro de maio, tradicionalmente comemorado pelo Sinmed, foi confirmada a participação da Confederação Nacional dos Trabalhadores Liberais Universitários Regulamentados e suas federações nacionais. No elenco de reuniões, que serão efetuadas do dia 1º ao dia 3, também estão confirmadas as presenças do Conselho Federal de Medicina e da Associação Médica Brasileira e suas respectivas diretorias.

10 MESES

Dia 28 de fevereiro completaram - se 10 meses de greve. O governo mantém sua intransigência e os médicos mantêm a sua luta em defesa da população. Terça, dia 5, às 19h, acontece assembleia do movimento no Sinmed.

DIREITOS HUMANOS

Dia 7 de março o presidente do Sinmed, Geraldo Ferreira, se reúne com a Ministra dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, para levantar as graves questões da saúde pública do RN, que na visão do Sinmed violam claramente os direitos humanos.

● twitter: @sinmedrn
● facebook.com/sinmedrn

www.sinmedrn.org.br | comunicacao@sinmedrn.org.br



▶ Margareth, à direita: ao lado do irmão antes da redução de estômago

IRMÃ, MENTORA E BRAÇO DIREITO

Apesar do poder centralizado, dificilmente Albert Dickson dá um passo sem o conhecimento de Margareth Régia de Lima. Sete anos mais velha que o caçula da família, a irmã do presidente da Câmara Municipal é o braço direito dele na política. Margareth se dedica desde os anos 80 ao trabalho junto às comunidades e, hoje, aproveita para divulgar também a atuação do único vereador da família. Moradora da Zona Norte de Natal, ela exerce uma forte liderança na região e faz a ponte política entre o irmão e os eleitores.

No currículo da irmã de Albert Dickson consta ainda a coordenação de lideranças comunitárias na campanha para deputado estadual do atual prefeito Carlos Eduardo Alves, em 1985, além de trabalhos semelhantes em eleições posteriores de Agnelo Alves e de Wilma de Faria. Margareth chegou a se candidatar à vereadora em 1988 pelo PMDB, mas não conseguiu se eleger com os 900 votos que conquistou. "Às vezes ela pensa que está na campanha de 88, aquela que não tinha fiscalização e tenho que trancar Margareth num galpão para ela não fazer coisas que... ela não faz", diz.

Apesar de atuar na rua, Margareth ganhou trânsito livre na Câmara Municipal desde a eleição do irmão para a presidência da Casa. Ela é vista quase todos os dias nas dependências do Palácio Frei Miguelinho. Uma funcionária informou que ela cuida da parte operacional da Casa. Dickson nega que a irmã tenha cargo na Câmara ou em qualquer outro setor do legislativo ou mesmo na prefeitura. O vereador admitiu, porém, que transfere parte do próprio salário - o valor não foi informado - para que ela desenvolva o trabalho comunitário. "Pode trabalhar em tudo: Câmara, Assembleia, Prefeitura, Gover-

no, ela não foi nomeada em lugar nenhum, não trabalha em nada. Mas dou uma ajuda de custo do meu salário para ela receber as lideranças comunitárias. Margareth é uma pessoa muito boa nesse processo de conversar com a liderança, que não é meu perfil", analisa o irmão.

Para Albert Dickson, a relação com Margareth é como a 'irmã mais velha cuidando de quem não tinha experiência'. A recíproca é semelhante. Margareth não consegue ver Dickson como um político tradicional. Beto, na visão dela, ainda é aquele irmão pequeno, tímido, que precisa de atenção. Amigo de infância de Albert, o jornalista Luciano Kleiber atesta a admiração entre os irmãos. "Beto era muito obediente. Talvez até mais com a irmã do que com a mãe. Ele e Margareth tinham uma afinidade fora do comum. O que a gente via é que o Beto tinha um carinho desde muito cedo, admiração mesmo", contou.

Falando sobre o Beto, Margareth parece mais mãe do que irmã. As lembranças a levam para um passado distante da política. "Quem cuidou dele fui eu. Eu tinha o maior prazer em cuidar do Beto, gosto muito dele. Achava ele lindo porque era gordinho. Todo dia no final da tarde o colocava sentadinho em cima do muro para as pessoas olharem para ele e o pessoal que passava ficava admirando", derreteu-se a irmã.

Albert e Margareth podem divergir em uma ou outra situação, mas dificilmente brigam. A irmã, no entanto, fez questão de dizer que não gostou de uma das decisões mais importantes que 'Beto' tomou na vida: a cirurgia de redução de estômago. "Não gostei mesmo. Queria o Beto gordinho como era antes. Mas ele disse que queria e que a mulher gostou, então não posso fazer nada", diz resignada.



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

ESTILO DISCRETO TEM RAIZ NA TIMIDEZ DA INFÂNCIA

O perfil discreto de Albert Dickson tem uma raiz no passado. Beto, para os amigos de infância, era um garoto reservado, embora participasse das brincadeiras e conversas da turma. Considerado o mais estudioso do grupo de oito amigos que morava no bairro das Quintas e estudaram o ensino fundamental na escola municipal Ferreira Itajubá, sempre foi visto como o CDF. Inteligente, preferia jogos de tabuleiros, como war de banco imobiliário a futebol, por exemplo. Contemporâneo e amigo de lembra que os mesmos garotos se encontram sempre depois das aulas para brincar e conversar. "O Beto era um pou-

co fechado, não era de muita conversa e sempre foi CDF. Da turma toda era o mais estudioso. Às vezes quando a turma se juntava, ele dizia que não ia porque tinha que estudar. Era de conversar pouco, mas ao mesmo tempo muito amigo dos amigos. Sempre fechava com a gente", recorda o jornalista.

Em relação ao futuro, Albert Dickson também estava um passo à frente dos amigos. Aos 12 anos, o garoto já falava em seguir os passos de médico. "Naquele tempo, estávamos na transição de criança para adolescente e o Beto já falava em fazer medicina. Ele parecia que sempre teve claro o que queria na vida. Os outros meninos não tinham idéia

nenhum do iriam fazer no futuro. Mas ele já imaginava. Só a política que não acho que passasse pela cabeça dele. Beto não era eloquente, isso só veio se manifestar depois", afirmou.

Embora tímido, Albert Dickson já demonstrava ter personalidade forte na infância. E não costumava sair da linha. As ordens da mãe sempre eram respeitadas. Na vez que isso não ocorreu, virou história. "A mãe do Beto era muito caxias e uma vez fomos para a frente da casa dele. A mãe chegou e disse que o Beto não ia sair, mas ele veio. Um pouco depois por algum motivo a mãe dele apareceu e puxou a orelha dele até em casa. Esse tipo de desobediência era rara", lembra.

TRANSBÊBADOS

/ TRANSPORTE /
COM O RIGOR DA LEI SECA, GRUPOS DE AMIGOS ADQUIREM O HÁBITO DE CONTRATAR VANS PARA IREM ÀS FESTAS OU OUTROS TIPOS DE EVENTOS NOTURNOS

LOUISE AGUIAR
DO NOVO JORNAL



► Serviço vai se popularizando depois da tolerância zero da Lei Seca; empresas do setor aumentaram faturamento em até 20%

VOCÊ CERTAMENTE JÁ ouviu muito falar que bebida e direção não combinam. Também é certo que muitas vezes arriscou a própria vida voltando de uma festa sob o efeito de algumas cervejas. A prática, embora configure um mau hábito, ainda está presente no dia a dia de muitos natalenses. Com o aumento do rigor da Lei Seca, porém, o cenário vai mudando aos poucos. Agora o que muita gente já faz é alugar veículos, geralmente vans que comportam até 15 pessoas, para se locomover aos mais variados eventos.

Pode ser um casamento, o aniversário de um amigo, um show de forró ou uma confraria que se reúne para tomar vinho uma vez por semana. Não importa o evento, eles decidiram deixar os carros em casa. O empresário Kerley Leal Bezerra foi esperto e enxergou um novo filão para fazer crescer sua empresa de locação de veículos e passeios. Depois da tolerância zero da Lei Seca, a procura cresceu 20% pela vem do sócio da Leal Tour, que em breve se tornará MK Locações. A hora, o local e o tipo de evento não fazem diferença. Com a nova demanda, o empresário fatura quase R\$ 5 mil

por mês só transportando pessoas nessas condições.

Era uma terça-feira quando Kerley foi contratado para levar uma turma para uma formatura em Nova Parnamirim. A maioria morava do Parque dos Coqueiros, na Zona Norte. A promotora de vendas Maraíza Otaviano era uma delas. Prima do formando, ela se juntou à turma e fretou a van para se deslocar até a festa. Há cerca de três meses se tornou comum a prática entre os amigos, que sempre saem numa turma de 12 pessoas, todos casais.

"A gente costumava ir em até três carros para a festa, mas sempre um ficava sem beber para dirigir na volta. Hoje economizamos a gasolina e temos a segurança de ir todo mundo num carro só", diz.

Juntos, costumam ir a shows em Ceará-Mirim, Macaíba, Vila Folia e Circo da Folia em Pirangi, entre uma e duas vezes por mês. O transporte sai em média por R\$ 20 para cada um por noite. A segurança de ter alguém sóbrio transportando os amigos é um dos benefícios do serviço, segundo Maraíza. Além da comodidade, já que Kerley pega e deixa cada um em casa.

A estudante Flaviana Bandeira, 30, também cansou de ser a motorista da rodada e de pagar caro por táxi. "Passei a usar o serviço por segurança, porque o que mais a gente vê por aí são pessoas inocentes sofrendo acidentes por culpa de outros que dirigem bêbados", conta.

A estudante tomou conhecimento do serviço depois de uma série de matérias veiculadas na televisão sobre o aumento do rigor da Lei Seca. Ficou sabendo que Kerley fazia o transporte e, desde setembro, sempre que vai a uma festa contrata a van. A maior vantagem, diz Flaviana, é a segurança de ser pega e deixada em casa por um motorista que não ingeriu uma gota de álcool. "Antes eu costumava sair em equipe com amigos, de carona, então sempre a gente revezava: tinha o motorista da rodada que não bebia", conta Flaviana.

Praias como Pirangi e Muriú são alguns dos lugares que a turma de Flaviana já foi. Nessa terça-feira, porém, eles se reuniram para a formatura do amigo Emanuel Bandeira, um dos integrantes da trupe que quase todo final de semana sai de van. Operador de logística, ele diz que há dois anos sai com Kerley, depois que um amigo indicou o serviço. Morador da Zona Norte, ele diz que ficou cada dia mais difícil marcar presença nas festas de Macaíba e Parnamirim depois da Lei Seca.

"Ficou inviável ir de carro porque não cabia todo mundo. E depois não dava para voltar dirigindo embriagado", conta. A turma já chegou a solicitar o serviço para um fim de semana inteiro, quando foi para uma casa de praia em Barra de Maxaranguape. "Ele pegou a gente e deixou lá na sexta e quando foi no domingo foi buscar", conta.

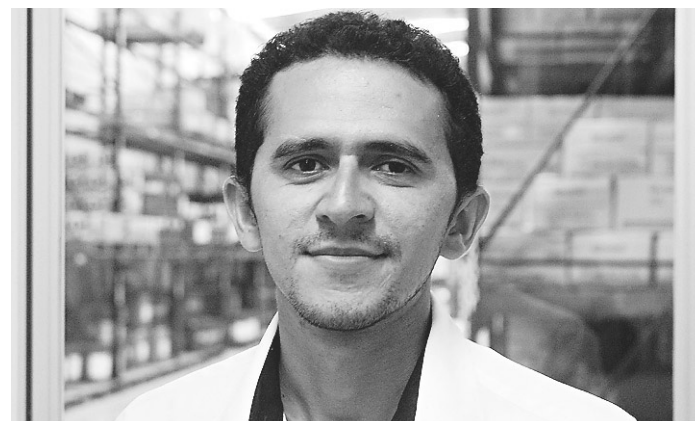
“

A GENTE COSTUMAVA IR EM ATÉ TRÊS CARROS PARA A FESTA, MAS SEMPRE UM FICAVA SEM BEBER PARA DIRIGIR NA VOLTA”

Maraíza Otaviano,
Promotora de vendas



► Maraíza Otaviano (c) vai a uma festa de formatura com sua turma



“

FICOU INVIÁVEL IR DE CARRO PORQUE NÃO CABIA TODO MUNDO. E DEPOIS NÃO DAVA PARA VOLTAR DIRIGINDO EMBRIAGADO”

Emanuel Bandeira,
Operador de logística



► Kerley Leal Bezerra, empresário: novo filão no mercado

CONFRARIA DO VINHO TAMBÉM ADERE AO TRANSPORTE COLETIVO



► Elmano Marques, médico e apreciador de vinho: reuniões em grupo uma vez por mês

Há 15 anos o médico Elmano Marques se reúne com os amigos para apreciar vinhos uma vez por mês. No início, os encontros aconteciam na casa dele, mas o grupo foi aumentando e os amigos passaram a se reunir em restaurantes da cidade. Depois da Lei Seca, os enófilos tiveram que encontrar alternativas para não irem dirigindo os próprios carros nestes encontros. Além de contratar uma van, que pega cada um em casa e os leva até o restaurante, Elmano e os amigos também costumam ir aos encontros de carona ou até mesmo de táxi.

Um dos encontros aconteceu na Lagoa do Bonfim. Como é mais longe da capital e eles queriam ir em grupo, acabaram contratando uma van para levá-los. A expectativa, diz Elmano, é que isso vire

uma rotina daqui pra frente em Natal. "Já estive fora do país e nesses lugares é comum isso acontecer. Em Praga existe um serviço chamado SOS Drink, que a pessoa liga e eles mandam dois motoristas: um num táxi para levar a pessoa para casa e outro para levar o carro dela", detalha.

O serviço custa entre R\$ 300 e R\$ 400, podendo ficar mais caro se a saída for para fora de Natal. Os encontros costumam começar às 20h e terminam no máximo até meia noite. Os participantes podem degustar até seis tipos diferentes de vinho por noite.

Elmano acredita que a demanda por esse tipo de serviço só tende a aumentar, já que a conscientização das pessoas também está crescendo. "As pessoas estão percebendo o que pode ser causado

por dirigir embriagado, o risco de vida que cada um corre. Acredito que o hábito vai se popularizar ainda mais", defende.

O consultor em vinhos Gilvan Passos costuma promover encontros de harmonização e diz que, depois da Lei Seca, os participantes tiveram que encontrar outras alternativas para se reunir. Ele vai ainda mais além: acredita que reuniões do tipo têm diminuído em Natal. "Trabalho promovendo a cultura do vinho e não tem como fazer isso sem degustar. Coordenar seis confrarias e promover degustações, e já observo uma perda no quórum de frequentadores desses encontros", atesta.

Segundo ele, muita gente não quer voltar numa van ou de táxi. Muitos não querem abrir mão de dirigir o próprio carro. Com o rigor

atual, no qual não se pode mais se recusar a fazer o teste do bafômetro, alguns deixaram de participar dos encontros. "Os donos de restaurantes têm me dito que perceberam uma queda grande no consumo de bebidas, principalmente de vinho", acrescenta. A situação de Gilvan é ainda mais delicada porque, como trabalha com vinhos, ele costuma fazer degustações até três vezes por semana.

"Agora eu tenho que ir de táxi ou então pedir a minha esposa para me deixar e buscar", conta. Nesses encontros, cujo objetivo é conhecer a bebida, cada pessoa prova no máximo quatro tipos de vinho e ingere entre 30 e 40 mililitros da bebida. Mais rigorosa, a Lei Seca atualmente não permite a qualquer quantidade de bebida no sangue do motorista.

CLIENTES POSSUEM EM MÉDIA ENTRE 20 E 55 ANOS

Fazendo esse trabalho há três anos, Kerley está acostumado a lidar com todo tipo de gente. Desde os mais comportados até os bebedores, que já chegaram até a vomitar na van. Tranquilo, ele diz que isso faz parte do trabalho. "Ao levar pessoas para uma festa, sabendo que elas vão beber, eu assumo o risco. Mas depois é só colocar o carro para lavar", diz. O carro é todo coberto de bancada de couro, o que facilita a lavagem em casos como esse. A situação, emenda, é bastante comum de acontecer, mas geralmente não há estresse entre os frequentadores do veículo.

No início o serviço era feito somente entre amigos, mas Kerley foi se tornando conhecido no meio. Como naturalmente não ingere bebida alcoólica, foi ganhando a confiança dos clientes. O público que contrata a van são pessoas entre 20 e 55 anos, que pedem o serviço para ir a festas, formaturas, casamentos ou aniversários. Normalmente vai até Macaíba, Parnamirim, São José de Mipibu, João Câmara e até Caicó. No último verão levou pessoas a Pirangi, Muriú e Barra de Maxaranguape.

Antes da Lei Seca, ele já realizava o serviço, mas depois da norma percebeu um incremento de 20% na procura, inclusive para outros lugares. Antes as pessoas o contratavam para irem para festas e eventos, hoje já costumam chamá-lo até para ir a barzinhos e boates. Por cada noite que sai em Natal, Kerley cobra R\$ 300. A hora de saída e de chegada em casa é o cliente quem determina. Se for sair da cidade, o preço pode subir até R\$ 350.

Lidar com pessoas em fim de festa não é lá das tarefas mais fáceis. Mas o empresário diz que tira de letra. Certa vez viajou com um grupo para Curráis Novos e quando o relógio marcou 4h, duas pessoas do grupo não chegaram ao local marcado. Esperou, ligou e nada. Uma hora depois eles apareceram. "A gente espera. Esperamos meia hora, ligamos. Se não aparecerem nem derem notícia, imaginamos que é porque conseguiram voltar para casa", diz. Com o aumento no rigor da lei, Kerley diz que hoje leva até duas turmas por dia para diferentes eventos. As saídas acontecem geralmente na sexta e no sábado e ele chega a fazer até dois traslados. "É um negócio rentável. Criei um padrão de qualidade e procuro manter, sendo pontual e respeitando os clientes. A procura só tem crescido", finaliza.

A DECADÊNCIA DE UM PARAÍSO

/ JENIPABU / CENÁRIO DE FILMES NACIONAIS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO, A PRAIA TAMBÉM JÁ FOI DESTINO DE VERANEIO DOS POLÍTICOS; HOJE AMARGA A PIOR ALTA ESTAÇÃO DOS ÚLTIMOS TEMPOS

LOUISE AGUIAR
DO NOVO JORNAL

VAZIA EM PLENA alta estação. Bugues e bugueiros parados, à espera de turistas para um passeio nas dunas mais famosas do Brasil. Vendedoras de artesanato sem comercializar uma peça sequer por até três dias. Pousadas e hotéis fechados, casas de portas cerradas com placas de aluguel. Essa é a Jenipabu de hoje, que amarga a pior alta estação dos últimos tempos.

Cenário de filmes nacionais, como os que foram estrelados pelo Padre Marcelo Rossi, e de programas globais, como os de Ana Maria Braga e Luciano Huck, há alguns anos a praia do litoral Norte, a 20 KM de Natal, era refúgio de descanso de expressivas lideranças políticas do estado, como os ex-governadores Geraldo Melo e Garibaldi Alves, que ali tinham casas de veraneio. No entanto, quem frequentou a praia há dez, 15 anos, não a reconhece mais. Abandonada por turistas e natalenses, Jenipabu pede socorro.

O grito de alerta foi lançado por comerciantes e moradores da praia,

que realizaram na semana passada uma manifestação para exigir dos poderes públicos melhorias para o destino turístico que já chegou a ser um dos mais procurados do Nordeste.

A comerciante Vânia Souza Pires, nascida e criada na praia, vende artesanato à beira-mar há 25 anos, mas nunca viu um verão como o de 2013. Segundo ela, as vendas caíram até 70% na pequena tenda que monta todos os dias na areia da praia. Antes, quando chegava a alta estação, apurava até R\$ 700 por dia. No mês passado levou 15 dias para vender R\$ 700.

"Antes tinha dia de chegar quatro, cinco ônibus lotados de gente por aqui. A gente perdeu esses turistas. Os poucos que chegam, estão só de passagem e não compram nada", desabafa.

A mesma reclamação tem a vendedora Marilac Ferreira, que diz ter perdido 50% das vendas neste verão. "Não houve alta estação esse ano", diz enfática. Para ela, faltou divulgação de Jenipabu no resto do país. "É como se não existisse nas agências, eles não vendem", acrescenta.

Marilac costumava faturar en-

tre R\$ 600 e R\$ 800 por dia na alta estação, mas disse que, um dia antes de a reportagem visitar a praia, tinha feito R\$ 139 com muito esforço. Para a comerciante, assim como para a maioria dos nativos que sobrevivem do turismo em Jenipabu, o problema não foi só a falta de divulgação.

Além de abandonada pelo poder público, eles culpam uma obra da Prefeitura de Extremoz, que começou em novembro e até agora não foi concluída. A construção de uma praça bem no centro da praia, em frente à igreja, estaria impedindo os turistas de terem acesso à beira-mar e diminuindo gradativamente a movimentação.

As obras fazem parte do Projeto Orla, do governo federal, orçada em R\$ 680.950,19, mas que há pelo menos dois anos não anda por conta de problemas com as desapropriações de dois terrenos, onde atualmente funcionam estacionamentos privados. Em outubro, porém, a Prefeitura começou a construção da praça, exatamente onde antes era o acesso à praia. Até hoje não concluiu a obra e os comerciantes acreditam que o fracasso

do verão se deve em grande parte à desorganização no andamento do projeto.

"O turista chega aqui e não tem por onde chegar à praia. Eles estão indo para outros lugares e mandando o nosso comércio", emenda Marilac. No local onde a praça está sendo construída, antes funcionava um ponto de táxi e um estacionamento aberto ao público. Era por onde geralmente os turistas desciam para chegar à praia e encontrar os bugueiros.

Há 15 anos em Jenipabu, a comerciante Eliana de Souza também sofre. As vendas, diz, caíram 40% nesta alta estação. Mas o maior problema não foi esse. Segundo ela, depois que a Prefeitura construiu a praça por cima da areia que havia no local, toda vez que chove algumas lojas de artesanato no entorno da praça alagam, inclusive a dela. Diante do baixo faturamento, a comerciante diz que vai "ter que se virar" para pagar as contas. Assim como Vânia, que já está lavando roupa, vendendo mercadorias Tupperware e limpando os banheiros públicos da praia para conseguir um trocado.

BUGUEIROS RECLAMAM DOS PREJUÍZOS

O vendedor de passeios de buggy Marcelo Souza acredita que a procura tenha diminuído 50% neste verão. "Faltou divulgação e investimento da prefeitura. Aqui não tem nada, não tem estrutura. Os turistas foram embora", argumenta. Em uma época como essa, o vendedor diz que a empresa fatura R\$ 40 mil por mês, mas neste verão só arrecadou a metade. Há cinco anos trabalhando na praia, ele diz que nunca viu um verão tão fraco como este. A situação é de abandono.

Na beira-mar, três barracas fecharam em plena alta estação. São

14 no total, mais três sorveterias e 17 de artesanato. No dia em que a reportagem esteve na praia, porém, todas as 17 estavam fechadas. Segundo Vânia, para ela ficou melhor tomar conta do mercadinho do irmão do que armar a barraca de produtos artesanais. "Sábado passado eu vendi uma canoa. Em uma semana inteira, só apurei R\$ 60. Não tem vantagem vir pra cá", diz.

O bugueiro e dono de pousada José Gomes da Silva é taxativo. "Não tivemos alta temporada este ano". A entrada dos turistas pelo centro da praia, que hoje está interditada por conta das obras, é apontada por ele como um dos principais problemas para o fracasso. O movimento caiu em torno de 20%, de acordo com o aposentado. Ele costumava fazer sete passeios por

semana e agora precisa se contentar com um ou dois no máximo, o que reduziu o faturamento à metade. O problema, entretanto, é antigo. Para José Gomes, Jenipabu vem numa decadência há pelo menos quatro anos.

"É muita casa para vender abaixo do preço e ninguém compra. Na minha pousada, eu chegava a ter 100% de ocupação no verão, agora não passa de 60%", detalha. No último final de semana, quando o NOVO JORNAL esteve na praia, a pousada de Gomes só tinha um casal hospedado. "É um prejuízo grande, os impostos só aumentam e a gente não recebe mais turistas", reclama. Fechar o negócio, ele não pensa; até porque, depois de aposentado, precisa continuar trabalhando para sustentar os quatro filhos.



▶ Marcelo Souza, vendedor de passeios de buggy: faltou divulgação e investimento da prefeitura



▶ Vânia Souza Pires, comerciante: as vendas caíram até 70%



▶ Ilza Maria de Oliveira, comerciante: obra prejudicou o comércio

SORTE SÓ COM AS BELEZAS NATURAIS

A comerciante Ilza Maria de Oliveira está há um ano apenas na praia e ficou decepcionada com as vendas realizadas no mês de janeiro. "Essa obra prejudicou muito o comércio", acredita. Enquanto construída a calçada da praça, a prefeitura teria colocado telas de proteção ao redor da obra, o que impediu muitos turistas de entrarem nas lojas, segundo Ilza. As vendas, emenda, foram apenas metade do que ela e o marido esperavam. "Estamos pedindo socorro às autoridades porque pagamos nossos impostos direitinho e queremos ver a praia cheia de gente", apela.

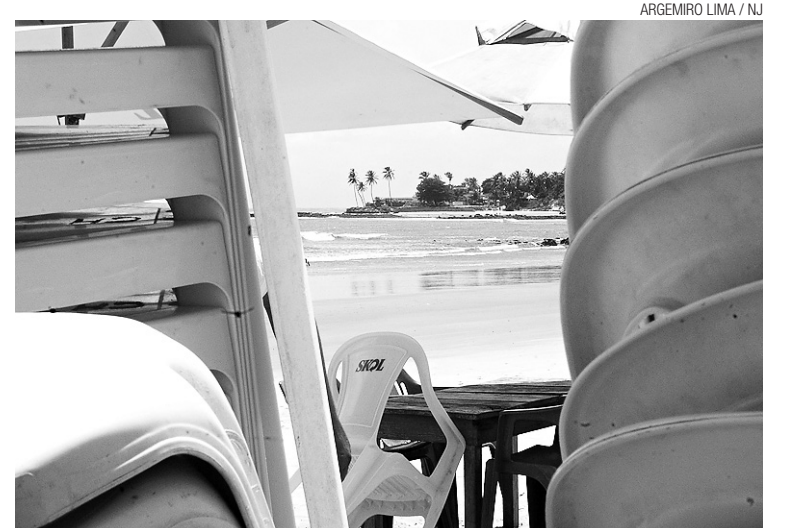
A sorte dos nativos, diz Ilza, é que Jenipabu é muito bonita e ainda atrai muita gente somente pela beleza natural. Foi exatamente pela beleza que a Rede Globo decidiu fazer na praia as gravações da próxima novela das seis,

Flor do Caribe, com estreia marcada para o próximo dia 11. A esperança dos nativos é que com a divulgação proposta pela novela, os turistas voltem a procurar Jenipabu. "Vai ajudar muito, mas precisamos de estrutura. É preciso organizar as barracas, capacitar o pessoal", acrescenta Ilza.

A vendedora de artesanato Lenônica de Oliveira vai ter que arcar com um prejuízo de R\$ 5 mil. Investiu pesado em mercadoria para vender na alta estação, mas viu que não comercializou nem 30% do que pretendia. O prejuízo é duplo porque o marido da comerciante é bugueiro e também vive um dos piores verões de todos os tempos. Para ela, que está há dois anos na praia, falta investimento em divulgação do poder público. "A obra também atrapalhou muito", emenda.



▶ Praia de Jenipabu, litoral Norte, a 20 KM de Natal: deficiência na infraestrutura com



▶ Pouca movimentação na beira-mar e na rua principal da comunidade, a Vereador

BARRAQUEIROS VENDEM MENOS

Francisca de Oliveira, mais conhecida em Jenipabu como Chica, tem uma barraca na praia há 33 anos. Todo verão ela fatura alto, chegando a contabilizar R\$ 30 mil em seu caixa ao final de um mês como janeiro. Este ano, o montante não alcançou os R\$ 10 mil. "Foi o pior veraneio de todos os anos que eu estou aqui. Essa obra prejudicou muito a gente, porque eles começaram bem na alta estação e não deixaram nenhuma entrada para a praia", reclama. Para Chica,

o maior pecado de Jenipabu é a falta de estrutura.

"Não tem nada aqui, a prefeitura não investe. Não temos um calçadão, não organizam as barracas. Esses banheiros públicos só existem porque nós pagamos para alguém limpar", enumera. O comerciante Wellington Barbosa, que além de bugueiro é dono de uma barraca à beira-mar, diz que este verão não foi bom para ninguém. Não só em Jenipabu, mas no Estado inteiro, ele acredita que o turismo tenha ficado



▶ Francisca de Oliveira, barraqueira: o pior veraneio de todos

MOVIMENTO FRACO TA

Para quem trabalha em cima das dunas, esta também foi a pior alta temporada de todos os tempos. Há 20 anos trabalhando na praia com o sandboard e skyduna, Geraldo Carlos diz que em anos anteriores chegava a fazer 20 passeios por dia. Nesse verão, se fez a metade foi muita coisa. A frequência de turistas diminuiu neste verão, e, segundo ele, muito por causa da péssima divulgação que Natal teve no noticiário nacional com os problemas registrados no calçadão de Ponta Negra.

Na última quinta-feira (28), o movimento estava tão fraco que Manoel Messias Freire, há 20 anos também trabalhando no local, aproveitava para tirar um cochilo. Lindemberg Pires, há cinco anos na praia, também confirma a queda no movimento. "Todo ano cai, mas agora a queda foi muito maior", diz.

A gerente do Dromedunas, Marilda Gomes, também confirma a diminuição na procura pelo passeio de dromedário. De acordo

A DECADÊNCIA DE UM PARAÍSO

/ JENIPABU / CENÁRIO DE FILMES NACIONAIS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO, A PRAIA TAMBÉM JÁ FOI DESTINO DE VERANEIO DOS POLÍTICOS; HOJE AMARGA A PIOR ALTA ESTAÇÃO DOS ÚLTIMOS TEMPOS

LOUISE AGUIAR
DO NOVO JORNAL

NAZIA EM PLENA alta estação. Bugues e bugueiros parados, à espera de turistas para um passeio nas dunas mais famosas do Brasil. Vendedoras de artesanato sem comercializar uma peça sequer por até três dias. Pousadas e hotéis fechados, casas de portas cerradas com placas de aluguel. Essa é a Jenipabu de hoje, que amarga a pior alta estação dos últimos tempos.

Cenário de filmes nacionais, como os que foram estrelados pelo Padre Marcelo Rossi, e de programas globais, como os de Ana Maria Braga e Luciano Huck, há alguns anos a praia do litoral Norte, a 20 KM de Natal, era refúgio de

descanso de expressivas lideranças políticas do estado, como o ex-governador Geraldo Melo e Garibaldi Alves, que ali tinham casas de veraneio. No entanto, quem frequentou a praia há dez, 15 anos, não a reconhece mais. Abandonada por turistas e natalenses, Jenipabu pede socorro.

O grito de alerta foi lançado por comerciantes e moradores da praia,

que realizaram na semana passada uma manifestação para exigir dos poderes públicos melhorias para o destino turístico que já chegou a ser um dos mais procurados do Nordeste.

A comerciante Vânia Souza Pires, nascida e criada na praia, vendendo artesanato à beira-mar há 25 anos, mas nunca viu um verão como o de 2013. Segundo ela, as vendas caíram até 70% na pequena tenda que monta todos os dias na areia da praia. Antes, quando chegava a alta estação, apurava até R\$ 700 por dia. No mês passado levou 15 dias para vender R\$ 700.

"Antes tinha dia de chegar quatro, cinco ônibus lotados de gente por aqui. A gente perdeu esses turistas. Os poucos que chegam, estão só de passagem e não compram nada", desaba.

A mesma reclamação tem a vendedora Marilac Ferreira, que diz ter perdido 50% das vendas neste verão. "Não houve alta estação esse ano", diz enfática. Para ela, faltou divulgação de Jenipabu no resto do país. "É como se não existisse nas agências, eles não vendem", acrescenta.

Marilac costumava faturar en-

tre R\$ 600 e R\$ 800 por dia na alta estação, mas disse que, um dia antes de a reportagem visitar a praia, tinha feito R\$ 139 com muito esforço. Para a comerciante, assim como para a maioria dos nativos que sobrevivem do turismo em Jenipabu, o problema não foi só a falta de divulgação.

Além de abandonada pelo poder público, eles culpam uma obra da Prefeitura de Extremoz, que começou em novembro e até agora não foi concluída. A construção de uma praça bem no centro da praia, em frente à igreja, estaria impedindo os turistas de terem acesso à beira-mar e diminuindo gradativamente a movimentação.

As obras fazem parte do Projeto Orla, do governo federal, orçada em R\$ 680.950,19, mas que há pelo menos dois anos não anda por conta de problemas com as desapropriações de dois terrenos, onde atualmente funcionam estabelecimentos privados. Em outubro, porém, a Prefeitura começou a construção da praça, exatamente onde antes era o acesso à praia. Até hoje não concluiu a obra e os comerciantes acreditam que o fracasso

do verão se deve em grande parte à desorganização no andamento do projeto.

"O turista chega aqui e não tem por onde chegar à praia. Eles estão indo para outros lugares e mandando o nosso comércio", emenda Marilac. No local onde a praça está sendo construída, antes funcionava um ponto de táxi e um estacionamento aberto ao público. Era por onde geralmente os turistas desciam para chegar à praia e encontrar os bugueiros.

Há 15 anos em Jenipabu, a comerciante Eliana de Souza também sofre. As vendas, diz, caíram 40% nesta alta estação. Mas o maior problema não foi esse. Segundo ela, depois que a Prefeitura construiu a praça por cima da areia que havia no local, toda vez que chove algumas lojas de artesanato no entorno da praça alagam, inclusive a dela. Diante do baixo faturamento, a comerciante diz que vai "ter que se virar" para pagar as contas. Assim como Vânia, que já está lavando roupa, vendendo mercadorias Tupperware e limpando os banheiros públicos da praia para conseguir um trocado.



▶ Marcelo Souza, vendedor de passeios de buggy; faltou divulgação e investimento da prefeitura

semana e agora precisa se contentar com um ou dois no máximo, o que reduziu o faturamento à metade. O problema, entretanto, é antigo. Para José Gomes, Jenipabu vem numa decadência há pelo menos quatro anos.

"É muita casa para vender abaixo do preço e ninguém compra. Na minha pousada, eu chegava a ter 100% de ocupação no verão, agora não passa de 60%", detalha. No último final de semana, quando o NOVO JORNAL esteve na praia, a pousada de Gomes só tinha um casal hospedado. "É um prejuízo grande, os impostos só aumentam e a gente não recebe mais turistas", reclama. Fechar o negócio, ele não pensa; até porque, depois de aposentado, precisa continuar trabalhando para sustentar os quatro filhos.

SORTE SÓ COM AS BELEZAS NATURAIS

A comerciante Ilza Maria de Oliveira está há um ano apenas na praia e ficou decepcionada com as vendas realizadas no mês de janeiro. "Essa obra prejudicou muito o comércio", acredita. Enquanto construía a calçada da praça, a prefeitura teria colocado telas de proteção ao redor da obra, o que impediu muitos turistas de entrarem nas lojas, segundo Ilza. As vendas, emenda, foram apenas metade do que ela e o marido esperavam. "Estamos pedindo socorro às autoridades porque pagamos nossos impostos direitinho e queremos ver a praia cheia de gente", apela.

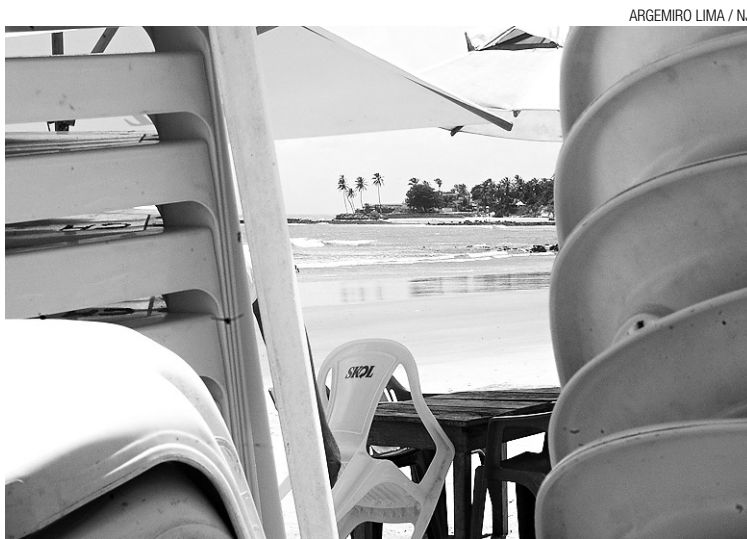
A sorte dos nativos, diz Ilza, é que Jenipabu é muito bonita e ainda atrai muita gente somente pela beleza natural. Foi exatamente pela beleza que a Rede Globo decidiu fazer na praia as gravações da próxima novela das seis,

Flor do Caribe, com estreia marcada para o próximo dia 11. A esperança dos nativos é que com a divulgação proposta pela novela, os turistas voltem a procurar Jenipabu. "Vai ajudar muito, mas precisamos de estrutura. É preciso organizar as barracas, capacitar o pessoal", acrescenta Ilza.

A vendedora de artesanato Leônica de Oliveira vai ter que arcar com um prejuízo de R\$ 5 mil. Investiu pesado em mercadoria para vender na alta estação, mas viu que não comercializou nem 30% do que pretendia. O prejuízo é duplo porque o marido da comerciante é bugueiro e também vive um dos piores verões de todos os tempos. Para ela, que está há dois anos na praia, falta investimento em divulgação do poder público. "A obra também atrapalhou muito", emenda.



▶ Praia de Jenipabu, litoral Norte, a 20 KM de Natal: deficiência na infraestrutura contribuiu para a decadência do turismo



▶ Pouca movimentação na beira-mar e na rua principal da comunidade, a Vendedor Ricardo Afonso, onde muitos imóveis estão à venda

BARRAQUEIROS VENDEM MENOS

Francisca de Oliveira, mais conhecida em Jenipabu como Chica, tem uma barraca na praia há 33 anos. Todo verão ela fatura alto, chegando a contabilizar R\$ 30 mil em seu caixa ao final de um mês como janeiro. Este ano, o montante não alcançou os R\$ 10 mil. "Foi o pior veraneio de todos os anos que eu estou aqui. Essa obra prejudicou muito a gente, porque eles começaram bem na alta estação e não deixaram nenhuma entrada para a praia", reclama. Para Chica,

o maior pecado de Jenipabu é a falta de estrutura.

"Não tem nada aqui, a prefeitura não investe. Não temos um calçadão, não organizam as barracas. Esses banheiros públicos só existem porque nós pagamos para alguém limpar", enumera. O comerciante Wellington Barbosa, que além de bugueiro é dono de uma barraca à beira-mar, diz que este verão não foi bom para ninguém. Não só em Jenipabu, mas no Estado inteiro, ele acredita que o turismo tenha ficado



▶ Francisca de Oliveira, barraqueira: o pior veraneio de todos

MOVIMENTO FRACO TAMBÉM NAS DUNAS

Para quem trabalha em cima das dunas, esta também foi a pior alta temporada de todos os tempos. Há 20 anos trabalhando na praia com o sandboard e skyduna, Geraldo Carlos diz que em anos anteriores chegava a fazer 20 passeios por dia. Nesse verão, se fez a metade foi muita coisa. A frequência de turistas diminuiu neste verão, e, segundo ele, muito por causa da péssima divulgação que Natal teve no noticiário nacional com os problemas registrados no calçadão de Ponta Negra.

Na última quinta-feira (28), o movimento estava tão fraco que Manoel Messias Freire, há 20 anos também trabalhando no local, aproveitava para tirar um cochilo. Lindemberg Pires, há cinco anos na praia, também confirma a queda no movimento. "Todo ano cai, mas agora a queda foi muito maior", diz.

A gerente do Dromedunas, Marilda Gomes, também confirma a diminuição na procura pelo passeio de dromedário. De acordo

com queda neste início de 2013.

O movimento na barraca caiu 40% e, se antes ele faturava R\$ 800 por dia, dessa vez não chegou a R\$ 500. Até as casas para alugar está difícil, diz Barbosa. "Antigamente existia o veraneio, aí foi diminuindo a cada ano e os turistas foram sumindo. Não existe vida noturna em Jenipabu, os jovens mesmo perdem o interesse de vir para cá. Outras praias ganharam a preferência", explica.

A reportagem percorreu a prin-



▶ Marilda Gomes, gerente do Dromedunas: menos passeios nos dromedários

cipal rua de Jenipabu, a Vendedor Ricardo Afonso, e constatou inúmeras casas fechadas. Algumas com placas de aluga-se, outras de venda. Um condomínio de casas estava completamente fechado, sem nenhum ocupante em plena alta estação. Um das pousadas mais tradicionais da praia, a Palm Beach, está à venda. Na beira-mar, poucas casas conseguiram ser alugadas. Os moradores dizem que os preços caíram, mas ainda assim ninguém consegue fechar negócio.

“TODA OBRA CAUSA UM TRANSTORNO”, DIZ PREFEITO

O prefeito de Extremoz, Klaus Régio, reconhece os transtornos causados pelas obras, mas diz que não há como realizá-las sem causar problemas. Ele afirma, porém, que todo o projeto foi combinado com a comunidade e que há sinalizações informando os turistas sobre como podem chegar até os bugueiros. "Tomamos todas as precauções. O pior é não fazer a obra. Estamos fazendo isso para levantar o nome de Jenipabu", argumenta.

O gestor pediu paciência aos nativos, porque os resultados virão depois. Segundo ele, o Projeto Orla inclui a instalação de 14 quiosques, um boxe para a Associação de Bugueiros e um Centro de Artesanato para os comerciantes da região. O projeto também inclui a praça, que ainda está à espera de ser finalizada. A demora, entretanto, se deve a problemas com a desapropriação dos terrenos. Um deles, hoje um estacionamento, está sub judice e ainda não se sabe quando o caso será resolvido. A expectativa é concluir toda a reurbanização até o fim do semestre.

"Estou há mais de dois anos nessa luta com as desapropriações", explica o prefeito. Os terrenos foram avaliados em R\$ 96 mil e R\$ 192 mil. Um deles já foi pago.

Régio reconhece a decadência amargada por Jenipabu e atribui o abandono à gestão passada da Prefeitura de Extremoz. Diz que quando assumiu a gestão, em 2009 (ele foi reeleito no ano passado), não só Jenipabu estava abandonada, mas todo o município. "Fizemos um planejamento de trabalho para primeiro organizar a

comunidade, porque não tinha saúde, educação e assistência social que funcionasse. Há 17 anos não tínhamos hospital em Extremoz e não nascia uma criança sequer na cidade, hoje isso acontece. Organizamos tudo primeiro porque entendo que não existe desenvolvimento turístico se o povo não estiver satisfeito", argumenta.

Agora, a ideia é consolidar o turismo na região até o fim de seu mandato. Klaus Régio quer que as praias do município de Extremoz – Jenipabu, Redinha Nova, Santa Rita, Barra do Rio, Graçandu e Pitanguí – deixem de ser apenas uma passagem para o turista e se tornem destino. Para isso está em estudo uma segunda etapa do Projeto Orla, que dotaria a principal praia do município (Jenipabu) de um calçadão. O objetivo é que, até o meio do ano, se não houver qualquer empecilho com as desapropriações, a primeira etapa do projeto de urbanização esteja concluída.

"Vamos que existem poucas pousadas hoje e temos que recuperar a confiança dos empresários para investir em novas pousadas, como para reabrir as que estão fechadas hoje. Quero terminar meu mandato com o turismo consolidado no Litoral Norte", projeta. O prefeito admite que o turista que visita Jenipabu geralmente está só de passagem e não deixa qualquer ganho para o município. "Eu quero que permaneça aqui, temos uma riqueza histórica muito grande que precisa ser explorada", diz. A meta é no futuro próximo o município duplicar a quantidade de turistas que vai hoje a Jenipabu na alta estação.

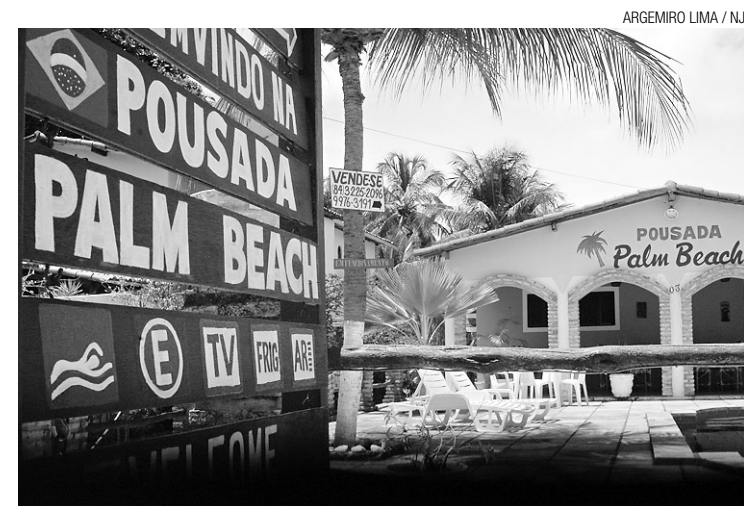
PARA CADA 100 PASSEIOS VENDIDOS PARA PIPA, UM PARA O LITORAL NORTE

Os turistas que antes tinham Jenipabu como destino, agora preferem o Litoral Sul. Para cada 100 pacotes vendidos para Pipa, um é para as praias do Norte. O dado é da presidente da Associação Brasileira de Agentes de Viagens (Abav) no RN, Diassiss de Holanda. Não há números mais concretos que mostrem a decadência, mas ela diz que a procura pela praia famosa pelas dunas diminuiu muito nas agências. Segundo Diassiss, os próprios bugueiros foram aos poucos deixando de parar na praia por conta da falta de restaurantes, banheiros, quiosques e infraestrutura mínima para os turistas.

"Os bugueiros simplesmente passam e mostram. As pessoas que ainda vão para lá são os rodoviários, que promovem excursões. Geralmente são pessoas das proximidades", diz. Esses turistas não movimentam a cidade com compra de artesanato, muito menos com os passeios de buggy. De acordo com Diassiss, isso não acontecia antes. Anos atrás, a praia chegou a contar com uma boa estrutura de restaurantes. "Era mais organizado. Hoje é tudo bagunçado", acrescenta.

O Governo do Estado, por sua vez, não fala em decadência, mas em uma "perda da qualidade da praia". Segundo o secretário estadual de Turismo em exercício, George Lima, a ocupação desordenada ocorrida na praia com as barracas e tendas contribuiu para afugentar o turista da região. A falta de banheiros é outro ponto levantado por ele. Os banheiros, aliás, existem, mas são mantidos pelos barraqueiros. "O turista chega e não vê a praia logo de cara, vê um monte de barracas mal construídas. Estive lá três meses atrás e é realmente um trabalho que precisa ser feito", reconhece.

A divulgação, porém, não deixou de existir. O governo tem hoje dois materiais de divulgação, entre eles o Guia Natal, apoiado pelo Estado, em que Jenipabu aparece como um dos pontos turísticos



▶ Pousadas em Jenipabu, como Palm Beach, estão sendo colocadas à venda



▶ José Geraldo da Silva, vendedor ambulante: pouca clientela

cos. Um dos problemas apontados por George Lima é que o RN teria perdido turistas para cidades vizinhas como Fortaleza, João Pessoa e Recife, o que estaria se refletindo também em Jenipabu. Mas os números mostram o contrário.

De acordo com dados da Infraero, o número de visitantes cresceu 66% nos últimos cinco anos. Em janeiro de 2007, 164.858 turistas nacionais e internacionais desembarcaram em Natal. Em janeiro de 2012 – os números deste ano ainda não foram consolidados – a cidade recebeu 274.492 turistas. Entre os visitantes domésticos, o incremento foi de 90% nos últimos cinco anos. A única cidade registrada é no índice de turistas inter-



“VEMOS QUE EXISTEM POUCAS HOJE E TEMOS QUE RECUPERAR A CONFIANÇA DOS EMPRESÁRIOS PARA INVESTIR”

Klaus Régio, Prefeito de Extremoz



▶ Praia de Jenipabu: solitária com suas belas paisagens



▶ Obra de construção da praça ainda não foi concluída

tiam na praia estão vazios ou fechados. Alguns ainda funcionam, mas têm placa de venda-se em seus terrenos como o Palm Beach. A Associação Brasileira da Indústria de Hotéis do RN (ABIH) foi procurada pela reportagem, mas a assessoria de imprensa informou que não há números a respeito dos estabelecimentos de Jenipabu porque nenhum deles é associado à entidade.

O secretário estadual de Turismo em exercício acredita que a obra que está sendo tocada pela Prefeitura de Extremoz irá mudar essa realidade. Embora já esteja gerando controvérsia entre os nativos, Lima aposta que as mudanças irão agradar a pelo menos 90% da população local. Ele diz, porém, que se o projeto tivesse começado há mais tempo, nada disso teria acontecido. Autorizado em setembro de 2012 pelo governo federal, o projeto de urbanização só foi iniciado em outubro e até agora não foi concluído porque esbarrou nas desapropriações.

"O projeto nos permite corrigir esses erros do passado e promover Jenipabu de forma organizada para que na alta estação em julho estejamos prontos para receber os turistas de forma ordenada", emenda Lima. A expectativa da Prefeitura é concluir a reurbanização até o meio do ano, mas tudo depende da decisão judicial que gira em torno de um dos terrenos que precisam ser desapropriados.

O Estado quer agora correr atrás do prejuízo. Está investindo R\$ 70 mil no apoio à confecção do Guia Natal em QR code, que será enviado para agências de viagens de 155 países e traduzido para cinco idiomas. Jenipabu, claro, está incluída na divulgação. "Queremos voltar ao patamar que tínhamos antigamente, trabalhando profissionalmente para atrair os turistas de volta para cá. Existe a possibilidade de sair uma emenda parlamentar de R\$ 27 milhões que serão utilizados unicamente para a divulgação", acrescenta Lima.

Os hotéis e pousadas que exis-

BUGUEIROS RECLAMAM DOS PREJUÍZOS

O vendedor de passeios de buggy Marcelo Souza acredita que a procura tenha diminuído 50% neste verão. "Faltou divulgação e investimento da prefeitura. Aqui não tem nada, não tem estrutura. Os turistas foram embora", argumenta. É uma época como essa, o vendedor diz que a empresa fatura R\$ 40 mil por mês, mas neste verão só arrecadou a metade.

Há cinco anos trabalhando na praia, ele diz que nunca viu um verão tão fraco como este. A situação é de abandono.

Na beira-mar, três barracas fecharam em plena alta estação. São



▶ Vânia Souza Pires, comerciante: as vendas caíram até 70%



▶ Ilza Maria de Oliveira, comerciante: obra prejudicou o comércio



tribuiu para a decadência do turismo



Ricardo Afonso, onde muitos imóveis estão à venda

“TODA OBRA CAUSA UM TRANSTORNO”, DIZ PREFEITO

O prefeito de Extremoz, Klaus Rêgo, reconhece os transtornos causados pelas obras, mas diz que não há como realizá-las sem causar problemas. Ele afirma, porém, que todo o projeto foi combinado com a comunidade e que há sinalizações informando os turistas sobre como podem chegar até os bugueiros. “Tomamos todas as precauções. O pior é não fazer a obra. Estamos fazendo isso para levantar o nome de Jenipabu”, argumenta.

O gestor pediu paciência aos nativos, porque os resultados virão depois. Segundo ele, o Projeto Orla inclui a instalação de 14 quiosques, um boxe para a Associação de Bugueiros e um Centro de Artesanato para os comerciantes da região. O projeto também inclui a praça, que ainda está à espera de ser finalizada. A demora, entretanto, se deve a problemas com a desapropriação dos terrenos. Um deles, hoje um estacionamento, está sub judice e ainda não se sabe quando o caso será resolvido. A expectativa é concluir toda a reurbanização até o fim do semestre.

“Estou há mais de dois anos nessa luta com as desapropriações”, explica o prefeito. Os terrenos foram avaliados em R\$ 96 mil e R\$ 192 mil. Um deles já foi pago.

Rêgo reconhece a decadência amargada por Jenipabu e atribui o abandono à gestão passada da Prefeitura de Extremoz. Diz que quando assumiu a gestão, em 2009 (ele foi reeleito no ano passado), não só Jenipabu estava abandonada, mas todo o município. “Fizemos um planejamento de trabalho para primeiro organizar a

comunidade, porque não tinha saúde, educação e assistência social que funcionasse. Há 17 anos não tínhamos hospital em Extremoz e não nascia uma criança sequer na cidade, hoje isso acontece. Organizamos tudo primeiro porque entendendo que não existe desenvolvimento turístico se o povo não estiver satisfeito”, argumenta.

Agora, a ideia é consolidar o turismo na região até o fim de seu mandato. Klaus Rêgo quer que as praias do município de Extremoz – Jenipabu, Redinha Nova, Santa Rita, Barra do Rio, Graçandu e Pitangui – deixem de ser apenas uma passagem para o turista e se tornem destino. Para isso está em estudo uma segunda etapa do Projeto Orla, que dotaria a principal praia do município (Jenipabu) de um calçadão. O objetivo é que, até o meio do ano, se não houver qualquer empecilho com as desapropriações, a primeira etapa do projeto de urbanização esteja concluída.

“Vemos que existem poucas pousadas hoje e temos que recuperar a confiança dos empresários para investir em novas pousadas, como para reabrir as que estão fechadas hoje. Quero terminar meu mandato com o turismo consolidado no Litoral Norte”, projeta. O prefeito admite que o turista que visita Jenipabu geralmente está só de passagem e não deixa qualquer ganho para o município. “Eu quero que permaneça aqui, temos uma riqueza histórica muito grande que precisa ser explorada”, diz. A meta é no futuro próximo no mínimo duplicar a quantidade de turistas que vai hoje a Jenipabu na alta estação.



“**“**
“VEMOS QUE EXISTEM POUCAS Pousadas HOJE E TEMOS QUE RECUPERAR A CONFIANÇA DOS EMPRESÁRIOS PARA INVESTIR”

Klaus Rêgo, Prefeito de Extremoz



Praia de Jenipabu: solitária com suas belas paisagens



Obra de construção da praça ainda não foi concluída

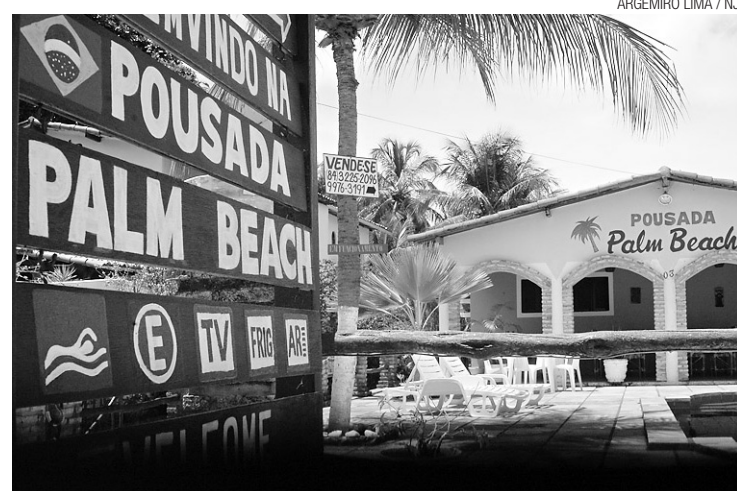
PARA CADA 100 PASSEIOS VENDIDOS PARA PIPA, UM PARA O LITORAL NORTE

Os turistas que antes tinham Jenipabu como destino, agora preferem o Litoral Sul. Para cada 100 pacotes vendidos para Pipa, um é para as praias do Norte. O dado é da presidente da Associação Brasileira de Agentes de Viagens (Abav) no RN, Diassis de Holanda. Não há números mais concretos que mostrem a decadência, mas ela diz que a procura pela praia famosa pelas dunas diminuiu muito nas agências. Segundo Diassis, os próprios bugueiros foram aos poucos deixando de parar na praia por conta da falta de restaurantes, banheiros, quiosques e infraestrutura mínima para os turistas.

“Os bugueiros simplesmente passam e mostram. As pessoas que ainda vão para lá são os rodoviários, que promovem excursões. Geralmente são pessoas das proximidades”, diz. Esses turistas não movimentam a cidade com compra de artesanato, muito menos com os passeios de buggy. De acordo com Diassis, isso não acontecia antes. Anos atrás, a praia chegou a contar com uma boa estrutura de restaurantes. “Era mais organizado. Hoje é tudo bagunçado”, acrescenta.

O Governo do Estado, por sua vez, não fala em decadência, mas em uma “perda da qualidade da praia”. Segundo o secretário estadual de Turismo em exercício, George Lima, a ocupação desordenada ocorrida na praia com as barracas e tendas contribuiu para afugentar o turista da região. A falta de banheiros é outro ponto levantado por ele. Os banheiros, aliás, existem, mas são mantidos pelos barraqueiros. “O turista chega e não vê a praia logo de cara, vê um monte de barracas mal construídas. Estive lá três meses atrás e é realmente um trabalho que precisa ser feito”, reconhece.

A divulgação, porém, não deixou de existir. O governo tem hoje dois materiais de divulgação, entre eles o Guia Natal, apoiado pelo Estado, em que Jenipabu aparece como um dos pontos turísti-



Pousadas em Jenipabu, como palm beach, estão sendo colocadas à venda



José Geraldo da Silva, vendedor ambulante: pouca clientela

cos. Um dos problemas apontados por George Lima é que o RN teria perdido turistas para cidades vizinhas como Fortaleza, João Pessoa e Recife, o que estaria se refletindo também em Jenipabu. Mas os números mostram o contrário.

De acordo com dados da Infraero, o número de visitantes cresceu 66% nos últimos cinco anos. Em janeiro de 2007, 164.858 turistas nacionais e internacionais desembarcaram em Natal. Em janeiro de 2012 – os números deste ano ainda não foram consolidados – a cidade recebeu 274.492 turistas. Entre os visitantes domésticos, o incremento foi de 90% nos últimos cinco anos. A única queda registrada é no índice de turistas inter-

nacionais – a presença deles diminuiu 52% nos últimos cinco anos. Em janeiro de 2007 desembarcaram em Natal 27.872 passageiros internacionais, contra 13.199 de janeiro do ano passado.

A estimativa do prefeito de Extremoz Klaus Rêgo é que 80% dos turistas que vêm para Natal passem por Jenipabu. Se o dado estiver correto, Jenipabu recebia em 2007 uma média de 131 mil turistas em janeiro e deveria estar recebendo agora algo em torno de 219 mil. Mas, segundo os comerciantes ouvidos pela reportagem, este foi o pior verão de todos os tempos. Não houve alta temporada para a maioria deles.

Os hotéis e pousadas que exis-

tiam na praia estão vazios ou fechados. Alguns ainda funcionam, mas têm placa de vende-se em seus terrenos como o Palm Beach. A Associação Brasileira da Indústria de Hotéis do RN (ABIH) foi procurada pela reportagem, mas a assessoria de imprensa informou que não há números a respeito dos estabelecimentos de Jenipabu porque nenhum deles é associado à entidade.

O secretário estadual de Turismo em exercício acredita que a obra que está sendo tocada pela Prefeitura de Extremoz irá mudar essa realidade. Embora já esteja gerando controvérsia entre os nativos, Lima aposta que as mudanças irão agradar a pelo menos 90% da população local. Ele diz, porém, que se o projeto tivesse começado há mais tempo, nada disso teria acontecido. Autorizado em setembro de 2012 pelo governo federal, o projeto de urbanização só foi iniciado em outubro e até agora não foi concluído porque esbarrou nas desapropriações.

“O projeto nos permite corrigir esses erros do passado e promover Jenipabu de forma organizada para que na alta estação em julho estejamos prontos para receber os turistas de forma ordenada”, emenda Lima. A expectativa da Prefeitura é concluir a reurbanização até o meio do ano, mas tudo depende da decisão judicial que gira em torno de um dos terrenos que precisam ser desapropriados.

O Estado quer agora correr atrás do prejuízo. Está investindo R\$ 70 mil no apoio à confecção do Guia Natal em QR code, que será enviado para agências de viagens de 155 países e traduzido para cinco idiomas. Jenipabu, claro, está incluída na divulgação. “Queremos voltar ao patamar que tínhamos antigamente, trabalhando profissionalmente para atrair os turistas de volta para cá. Existe a possibilidade de sair uma emenda parlamentar de R\$ 27 milhões que serão utilizados unicamente para divulgação”, acrescenta Lima.

em queda neste início de 2013.

O movimento na barraca caiu 40% e, se antes ele faturava R\$ 800 por dia, dessa vez não chegou a R\$ 500. Até as casas para alugar está difícil, diz Barbosa. “Antigamente existia o veraneio, aí foi diminuindo a cada ano e os turistas foram sumindo. Não existe vida noturna em Jenipabu, os jovens mesmo perderam o interesse de vir para cá. Outras praias ganharam a preferência”, explica.

A reportagem percorreu a prin-

cipal rua de Jenipabu, a Vereador Ricardo Afonso, e constatou inúmeras casas fechadas. Algumas com placas de aluga-se, outras de venda. Um condomínio de casas estava completamente fechado, sem nenhum ocupante em plena alta estação. Um das pousadas mais tradicionais da praia, a Palm Beach, está à venda. Na beira-mar, poucas casas conseguiram ser alugadas. Os moradores dizem que os preços caíram, mas ainda assim ninguém consegue fechar negócio.



Marilda Gomes, gerente do Dromedun: menos passeios nos dromedários

TAMBÉM NAS DUNAS

com ela, antigamente se fazia uma média de 80 passeios por dia (cada um sai por R\$ 90); neste verão o número caiu para 50. A praia é bonita, mas falta infraestrutura na opinião da comerciante. “Não temos um restaurante bom, banheiros, nem caixa eletrônico para o turista sacar dinheiro. Isso afasta muita gente”, acredita.

A sujeira da praia é outro problema relatado por Marilda e confirmado pelo comerciante José Geraldo da Silva, que diz ele mesmo

cata o lixo todos os dias porque não há coleta na região. Geraldo vende balas e picolés próximo do Bar 21, outro ponto turístico histórico da praia e que perdeu público nos últimos anos. O bar só funciona durante o dia porque, segundo a gerente Karen Cariolano, não há iluminação na praia à noite. Segundo ela, o movimento deste ano caiu em relação ao ano passado. “Ontem (quarta, 27) não apareceu ninguém. Abrimos, mas não tivemos nenhum cliente”, diz.

ENTRE ACORDES DO BLUES E ONDAS DO RÁDIO

/ ESPORTE E MÚSICA / ELE CONFESSA QUE É “TARADO” PELO CAMPEONATO ESTADUAL, UMA COMPETIÇÃO FASCINANTE, NA SUA OPINIÃO, MAS O RADIALISTA ESPORTIVO RICARDO SILVA GOSTA MESMO É DE TOCAR GUITARRA

MARCO CARVALHO
DO NOVO JORNAL

“EU SOU TARADO por campeonato estadual”. A frase corta a vinheta e assusta Ferdinando Teixeira, que aguardava o início do programa enquanto estava em telefonia. O técnico, comentarista no Globo Esportivo 1ª edição, levanta a cabeça e esboça um sorriso. Ricardo Silva continua: “Sou tarado pelo campeonato estadual, é uma competição fascinante, não tem quem me diga que é ruim”. As atrações do programa são apresentadas. Na terça-feira da semana passada, a polêmica em torno do estádio que o América jogaria estava no auge e tomou boa parte do programa.

Do estúdio da Rádio Globo, na Ribeira, Ricardo Silva comanda a apresentação que começa ao meio-dia e tem grande audiência. Para quem nunca acompanhou de perto os bastidores de uma produção transmitida pelo rádio, a correria assusta. O repórter Levi Araújo procura por papéis e corre para o microfone para anunciar os destaques do dia no time do Alecrim. Depois, Marcos Lira com as informações do ABC. No canto da bancada, o técnico/comentarista Ferdinando Teixeira aguarda a sua vez para falar.

Ricardo está na ponta oposta a Ferdinando. Na sua frente, dois celulares, um telefone fixo, um tablet e um notebook. O aparato é utilizado freneticamente. Nos primeiros minutos, o apresentador tentava contatar o presidente do América, o empresário Alex Padang. Depois de três tentativas, consegue. Enquanto Padang fala sobre a polêmica dos estádios, Silva comenta se afastando do microfone: “Ele fala bem, o problema que às vezes é o blex, aí a gente tem que cortar”.

O natalense Ricardo Silva de Oliveira, 53 anos, está há mais de 30 anos no rádio potiguar. Há 31, para ser específico. O narrador/apresentador/repórter esportivo tem “taras”: é tarado por campeonato estadual – como já dito no início do programa –, é tarado por futebol – esporte com o qual trabalha diariamente –, é tarado por rádio – suporte de informação que escolheu trabalhar há mais de três décadas. Por trás das paixões perceptíveis a qualquer um que escute um programa comandado por Ricardo está também outras admirações que espertam a superar a comunicação esportiva.

Se tivesse que escolher, Ricardo Silva preferia viver dos acordes do blues e do rock'n'roll às ondas do rádio. “Se eu tivesse que escolher seria músico e radialista. Hoje, eu sou radialista e músico. Entendeu? Mas se eu tivesse mesmo que escolher seria primeiro músico. Porque a música ela continua sendo o meu centro. Todos os dias eu ouço música. Sou deslumbrado e doído por música. Se eu pudesse, viveria de música”, reitera.

Apesar disso, destaca a importância do rádio. “Mas tenho o rádio como uma opção principal,

sempre. Mas se tivesse que escolher seria músico. Se você olhar meu perfil no Twitter, tem lá que músico vem primeiro. Sou músico primeiro”, diz ressaltando que a ordem dos substantivos denota a importância deles. Ricardo levanta a manga direita da blusa para mostrar uma tatuagem. “Bluesy band” é o nome da banda atual, cuja atuação varia de acordo com a disponibilidade dos outros componentes, mas atualmente não costuma passar de ensaios esporádicos regados a cerveja.

O gosto pela música surgiu por influência de amigos quando ainda era uma criança. “O gosto veio de guri, dos amigos que andava. Menorzinho já andava com eles, imitava eles e já usava cabelo grande. Me davam os discos emprestados de Rolling Stones, Beatles, Jimi Hendrix, Emerson, Lake e Palmer, Pink Floyd. Quando entrei no rádio nunca deixei de ouvir música, ouvir rock”, conta o radialista sentado em uma cadeira no estúdio após o término do Globo Esportivo daquela terça-feira.

O gosto foi potencializado após ganhar um violão acústico da mãe, que costumava frequentar serestas e queria que o filho aprendesse. Os primeiros acordes foram ensaiados com os seresteiros, que abriram caminho para que Ricardo enveredasse pela área da música.

A primeira banda profissional foi montada com colegas jornalistas. Além de Ricardo, compunham a “Florbela Espanca” os jornalistas Isaac Ribeira e Moisés de Lima, além de Gilmar Santos e Helder Gomes. “Montamos uma banda nos anos 90 chamada Florbela Espanca, em homenagem à poeta portuguesa que se matou. Nesse período de 1990 até 1994, a gente fez muito sucesso, tocamos em muitos lugares, chegamos a tocar em Campina Grande. Depois a banda terminou, como é normal, tudo tem seu tempo”, conta o músico/radialista.

Após a experiência com Florbela Espanca, vieram outras bandas como GRM Blues Band e hoje, o The Bluesy Band. “Toco menos hoje em dia. Hoje, toco numa banda chamada The Bluesy Band, tenho até uma tatuagem. Eu, Gilmar Santos e meu irmão. Fora isso, toco todos os dias sozinho. Primeira coisa quando acordo é puxar a guitarra, que fica do meu lado e toco algumas coisas, exercícios. Quando chegamos as férias é que a gente toca um pouco profissional. Fazemos um ensaio. Antigamente, tocávamos quinta, sexta, sábado e domingo”, recorda-se.

A experiência com a música chegou a afastar Ricardo do rádio por alguns anos. “Parei com o rádio um tempo porque estava ganhando mais dinheiro tocando blues do que trabalhando no rádio. Aí quando o negócio do blues amainou, apareceu aquelas bandas Inácio Toca Trompete, quando começou a aparecer aqueles caras, aí o público foi gostando e a gente foi caindo. Back to the radio, voltei na hora. É a vida”.



ARGEMIRO LIMA / NJ

“TENHO O RÁDIO COMO UMA OPÇÃO PRINCIPAL, SEMPRE. MAS SE TIVESSE QUE ESCOLHER SERIA MÚSICO”

Ricardo Silva,
Radialista

INTERAÇÃO COM MÍDIAS SOCIAIS ALTEROU ROTINA

Em 30 anos de rádio, muita coisa mudou. A começar pela tecnologia que envolve a transmissão. Outra alteração diz respeito à tolerância dos torcedores com os profissionais. Na visão de Ricardo Silva, antigamente havia muito menos paciência com narradores e repórteres que assumiam torcida por um time. Dentre todas as mudanças, uma se destaca: a utilização de redes sociais.

Ao lado do microfone do Globo Esportivo está o tablet aberto no Twitter. Ao longo do programa, o apresentador promove a interação com quem manda mensagens e informações. Ricardo Silva conta que hoje não viveria sem as redes sociais. “Essa interação é muito legal. A gente está apresentando um programa ou um jogo e as pessoas dizendo que estão ouvindo. Elas fazem perguntas e adicionam informações. A rede social hoje é tanto uma maneira de interagir, colocar as opiniões e informações, como de fazer jornal não apenas de quem faz jornalismo esportivo”.

PAIXÃO PELO ALECRIM

A preferência pela música não enfraquece a dedicação que Ricardo Silva tem pelo radialismo esportivo. E é nessa área que ele tem que lidar com a paixão dos torcedores. A primeira barreira é falar sobre o time que torce. Sob influência do pai, o também radialista Eli Morais, os primeiros jogos que acompanhou foram no estádio Juvenal Lamartine. No campo estava o Alecrim. O fascínio pelo time alviverde veio com a coleção de figurinhas do Macarrão Jandaia.

“A gente sempre assistia aos jogos do Alecrim no JL [Estádio Juvenal Lamartine]. Era o tempo de Cário, Burunga, Capiba. Eu lembro desses caras. Não lembro com a mesma nitidez de jogadores que vi ontem ou anteontem. Lembro porque colecionava as figurinhas do Macarrão Jandaia. As figurinhas eram do Alecrim, do ABC e do América. Não era de time de fora. Foi daí que essa paixão veio”, recordou-se.

Ricardo Silva conta sobre os desafios que tem de enfrentar ao revelar o time que torce. Segundo ele, por um Alecrim atualmente possuir menos expressividade que ABC e América, ouvintes e torcedores acreditam que o radialista



EDUARDO MAIA / NJ

▶ Em campo, trabalhando, procura ser imparcial

também torce ou pelo alvinegro ou pelo alvirrubro natalense. “Sou torcedor do Alecrim, mas tem gente que nem acredita às vezes. Digo que torço pelo Alecrim e as pessoas respondem que sou ABC ou América. Na verdade, só sou Alecrim. Acredite quem quiser. Não torço no microfone. No microfone, sou imparcial. Sou um profissional. Quando não estou trabalhando e o Alecrim está jogando, sou Alecrim”.

O trabalho no rádio teve início em 1982 após receber um convite para fazer um teste na Rádio Rural. Após a experiência

inicial, passou por diversas transmissoras como Rádio Trairi, Tropical e Cabugi. Após idas e vindas, está desde o ano 2000 na Rádio Globo, onde ocupa a função de repórter esportivo, coordenador, apresentador e narrador.

Para ele, o fascínio pelo rádio se explica pela instantaneidade e pela imaginação do ouvinte. “Há um fascínio das pessoas por nós. Teve um rapaz que veio aqui me conhecer pessoalmente. Disse que gostava muito de mim. O cara tremia como se eu fosse um superstar. Os caras às vezes idealizam uma coisa diferente”.

GOL DE SÉRGIO ALVES MARCOU COBERTURA ESPORTIVA

A carreira no radialismo esportivo fez com que Ricardo Silva pudesse conhecer diversas localidades do Brasil, para onde ia transmitir os jogos de futebol. A região mais distante foi Lucas do Rio Verde, município de Mato Grosso. De lá, transmitiu a partida entre América e Luverdense. Os mais de 30 anos na área permitiu que o repórter acompanhasse bem de perto a realidade dos jogadores de futebol.

Dentre todos os lances os quais “assistiu” de camarote na beira do gramado, Ricardo destaca um que lhe marcou mais. No Machadão, viu Sérgio Alves marcar, de bicicleta, o gol de empate contra o rival América que garantia a classificação para a próxima fase do Campeonato Estadual. “O que ficou na minha memória foi o gol de bicicleta de Sérgio Alves no Machadão. Todo mundo lembra desse jogo. Esse para mim foi o jogo mais fantástico que eu vi de ABC e América”.



EDUARDO MAIA / NJ

▶ Ricardo Silva: há mais de 30 anos no rádio potiguar

Esportes



Editor

Viktor Vidal

E-mail

viktorvidal@novojornal.jor.br

Fones

84 3342.0358 / 3342.0350

LUAN XAVIER
DO NOVO JORNAL

DEPOIS DE UMA primeira fase marcada pela ausência de ABC e América e pela baixa presença de público nos estádios do interior, hoje será dada a largada, de fato, à corrida pelo título do Campeonato Potiguar 2013, já que de acordo com o próprio regulamento da competição, os jogos até aqui garantiram aos seis remanescentes apenas o direito de disputar o caneco com a dupla da capital, que estava disputando a Copa do Nordeste, além das vagas na Copa do Brasil. Em busca do bicampeonato, o América faz sua estreia em casa, contra o Corinthians de Caicó, enquanto o ABC vai até Mossoró enfrentar o Potiguar na tentativa de retomar a hegemonia local conquistada no início da década.

Agora, o campeonato começa na forma tradicional: dois turnos, onde o campeão de cada um deles garantirá vaga na decisão estadual. Ao Santa Cruz, campeão simbólico da primeira fase, por exemplo, apenas a classificação à Copa do Brasil deste ano está assegurada. Sendo assim, o caminho é livre para o duelo particular entre ABC e América, que decidiram a última edição do certame, vencida pelo Alvirubro.

O primeiro compromisso do Dragão em busca do bicampeonato será em casa, contra o Corinthians de Caicó. O campo de jogo será o Nazarenão, em Goianinha, que novamente será a casa americana nesta temporada 2013, mesmo após o surgimento de duas propostas de dois estádios localizados na Grande Natal.

Em campo o torcedor terá de se acostumar com um time renovado, a começar pelo comando técnico, que agora está sob responsabilidade do preparador físico Alexandre Irineu, que integrava a comissão técnica de Roberto Fernandes, demitido sob a justificativa de redução da folha salarial do clube após a eliminação na Copa do Nordeste.

O ataque, por exemplo, será todo novo, contando com uma dupla de jogadores anunciados como reforços nesta última semana, praticamente às vésperas da estreia do time no Estadual: Taiberson e Tiago Adan, ambos oriundos de uma parceria com o Atlético-PR. Há ainda, todavia, a possibilidade de Dimas, mais um novo contratado pela diretoria, ganhar a preferência do técnico Alexandre Irineu.

O meio é o setor mais conservado, em relação ao time que vinha atuando pela Copa do Nordeste, tendo apenas Régis, agora titular absoluto, como novidade. A camisa 10, porém, tem um novo dono, Cascata, que após duas voltas olímpicas com a camisa do ABC no Rio Grande do Norte quer ser campeão potiguar pelo América.

"Estamos com uma expectativa muito boa, o trabalho vem sendo forte para conseguirmos uma vitória nessa estreia. Eu acredito que o time está pronto, gostaríamos de estar na Copa do Nordeste, mas infelizmente não tivemos competência suficiente para alcançarmos a classificação, mas agora é focar no estadual", comentou o meia em entrevista à rádio 96 FM.

Alexandre Irineu deve escalar o time titular com Dida; Norberto, Alysson, Eduardo Rocha e Bruno; Ricardo Baiano, Régis, Fabinho e Cascata; Taiberson e Tiago Adan. Flávio Roberto Sales de Lima será o árbitro central da partida.



FÁBIO CORTEZ / NU

/ POTIGUAR / COM ESTREIA DE ABC E AMÉRICA, CAMPEONATO ESTADUAL INICIA HOJE SEGUNDA FASE COM QUATRO JOGOS

OITO TIMES...



EDUARDO MAIA / NU

JOGOS

17h

- ▶ América x Corinthians
- ▶ Potiguar-M x ABC
- ▶ Santa Cruz x Alecrim
- ▶ Assu x Baraúnas

▶ Cascata volta a disputar Estadual pelo América



VANESSA SIMÕES / ARQUIVON

▶ Romarinho estreia no ataque abecedista

...UMA TAÇA



EDUARDO MAIA / NU

'MORDIDO', ABC QUER TÍTULO DE VOLTA

Eliminado de forma frustrante da Copa do Nordeste pelo ASA de Arapiraca-AL após uma grande campanha de recuperação na fase de grupos do certame regional, o ABC quer afogar as mágoas conquistando novamente um Campeonato Potiguar. A pressão aumentou porque no ano passado o Alvinegro perdeu o título para o rival América, que vinha num jejum de oito anos, em pleno estádio Frasqueirão.

Com uma campanha mediana na Série B do ano passado e o insucesso no Nordeste, a oportunidade perfeita para fazer as pazes com a torcida, que anda afastada do Frasqueirão desde o início da temporada 2012, é este Estadual, onde o Alvinegro vai pegar equipes tecnicamente inferiores as que vinha jogando desde o começo do ano.

"A gente estava jogando com equipes mais fortes, então eu acho que a gente vai entrar com essa vantagem", comentou ontem o meia Raul, que briga pela vaga no meio de campo com Jean Carioca, após o coletivo que praticamente definiu o time titular para o jogo de hoje, contra o Potiguar de Mossoró no estádio Nogueirão, às 17h.

Para o jogador, todavia, o ABC não pode subestimar a qualidade das equipes que vinham participando do Estadual, principalmente em virtude do aumento de investimento registrado nesta edição do certame. "É um campeonato difícil, principalmente porque os times do interior vêm sempre forte, então a gente sabe que vai ser um campeonato complicado. Mas a gente entra como um grande e vamos tentar chegar às finais", disse.

O primeiro passo para tomar o posto de atual campeão do América terá que ser dado fora de casa. Reclamando bastante da tabela formulada pela FNF, onde o Alvinegro fará praticamente todos os jogos do final de semana fora de Natal, o Alvinegro vai enfrentar neste domingo o Potiguar de Mossoró no Nogueirão. "A gente tem que se impor e conseguir o resultado, já que também é uma competição de tiro curto, com sete jogos, então a gente tem que conquistar esses pontos lá", salientou Raul.

Até o final da semana o meia ainda não estava confirmado no time que vai entrar como titular no jogo de hoje. Segundo Givanildo Oliveira, a dívida é entre ele e Jean Carioca, que conseguiu agradecer o treinador em alguns jogos do Nordeste. Mesma coisa no ataque, onde Romarinho deve ser o titular ao lado de Júnior ou Vanderlei, que se revezaram no coletivo pronto para a partida contra o Time Macho. Definição, segundo Givanildo, apenas hoje, talvez no caminho para Mossoró.

Certeza para o jogo de hoje é que o Alvinegro não poderá contar com o zagueiro Flávio Boaventura, suspenso, que dará lugar a Gladstone. Além dele, Renato, Elionar Bombinha e Raulen não estiveram à disposição durante a semana pelo fato de estarem em tratamento médico.

O time titular para enfrentar o Potiguar no Nogueirão deve contar com Lopes; Thiaguinho, Gladstone, Vinícius e Alexandre; Bileu, Hamilton, Júnior Xuxa e Jean Carioca (Raul); Vanderlei e Romarinho (Júnior). Lenilson de Lima será o árbitro central do confronto.

A LEI DO RETORNO

ESTOU COM UM PROBLEMA. NÃO TENHO MAIS CONDIÇÕES DE PAGAR MEU TRANSPORTE ATÉ AQUI, TODOS OS DIAS. TERIA COMO A EMPRESA ME DÁ O VALE-TRANSPORTE?

JÁ PAGAMOS O SEU SALÁRIO. ARRANJE UM JEITO DE VIR. ISSO É PROBLEMA SEU!

MESES DEPOIS... FISCALIZAÇÃO

DE ACORDO COM A LEI 7.418/85, O EMPREGADOR É OBRIGADO A CONCEDER O VALE-TRANSPORTE AO EMPREGADO. SUA EMPRESA SERÁ MULTADA!

ISSO TUDO? NÃO TEM COMO ALIVIAR? ESTAMOS COM TODA A DOCUMENTAÇÃO EM DIA, NÃO É JUSTO PAGAR MULTA SÓ POR NÃO COMPRAR O VALE-TRANSPORTE.

MULTA

NÃO POSSO FAZER NADA. ISSO É PROBLEMA SEU!

MULTA

ESCOLHA O CAMINHO DA GESTÃO RESPONSÁVEL. ADQUIRA AGORA O NATALCARD VALE-TRANSPORTE ELETRÔNICO PARA A SUA EMPRESA. FIQUE EM DIA COM A LEI, CUIDANDO DO SEU FUNCIONÁRIO E CRESCENDO CADA VEZ MAIS.

INFORMAÇÕES:
(84) 3216.8450
www.natalcard.com.br

NataCard
Tecnologia em novo caminho.

GLOBO

/ HOMÔNIMO / PROJETO DO ESTÁDIO BARRETÃO, EM CEARÁ-MIRIM, CONTEMPLA A CRIAÇÃO DO GLOBO FUTEBOL CLUBE. HÁ QUASE 50 ANOS, UM TIME COM ESSE MESMO NOME SAÍA DE CENA NOS GRAMADOS POTIGUARES

REINVENTADO

LUAN XAVIER
DO NOVO JORNAL

NOS DIAS DE 1960 surgiu em Natal um time criado por um estrangeiro dono de uma fábrica de móveis. O tal time não tinha sede social, muito menos campo próprio para treinar, mas carregava o ideal de quebrar os paradigmas presentes no futebol potiguar desde o início daquele século. Era o Globo Esporte Clube – ou Globo Sport Clube, como mostravam as iniciais no escudo bordado na camisa vermelha. Agora, sem nenhuma ligação com o extinto homônimo, surge um novo Globo, que – na esperança de seu visionário idealizador – promete se tornar uma referência para ABC e América sendo uma verdadeira fábrica de produção de jovens talentos.

Apesar do mesmo nome, o novo Globo não tem nada a ver com o antigo, que pediu licenciamento da Federação Norte-riograndense de Futebol em 1964 e, desde então, permanece extinto. Com o sobrenome de Futebol Clube, o Globo é mais um projeto do empresário Marconi Barreto, que está construindo um verdadeiro complexo às margens da BR-406, no município de Ceará-Mirim.

Ele quer, começando com a formação de uma equipe sub-17 para a disputa do Campeonato Potiguar da categoria, iniciar um projeto que promete servir de lição – ou de fomento – para os maiores clubes do estado. Um detalhe é que, ao contrário da grande maioria das agremiações mundo afora, Marconi Barreto diz que não tem

planos de ver seu time dando uma volta olímpica em comemoração a algum título conquistado. Seu objetivo é fazer de seu Globo uma fábrica, assim como antigo, mas desta vez de jogadores de futebol.

“Minha proposta é diferente dos outros times de uma forma geral”, garante Marconi. “Vou investir em um time onde ser campeão será uma consequência. Não é o meu ‘gol’. Meu ‘gol’ é preparar cidadãos e possivelmente grandes atletas, dando ênfase à região do Mato Grande”, explica o empresário, responsável pela construção do estádio Barretão, que terá capacidade inicial de pouco mais de 10 mil pessoas.

De fato, o projeto do novo clube é complexo. Segundo Marconi Barreto, os atletas do Globo irão morar em seu empreendimento, que engloba ainda um loteamento residencial e tem no projeto a previsão de construção de um hotel, ao lado do estádio. Além disso, segundo o empresário, eles irão estudar no próprio complexo, onde terão ainda opções de lazer e cultura.

Além da equipe sub-17, o Globo contará também com um time profissional, já filiado à FNF, que disputará a segunda divisão do Campeonato Potiguar. Mais uma vez, garante Marconi, o objetivo inicial não é chegar à elite do futebol local, apesar desta ser a maior motivação para a participação de qualquer equipe no certame.

“O sub-17 é um início. Vamos colocar o sub-17 para trabalhar e



▶ Marconi Barreto, dono do estádio Barretão, quer formar jogadores no Globo Futebol Clube

depois a gente monta o profissional. Desses 30 jogadores do sub-17 que nós temos, que vão morar, se alimentar e estudar aqui, os que se sobressaírem continuarão fazendo um trabalho evolutivo e serão aproveitados no sub-20 e no profissional”, comenta o empresário. “Para mim, tudo vai ser uma consequência de um trabalho de base. Eu não tenho objetivo de ser campeão. Isso vai ser uma consequência. Se o meu projeto funcionar, fatalmente eu vou ter um time competitivo”, diz Marconi, que prometeu não trazer nenhum jogador

“de fora” para compor o elenco de seu time. “Não tenho o menor interesse em trazer jogadores caros, viciados e deixar de preparar o prato local. Para mim quem faz milagre é santo de casa”, ressaltou.

O Globo já teve seu primeiro compromisso enquanto clube. Através de uma fusão com o Força e Luz, o time está na disputa da Copa do Brasil de Futebol Feminino. Esta semana, inclusive, a equipe decidirá a vaga nas quartas de final com o São Francisco-BA. O jogo de ida terminou em 2 a 0 para o adversário.

MARCONI BARRETO

O idealizador do Globo e do complexo esportivo-cultural que está sendo montado em Ceará-Mirim é o empresário Marconi Barreto. Economista por formação, com pós-graduação em Mercadologia e carreira acadêmica como professor da Escola Superior de Marketing de São Paulo, Marconi iniciou sua vida empresarial tocando uma destilaria de álcool em Ceará-Mirim e, quando expandiu os negócios, passou 25 anos trabalhando nos Estados Unidos, onde ainda fez especialização na universidade de Michigan.

Seu projeto conta, além do estádio Barretão, com um kartódromo, sambódromo, pista de arrancada, pista de vaquejada, pesque-e-pague, 400 lojas comerciais, centro de treinamento, arena para shows e festejos juninos. “Está nos nossos planos também lutas de MMA”, diz.

A intenção dele é fomentar o esporte da região do Mato Grande e fidelizar aquele público, que, segundo ele, já tem demonstrado feição à ideia. “A aceitação é fantástica na região toda, até porque o projeto todo é muito amplo”, comenta o empresário.

Para estimular a presença do público nos jogos do Globo, Marconi Barreto pretende criar programas sócio-educativos. Um deles é a troca de garrafas PET por ingressos para os jogos no Barretão, que até esta semana estava “concorrendo” a receber os jogos do América durante a Série B do Campeonato Brasileiro deste ano.

Sobre a eficácia de seu projeto, questionado por algumas pessoas, entre eles o presidente do Alecrim, Anthony Armstrong, Marconi Barreto não se diz temeroso pelo fato de não contar com os jogos do América em seu estádio. “Nunca foi plano meu trazer o América para cá. O América foi uma consequência. Isso aqui nunca tornar-se-á um ‘elefante branco’, até porque aqui eu tenho muitas outras coisas”, finaliza.



▶ Águia ilustra emblema do novo Globo

INSPIRADO NA FAMOSA EMISSORA DE TV

Se não é uma referência ao antigo time “fabril”, como era chamado o antigo Globo pertencente à fábrica de móveis homônima, qual seria a inspiração, então, para o batismo do mais novo clube do futebol potiguar? Marconi Barreto responde, sem cerimônia, que seu time é uma homenagem às organizações Globo, dona do maior conglomerado de comunicação do país.

“Globo é porque eu acho o nome muito interessante. Eu sempre tive uma admiração muito grande por Roberto Marinho, um homem que aos 62 anos de idade começou um império. Um visionário”, justifica Marconi Barreto, sem esconder sua admiração pelo mandachuva da TV brasileira.

A influência da toda poderosa parou mesmo no nome. Os demais ícones e signos que formam o ideal do Globo Futebol Clube têm relação com o próprio Marconi Barreto e suas convicções.

Uma delas, por exemplo, são as cores do time: preto, vermelho e amarelo. “As cores da Alemanha. Eu tenho uma admiração muito grande pela Alemanha. Sua robustez, sua disciplina, sua capacidade de recuperação, mostrada principalmente depois da Segunda Guerra”, comenta o empresário.

Por fim, o mascote: uma águia. Assim como seu projeto, diz Marconi, a águia é um animal que tem um poder de visão muito grande e não teme desafios, como, por exemplo, o de criar um time de futebol sob a promessa de se tornar referência no trabalho de base para os demais clubes do estado. “A águia é visionária, vê longe. A águia dá voos muito altos. Casa com o meu projeto aqui”, pontua Marconi.

O empresário lembra, todavia, que seu Globo não surge para competir – mesmo sob um ideal diferente – com ABC e América, que também desenvolvem trabalhos voltados para suas categorias de base, mesmo que de forma limitada. Para ele, nada impede que num futuro próximo o Globo possa se tornar um futuro parceiro da dupla. “Quem sabe eu não seja um provedor de talentos para ABC e América, com o objetivo de engrandecimento do futebol do Rio Grande do Norte”, imagina.

O time do Globo será comandado por Edson Capitão, ex-zagueiro integrante da lendária equipe campeã pelo ABC em 1973, no início da era Machado. Ele será auxiliado pelo desportista Ranielson Cristino, ex-goleiro e presidente do Força e Luz.



“EU SEMPRE TIVE UMA ADMIRAÇÃO MUITO GRANDE POR ROBERTO MARINHO, UM HOMEM QUE AOS 62 ANOS DE IDADE COMEÇOU UM IMPÉRIO. UM VISIONÁRIO”

Marconi Barreto
Fundador do Globo Futebol Clube



▶ Jornal da época noticia fim do antigo Globo

‘IRMÃO’ MAIS VELHO CHEGOU A SER VICE CAMPEÃO ESTADUAL

O primeiro Globo, de sobrenome Sport Club, surgiu em Natal em 1960 por iniciativa de um empresário do ramo de móveis, justamente no período em que o América pediu licença da federação para tocar as obras de construção de sua sede social na Avenida Rodrigues Alves. O time teve vida curta, tendo se licenciado em 1964, apenas quatro anos depois da criação. Nada havia sede, tampouco CT. Era a lendária época em que se fazia apenas um coletivo por semana, exatamente na véspera dos jogos, sempre aos domingos no Juvenal Lamartine.

Quem conta a história é Ribamar Cavalcante, ex-ponta direita do Globo, seu primeiro clube de futebol. Ele chegou por lá no último ano da equipe, 1964, mas como sempre se interessou pela memória do futebol, antes mesmo já guardava recortes de jornal que falavam do time fabril. Com nomes como Talvanes,



▶ Ribamar Cavalcante, ex-atacante do Globo: time teve vida curta

Buru, Odissé, Zé Ireno e Rodrigues, o time rubro alcançou seu ápice em 1962, quando foi vice Estadual. “Nunca foi um time que sempre brigou em cima, mas tinha um padrão e contava com alguns bons jogadores”, lembra Ribamar Cavalcante.

Uma curiosidade na memória do desportista eram as contratações feitas pelo Globo. Na época, ele conta, ao invés de dinheiro as “luvas” dos jogadores eram pagas em móveis, fabricados na empresa do presidente do clube.



Editor

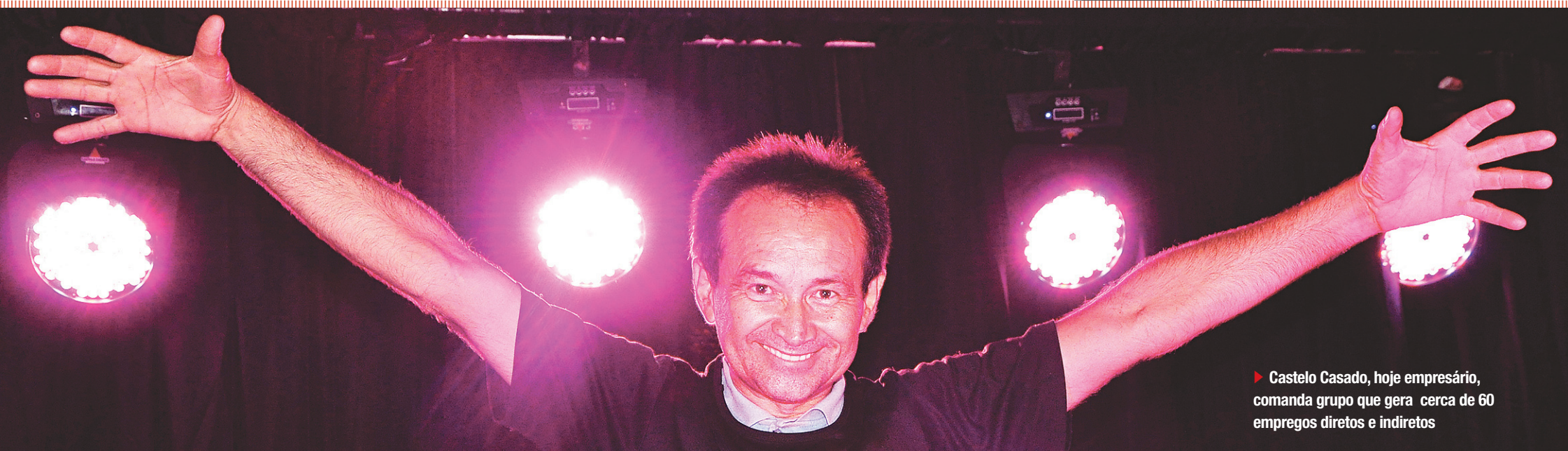
Moura Neto

E-mail

mouraneto@novojornal.jor.br

Fones

84 3342.0358 / 3342.0350



► Castelo Casado, hoje empresário, comanda grupo que gera cerca de 60 empregos diretos e indiretos

FÁBIO CORTEZ / NJ

A ARTE DE ILUMINAR

/ CASTELO CASADO / PRIMEIRO ELE ATUOU COMO MÚSICO E ATOR; DEPOIS VIU QUE SEU NEGÓCIO É FICAR POR TRÁS DOS REFLETORES

HENRIQUE ARRUDA
DO NOVO JORNAL

PARA QUEM HOJE em dia conta com seis caminhões, pelo menos mil refletores e gera cerca de 60 empregos diretos e indiretos, melhor seria ignorar os tempos em que precisou contar moedas para o ônibus e no trabalho utilizava nada mais do que três refletores, duas extensões e um "T". No entanto, Marcos Evangelista Casado dos Santos, 50, mantém os dois pés no chão. Ele sabe que o seu sucesso não veio com a velocidade da luz com a qual ilumina hoje os palcos da vida e do mundo da arte, e por isso valoriza o aprendizado do passado.

Antes de se especializar em iluminação de eventos e atuar por trás dos refletores, ele também pisou nos palcos como protagonista da cena artística. Ainda criança, tocou em grupo musical; na juventude, interpretou peças no teatro, trabalhando na companhia de Jesiel Figueiredo, quando despertou, de fato, para a sua real aptidão; já como iluminador, o maior reconhecimento veio quando recebeu um convite para viajar com o circo do ator Marcos Frota.

Sua estreia nos palcos, digamos assim, aconteceu também num circo, em Macau, onde nasceu, distante 175 km de Natal. Foi no final da década de 60, quando Castelo resolveu montar uma banda com seu irmão Dedé, o mais novo entre os quatro. "The Shines", formado somente por crianças, inovava também nos instrumentos: a guitarra era de madeira e a bateria feita com latas de querosene.

"A gente sempre foi muito pra frente, tocávamos Secos & Molhados e uma banda chamada A Casa das Máquinas. Quando ensaiávamos, lá no quintal de casa, era uma festa; todos os vizinhos iam ver", lembra enquanto mexe no seu IPAD à procura de fotos antigas.

O primeiro contato com a arte foi tão forte que, quando a família se mudou para a capital, em 1978, por causa da aprovação do irmão mais velho no curso de Geologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (na época denominada ETFERN), Castelo começou a fazer teatro, ingressando na companhia de um grande nome na área, Jesiel Figueiredo.

"Para a gente, que é do interior, entrar na ETFERN naquela época era a mesma coisa que passar para a UFRN", explica. E mesmo quando chegou a sua vez de deixar a família orgulhosa, sendo aprovado no curso de Eletrotécnica na ETFERN, não largou o teatro. O conhecimento que adquiria em sala

de aula, ele fazia questão de levar para os palcos, já que sempre ficava responsável também pela iluminação e efeitos especiais, como o que preparou para a peça "Aladim, o Herói da Lâmpada".

"Eu criei um curto circuito para na hora em que o Aladim fosse mexer na lâmpada, o gênio saísse da abertura que tinha na ponta do palco do Teatro Alberto Maranhão. Imagine aquele cheiro forte de pólvora, aquela fumaça preta e o ator ainda ter que sair do meio disso tudo", lembra Castelo com uma risada nostálgica de quem ainda olha para o passado com felicidade.

"Aquele sim era uma época boa. A cultura local acontecia de verdade porque todo mundo queria que a cidade crescesse. Existia o Festival de Artes de Natal, no Forte dos Reis Magos e era simplesmente lindo. Diferente de hoje em dia, que as pessoas só querem correr atrás de lei de incentivo, deixando a arte no geral para trás", critica.

Em 1982, segundo conta, os trabalhos ficaram ainda mais intensos para a companhia de teatro da qual fazia parte, com a possibilidade de uma casa própria para os espetáculos. "No começo dos anos 80 começou uma grande crise dos cinemas nacionais e aqui em Natal o Cine Old fechou as portas. Os padres, que eram donos do cinema, ofereceram o espaço para Jesiel e nós abrimos o Teatro Jesiel Figueiredo", explica.

A possibilidade não se viabilizou tão rapidamente, já que ninguém na companhia tinha dinheiro para a manutenção do teatro, mas a força de vontade acabou unindo mais ainda todos nós. "Tinha muita gente boa comigo, Gilberto Sérgio, Costa Filho, Chico Vilar... Acho que todo mundo que teve o privilégio de ser dirigido por Jesiel sabe do que eu tô falando. A própria Titina Medeiros também foi da última turma", lembra.

A companhia sempre estava em cartaz com uma peça infantil e uma adulta. Para divulgar as do primeiro grupo, eles se vestiam como os personagens e faziam panfletagem nas escolas e pelos sinais de Natal, um dos mais frequentados era o da Avenida Prudente de Moraes com a Avenida Bernardo Vieira.

"As pessoas nos incentivavam demais, e ajudavam bastante nas nossas campanhas de doação de roupa para montar os figurinos dos espetáculos. Apesar de amar estar em cena, eu sempre senti que a iluminação me instigava mais", comenta.

BOLSAS E FINANCIAMENTOS

ALCANÇAR A LIDERANÇA FICOU MAIS FÁCIL.

UP

GARANTA O SEU ACESSO À ESTRUTURA MAIS MODERNA DO ESTADO.

- A UnP É A INSTITUIÇÃO QUE MAIS OFERTA BOLSAS E FINANCIAMENTOS ESTUDANTIS NO RN*
- MAIS DE 12 MIL ESTUDANTES SÃO BENEFICIADOS*

ProUni PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS

FIES FINANCIAMENTO ESTUDANTIL Finância estudantil, forma profissional

Proeduc

UP LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES®

Com você para um futuro melhor.

Condições especiais para transferência

VAGAS LIMITADAS INSCREVA-SE JÁ

Natal: (84) 3215.1234
www.unp.br

*DADOS REFERENTES A JANEIRO/2013

CONTINUA
NA PÁGINA 18 ►

CONTINUAÇÃO
DA PÁGINA 17 ▶

O SINAL PARA A MUDANÇA

O seu último ano de teatro foi em 1986. A companhia estava com dois espetáculos em cartaz, "A Branca de Neve e os Sete Anões", e "O Santo e a Porca", de Ariano Suassuna, quando de repente aconteceu o chamado definitivo para Castelo passar para trás dos refletores.

O primeiro incidente aconteceu durante a apresentação de "A Branca de Neve", quando metade da iluminação do teatro apagou, e, com isso, Castelo, que interpretava o Atchim, perdeu a concentração no texto. "Tinha uma cena que todos os anões saiam pelo meio das crianças e eu aproveitei a deixa para correr para os bastidores e a fim de ajeitar a luz. As crianças perceberam e começaram a gritar 'tá faltando um'; aí Jesiel me jogou em cena de novo", lembra.

À noite, com a apresentação de "O Santo e a Porca", o mesmo problema se repetiu no meio de uma cena. "E aí eu comecei a me desesperar porque não podia continuar a cena sem a luz adequada e Jesiel, percebendo, começou a falar pelo canto da boca para 'eu não sair do palco'; e ele segurou o texto até eu retomar o roteiro", lembra imitando os diálogos da época pelo canto da boca. Mais tarde, conversando com Jesiel, ele decidiu que iria sair da companhia e começar a trabalhar definitivamente com iluminação.

Foi então que Castelo começou a ser convidado por amigos para fazer a iluminação de shows, peças e mostras de arte. Entre eles estavam o grupo de teatro "Nuvem Verde", de onde saiu também a performática banda "Gato Lúdico". "Uma das que mais gostava de iluminar também era a Alcatéia Maldita, do grande Raul (líder da banda). Eles são o Rolling Stones daqui", brinca.

“E AÍ EU COMECEI A ME DESPERAR PORQUE NÃO PODIA CONTINUAR A CENA SEM A LUZ ADEQUADA...”



▶ Ao lado, na peça A Branca de Neve (com o tênis branco na frente); acima, em O santo e a porca (sentado)



TURNÊ PELO PAÍS COM MARCOS FROTA

O primeiro convite importante veio dos atores Marco Nanini e Bia Nunes, que estavam de passagem por Natal com a peça "Doce Deleite" e não tinham um iluminador. "Foi o primeiro contato mais sério que tive. Fizemos Natal e alguns lugares do Nordeste, mas como eu tenho o cordão umbilical curto, corri para cá com pouco tempo", recorda.

Já no final dos anos 80, o desafio foi ainda maior: o ator Marcos Fro-

ta convidou Castelo Casado para montar a iluminação do "Grande Circo Popular do Brasil", hoje mais conhecido como "Marcos Frota Circo Show". A viagem durou dois anos por todo o país, e Castelo acabou tendo contato com diversos outros iluminadores brasileiros.

"Todo dinheiro que ia juntando com o Circo, eu mandava diretamente para cá, para comprar novos equipamentos na empresa", lembra contando ainda que, quan-



▶ Castelo Casado coordenando a instalação de aparelhos de iluminação

“

PARA MIM, A ILUMINAÇÃO É TUDO;
ELA ME VESTE, ME ALIMENTA,
ELA É MINHA VIDA”

Castelo Casado,
Empresário

do saiu em turnê com o circo, ele havia acabado de montar a "Castelo Casado Iluminações".

"Era muito difícil vender meu peixe porque ninguém podia ver o que era uma empresa de iluminação. "Mas vocês vão mexer na luz da rua?", as pessoas me perguntavam. Hoje em dia não, eu posso mostrar com fotos e filmagens, por exemplo, todos os tipos de trabalho que podemos oferecer", observa.

Naquela época, Castelo con-

ta ainda que havia pouquíssimos iluminadores no país e que, a partir dele, a cena começou a se proliferar em Natal. "Assim que terminei o curso de Eletrotécnica, a Petrobrás me ofereceu um emprego, mas eu recusei para continuar no teatro e então comecei a trabalhar na Cosern. Devo muito a ela também, porque durante o período em que estive lá, eles investiram nos funcionários. Fiz muitos cursos de capacitação na área", retoma.



▶ Lembranças dos tempos em que trabalhou com o ator Marcos Frota

NEGÓCIO FAMILIAR

A empresa que surgiu basicamente para iluminar projetos artísticos, começou a trabalhar com eventos em geral somente no final dos anos 2000, quando Castelo Casado precisou se afastar temporariamente dos negócios e seu sobrinho, Thiago Casado, entrou para o negócio da família. "É sangue novo, sabe como é, aí abrimos mais a visão da empresa", justifica.

Somente em dezembro do ano passado foram mais de 100 eventos, a maioria casamentos, e nove réveillons pelo Estado. "A minha grande história é iluminar, com os outros irmãos eu deixo todo o resto; a parte comercial e a administrativa. Hoje, tudo aqui é dividido por setor", diz.

Mesmo com o crescimento da empresa, o que ele não previa, Castelo nunca deixou de ajudar pequenos grupos de teatro. "Não precisa ser através de lei de incentivo, na conversa mesmo. A gente tenta achar uma solução para ajudar os pequenos grupos que estão começando ou até eventos menores de algumas associações, como o GAAC (Grupo de Apoio a Criança com Câncer)", garante.

Para estar em contato com o que tem de mais moderno no mercado, Castelo faz questão de estar conectado 24h com outros iluminadores do país e também de comparecer a feiras internacionais. "O último agora foi na China e Thiago nos representou. A palavra de ordem hoje em dia é LED, que você pode alterar da forma que quiser, muito embora esse tipo de iluminação ainda não consiga atingir o brilho de uma 'Par 64', as mais tradicionais", avalia.

UM SONHO

E embora tenha considerado um dos maiores desafios da carreira a iluminação para o Circo de Beijing, quando o grupo se apresentou no extinto Machadinho, há alguns anos, o seu maior sonho ainda é sair em grande turnê com algum artista potiguar reconhecido e aclamado pelo público nacional.

"Saímos com muitos de fora, mas não é a mesma coisa. O difícil é ter essa pessoa daqui porque a classe é desunida. Já vimos em Recife, por exemplo, o Mangue Beat se tornar nacional; em Salvador, o Axé; no Ceará tem o Massafeira; Minas com O Clube da Esquina.... Quero que um dia aqui tenha algo parecido", diz.

Todos os dias, religiosamente, Castelo acorda cedo e sai de casa para o trabalho fazendo questão de vestir a farda da empresa, com emblemas tanto nas camisas quanto nas calças jeans. "E quando estou com uma camisa normal, eu coloco um adesivo que já carrego no carro. Juro", conta o iluminador aos risos.

"A iluminação ganhou muito com a tecnologia. Hoje você pode aprofundar espaços, cenas, somente com a iluminação. Passou a ser um item obrigatório e a acrescentar demais aos eventos. Para mim, a iluminação é tudo; ela me veste, me alimenta, ela é minha vida", conclui.

FOTOS: FÁBIO CORTEZ / NJ

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL / NJ

A BELEZA QUE HÁ NA VERDADE

/ LANÇAMENTO / LIVRO DESMASCARA FRAUDES DE MARCHAND BRASILEIRO ESPECIALIZADO EM FALSIFICAR GRANDES PINTORES

FOLHAPRESS

O **PINTOR E** desenhista alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858) esteve no Brasil pela primeira vez em 1822, para participar de uma expedição artística e científica, e permaneceu no país retratando paisagens e cenas indígenas em jornadas que fez no interior de Minas, Bahia e Rio. Quando regressou à Europa, em 1824, levava consigo uma pasta com cerca de 500 desenhos. Eles serviram de base para o livro de gravuras "Viagem Pitoresca Através do Brasil", que Rugendas publicou na década de 1830.

Enquanto Debret, outro conhecido artista-viajante, retratou principalmente cenas de escravidão e do cotidiano no Rio, Rugendas se embrenhou na mata e registrou como ninguém a natureza e a cultura indígena brasileira. Seu trabalho se destaca também por ser minucioso e sistemático.

Hoje, o que movimenta o mercado de arte brasileiro em torno do artista são esses desenhos originais que serviram de base para o livro de gravuras. Em sua maioria, são esboços que custam em mé-



▶ O alemão Rugendas foi um dos grandes artistas-viajantes europeus que documentaram a vida brasileira no século 19



dia US\$ 40 mil (R\$ 79 mil).

Também haveria raras aquarelas —cerca de 15— que chegam a valer US\$ 200 mil (R\$ 394 mil). Este último conjunto, no entanto, acaba de ser desfalcado em dois terços.

No começo desse ano, dez dessas pinturas foram apontadas como falsificações no livro "Rugendas e o Brasil - Obra Completa", que reúne todos os seus desenhos, além de 23 quadros à óleo.

Todas pertencem a colecionadores particulares do Rio ou de São Paulo, sendo três da coleção de Paulo e Cecília Geyer, que foi

doada ao Museu Imperial, subordinado ao Ministério da Cultura.

Elas retratam manifestações folclóricas, cenas urbanas e a natureza selvagem do Brasil na época.

O que chama a atenção é a procedência das peças. De acordo com o livro, todas as falsificações foram produzidas no ateliê do marchand brasileiro Roberto Heymann, que atuou em Paris na primeira metade do século 20.

FALSÁRIO

Este é o terceiro catálogo que aponta golpes cometidos por Hey-

mann, que, além de Rugendas, falsificou aquarelas de Debret e óleos de Armand Julien Pallière.

Com esta nova leva, somam-se 57 obras falsas de sua autoria, que fazem dele o primeiro falsário brasileiro com produção identificada de forma sistemática.

"Ele foi uma mistura de marchand e bandido. Um sujeito hábil, que conhecia muito bem o mercado, e se especializou na fabricação de obras valiosas", diz o chileno Pablo Diener, autor do livro com Maria de Fátima Costa.

Esta é a segunda edição do ca-

tálogo de Rugendas produzida pela dupla. Na primeira, lançada em 2002, não havia identificação de obras falsas. Diener explica que, embora desconfiasse de algumas aquarelas na época da primeira edição, só conseguiu ter certeza das falsificações depois que os métodos do marchand foram melhor identificados.

O primeiro livro que apontou Heymann como falsário foi o catálogo "Debret e o Brasil - Obra Completa", de Pedro Corrêa do Lago e Júlio Bandeira, publicado em 2008. Até então, ele era considerado apenas um grande fornecedor de obras relacionadas ao Brasil do século 19.

Seu método de trabalho era engenhoso. Contratava artistas habilidosos para copiar as gravuras de livros publicados por pintores viajantes como Debret ou Rugendas. As cópias eram feitas em papel antigo e levavam uma assinatura falsa.

"Heymann distorceu a identidade dos artistas que falsificou, criando linhas de produção que nunca existiram. Por isso é importante que seja desmascarado", diz Diener.



"Rugendas e o Brasil - Obra Completa"

▶ Autores Pablo Diener e Maria de Fátima Costa
▶ Editora Capivara
▶ QUANTO R\$ 195 (610 págs.)

PORTINARI, TARSILA E VOLPI FORAM VÍTIMAS DE FRAUDES

A falsificação de obras de arte é um tema espinhoso que não costuma ser tratado abertamente no país. Nos catálogos raisonné publicados no Brasil, que reúnem a obra completa de artistas, o assunto geralmente é deixado de lado porque os editores temem

complicações jurídicas.

Foi o que aconteceu com os catálogos de Cândido Portinari (1903-1962) e Tarsila do Amaral (1886-1973).

O primeiro, lançado em 2004, é fruto de um trabalho de 20 anos de pesquisa. Neste

período, a comissão do Projeto Portinari identificou 670 obras falsas atribuídas ao pintor, que foram deixadas de fora do livro. O de Tarsila, lançado em 2008, localizou 472 falsificações, mas o tema não é explorado no catálogo.

Este silêncio dificulta a identificação de falsários em série como Roberto Heymann.

O próximo do gênero a ser lançado vai reunir a obra completa de Alfredo Volpi

(1896-1988). Até o momento, a comissão responsável pelo livro já identificou 300 falsificações. À frente da pesquisa, o colecionador Marco Antônio Mastrobuono afirma que os falsos ficarão de fora da publicação.

"Quem afirma que uma obra é falsa fica vulnerável porque está acusando alguém de um crime, e é muito difícil provar a falsificação", diz. Segundo ele, os editores preferem adotar

uma posição defensiva, apenas deixando de fora as obras consideradas falsas.

"O mercado e os colecionadores entendem que, se um quadro não foi incluído no livro, é porque não há elementos suficientes que indiquem que ele seja autêntico", diz Mastrobuono.

Na contramão, a editora Capivara publica, desde 2006, catálogos de arte que trazem sempre o capítulo "Atribuições

Rejeitadas", onde são identificadas as obras falsificadas e a coleção a que pertencem.

A editora já lançou livros de artistas dos séculos 17 e 19 como Frans Post e Albert Eckhout, além de Rugendas, Debret e Pallière.

"Seguimos o padrão internacional. Para que os falsos deixem de circular, é essencial que a pesquisa que os identificou os publique", diz o diretor da Capivara, Pedro Corrêa do Lago.



BALANÇO GERAL RN

Jornalismo comunitário,
com prestação
de serviços e as notícias
da sua cidade.

Apresentação

Salatiel de Souza

SEGUNDA A SEXTA, AO MEIO-DIA



Do jeito que o povo gosta.

Social

“A inteligência é o único meio que possuímos para dominar os nossos instintos”
Sigmund Freud (1856/1939)
 Médico austríaco, fundador da psicanálise

E-mail
 sadepaula@novojornal.jor.br

Fones
 84 3342.0358 / 3342.0350



► A arte de Dorian Gray, do acervo de Antônio Marques, para inspirar o nosso domingo



► Gabriel Vasconcelos e Gabriela Dantas, neta de Paulo Macedo e Luiza Maria Dantas, na Toca do Miga, em Extremoz

Sadepaula



Março no Teatro Riachuelo

Como vou estar de férias, segue a programação do Teatro Riachuelo para esse mês:

- **8 (sexta) 20h30** – Renato e seus Blue Caps para os amantes da Jovem Guarda e seu grandes sucessos;
- **14 (quinta) 21h** – Valéria Oliveira com seu show “Em Águas Claras” com participação super especial de Dona Ivone Lara e ingressos a preços populares na bilheteria do teatro;
- **24 (domingo) 19h** - A Aventura dos Piratas, com Lazy Town para a criançada;
- **30 (sábado) 21h** – Geraldo Azevedo pelo Projeto Palco Brasil, com abertura de Mônica Jucá. Ingressos na bilheteria!

A programação completa no teatroriachuelo.com.br



► Roberta Plestsch e Anne Majorie em jantar no Sal & Brasa para lançamento da 40 Graus – Feira de Calçados e Acessórios

Pedagogia de projetos

O Espaço Infantil Primeiros Passos recebeu, no início do ano, crianças do Estágio Mini ao 1º ano que poderão aprender, de acordo com cada faixa etária, a ler, escrever e conviver de forma responsável com o meio ambiente graças ao trabalho pedagógico que tem como referência a Pedagogia de Projetos. A partir do tema “Construindo o amanhã: nós agimos, o planeta sente”, a escola desenvolve vários projetos com os alunos e os professores trabalham os temas a partir de conversas com as crianças para descobrir suas necessidades. Os pais têm papel fundamental no aprendizado das crianças e a cada semestre, eles recebem circulares com os temas dos projetos e são convidados a contribuir, junto com os alunos, para o enriquecimento do trabalho dentro de sala de aula.

VOCÊ SABIA?

Que com o objetivo de melhorar o acesso dos colaboradores às ações de prevenção e recuperação da saúde bucal, a BSPAR Incorporações está oferecendo serviços de odontologia gratuitos em seus canteiros de obras? Que a partir de amanhã, uma unidade móvel especializada estará na obra do empreendimento Vivace, em Candelária? Que a ação, que conta com o apoio de profissionais do SESI, oferecerá os serviços de limpeza, aplicação de flúor, exame clínico, profilaxia e tartarectomia?

Educação e sorriso

O Setor de Odontologia da Casa Durval Paiva desenvolve junto aos pacientes o Projeto Educação e Sorriso, de prevenção à saúde bucal. Quem quiser ajudar, pode doar material de higiene como: escova de dente, creme dental, fio dental e enxaguatório bucal.



► Paulinho Araújo lançando livro pela Editora Jovens Escribas, na próxima quinta, no Solar Bela Vista

Desconto para o humor

O espetáculo “Mais que Dilmais”, com o humorista Gustavo Mendes está com 51% de desconto no site de compras coletivo Natal Urbano. O comediante é do elenco do Casseta & Planeta onde imita a presidente Dilma Rousseff que lhe rendeu a fama nacional. No seu monólogo, além da imitação da presidenta, Mendes reúne no palco uma compilação dos seus melhores textos, piadas, performances musicais ousadas, como ver Maria Bethânia cantando funk, e Alcione, Roberto Carlos e Ana Carolina em situações engraçadas. O show será apresentado no dia 13 de abril no Teatro Riachuelo.

Os 10+

de Dorinha Costa

Maria das Dores Costa nasceu na serra de Martins e veio para Natal em 1954, onde se graduou na Escola de Serviço Social, da qual seria diretora, em 1965, por mais de dez anos. Durante esse tempo batalhou com sucesso pela federalização da citada Escola junto à UFRN. Tem Especialização em Política Social pelo Institute of Social Studies, em Haia, na Holanda, e cursou seu Doutorado na School of Social Work da Tulane University, em Nova Orleans – Luisiana, EUA. Em janeiro de 2008 obteve o diploma de Bacharel em Direito, pela FARN. Tem trabalhos publicados em revistas nacionais e internacionais, e artigos em jornais. Por tentar conscientizar os comerciantes sobre os seus direitos trabalhistas, foi sumariamente demitida pelo presidente do Sesc, Reginaldo Teófilo da Silva, e, na Capelania da Polícia Militar do RN, depois da greve de 1963, foi demitida ex officio, pelo então governador Aluizio Alves, “por conveniência da disciplina”. Dorinha adora viajar e o resultado dessas andanças mundo afora está nas páginas do livro “Viajando com o Inesperado”, que será lançado em grande estilo na próxima sexta-feira, a partir das 19h30, no Solar Bela Vista, na Cidade Alta. Chique como ela só, oferece serviço de manobrista pela rua São Tomé, com entrada pelo jardim do Solar. A coluna pediu à autora que destacasse 10 tópicos que estão detalhados no livro, atçando assim, a curiosidade dos leitores.



- 1** Viajar é a minha maior paixão e já me disseram que eu tinha um “destino viajor”;
- 2** O Rio de Janeiro, Paris e Vancouver, no Canadá, são as cidades que mais me encantam;
- 3** Cruzar a Linha Internacional da Data foi a experiência de viagem que mais me perturbou;
- 4** Não sinto o menor interesse em visitar Dubai: não aprecio o futurismo exibicionista dos xeiques;
- 5** Quando estou em Londres, tenho uma sensação de muita formalidade. Lá eu me sinto mais Maria das Dores Costa do que Dorinha;
- 6** Foi chocante quando em Nairóbe, no Quênia, me perguntaram qual o nome da minha tribo no Brasil;
- 7** Cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso! Pense chegar ao hotel e encontrar sua fachada cheia de coroas de flores, anunciando um casamento e não um funeral em Istambul, na Turquia!
- 8** E a velha Ponte de Igapó? Um colega da Natal da África do Sul me disse que era deles, presente da rainha da Inglaterra. O navio perdeu a rota e nós nos apropriamos do regalo!
- 9** As bombas me perseguiram em viagens a Paris, Madrid, Atenas, Frankfurt e Jerusalém;
- 10** Num palácio, na sisuda Haia, na Holanda, vivi o melhor tempo da minha vida.



► Julia Arruda e Carlos Eduardo Alves, políticos que levam nossa cidade a sério

O sermão

Num ônibus, um padre sentou-se ao lado de um bêbado que com dificuldade lia o jornal. De repente, com a voz empastada, o bêbado perguntou ao padre: - O senhor sabe o que é artrite? O pároco logo pensou em aproveitar a oportunidade para passar um sermão no bêbado e respondeu: - É uma doença provocada pela vida pecaminosa e desregrada, excesso de consumo de álcool, drogas, mulheres perdidas, promiscuidade, sexo, farras e outras coisas que nem ousou dizer. O bêbado arregalou os olhos e só conseguiu dizer: - Puxa vida!... Calou-se e continuou lendo o jornal. Pouco depois o padre, achando que tinha pegado muito pesado, tentou conversar: - Há quanto tempo o senhor está com artrite? - Eu?... Vôtes, prá lá... Nunca tive isso não! Aqui no jornal diz que quem tem isso é o papa...

Férias!!!

Queridos leitores, a partir de manhã estarei gozando de umas benditas férias. Estou de volta do dia 2 de abril. Vocês se comportem na minha ausência e lembrem-se: se beberem, não dirijam e quando forem transar, usem camisinha!!!

Tecnologia pra toda hora.

 Até 15 de março.

miranda.com.br
 2010-1010

PÃO & COMPANHIA.
 SETE VEZES SEGUIDAS
 O MELHOR PÃO
 DE NATAL SEGUNDO
 A REVISTA VEJA.

 Petrópolis 3211-4829 | Ponta Negra 3219-0804 | www.paoecia.com.br

Espaço Reservado para sua MARCA.

 (84) 3342.0369